

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



DISSERTAÇÃO

MEMÓRIAS, OLHARES E AVENTURAS
A experiência do Excursionismo na formação em
Educação Física

Enio Araujo Pereira

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

PELOTAS/RS
2009

ENIO ARAUJO PEREIRA

DISSERTAÇÃO

MEMÓRIAS, OLHARES E AVENTURAS

**A experiência do Excursionismo na formação em
Educação Física**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito para obtenção do título de Mestre. (área do conhecimento: Educação Física)

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo

Co-Orientadora: Profa. Dra. Luciana Marins Nogueira Peil

Pelotas, 2009

P414m

Pereira, Enio Araujo

Memórias, olhares e aventuras : a experiência do excursionismo na formação em educação física / Enio Araujo Pereira; orientador Luiz Carlos Rigo. Pelotas : UFPel - ESEF, 2009.

118p.: il.

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pelotas. Escola Superior de Educação Física. Curso de Pós-Graduação em Educação Física.

1. Educação Física 2. Esportes de aventura 3. Formação profissional

Bibliotecária Responsável Patrícia de Borba Pereira CRB10/1487

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo – UFPel

Profa. Dra. Doutora Eliane Ribeiro Pardo – UFPel

Prof. Dr. Marcio Xavier Bonorino Figueiredo – UFPel

Profa. Dra. Vera Lúcia de Menezes Costa – UGF

AGRADECIMENTOS

Aos nossos familiares, pelo carinho, apoio e compreensão pelas inevitáveis ausências em tantos momentos.

Ao Professor Doutor Luiz Carlos Rigo, por sua maneira dedicada e competente na orientação de nossos estudos.

À Professora Doutora Luciana Peil, por suas sugestões e por sua disposição nas “coberturas acadêmicas”, quando de nossos afastamentos didáticos da disciplina de Excursionismo.

Aos professores do curso de mestrado, por nos possibilitarem novos aprendizados, contribuindo significativamente para realização de nosso trabalho.

Aos colegas mestrandos por nos incluírem entre os “guris” da turma, e em especial ao colega, Gustavo Freitas, por sua “parceria” durante o curso.

À Flávia Guidotti pelo trabalho das fotos na qualificação e aos acadêmicos Alex Vitória, Caio Freitas, Marcio Vieira e Mateus Salermo pela digitalização.

À acadêmica Marciele Rodrigues, pelo trabalho imprescindível nas aventuras da digitação de nossa escrita.

À Gilce Mari Al Alam, pelo empenho e dedicação na correção de nossos descuidos nas normas, na escrita e na formatação.

Aos parceiros nas aventuras profissionais, acadêmicas, e esportivas que compartilharam conosco momentos significativos durante estes anos de Excursionismo, Grito das Águas, Ecomotion, CBAA, e tantos outros.

Em especial aos alunos da disciplina, que acreditaram na nossa proposta e vivenciaram com seus corpos aventureiros esta experiência, que espero, tenha sido tão significativa para eles quanto foi para nós.

O nosso muito obrigado!

Papai Smurf, São Nunca, Gato Mestre,e, no momento, Papai Urso.

O VERDADEIRO MESTRE

Mais do que ensinar,
Muito amar e compreender...

Mais do que aceitar,
Fazer por conhecer...

Mais do que falar,
Sondar o coração de cada um,
Descobrir o que ele quer dizer

Mais do que andar ao lado
Por vezes amparar, carregar ao colo...

Mais do que ensinar as cores,
Emprestar o seu olhar...

Mais do que ouvir,
Desvendar o pensamento,
Entender a linguagem dos gestos, os sinais....

Mais do que a inteligência,
Usar a perspicácia, a coragem, a paciência...
E, sobretudo, prontidão para o inesperado!

Mais do que mestre, muito amigo...
Um pouco mãe...
Um pouco pai...
Um toque de anjo...
Mensageiro de paz!

(Yeda Araújo Pereira)

RESUMO

PEREIRA, Enio Araujo. Memórias, Olhares e Aventuras: a experiência do excursionismo na formação em Educação Física. 2009. 118f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

Este trabalho tem por objetivo resgatar memórias das atividades na natureza desenvolvidas nas aulas práticas da disciplina de Excursionismo do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas e verificar quais foram os aspectos mais significativos revelados pelos alunos a respeito dessas práticas. Para o estudo, utilizamos a narrativa e a cartografia para mapear documentos dos registros imagéticos (fotos e filmes), escritos e falados (questionários, avaliações, depoimentos), referentes a essas atividades. A partir dos depoimentos dos alunos, extraídos das respostas do questionário de avaliação da disciplina, realizamos algumas reflexões sobre as palavras e olhares dos mesmos em relação às aulas práticas. Dentre os aspectos revelados aparecem a interação das relações entre sujeito, meio ambiente natural e sua preservação; o fortalecimento das aprendizagens e conhecimento pela experiência; a potencialização das atitudes, das sensibilidades e das relações sociais; e a troca de conhecimentos através da indissociabilidade e da interdisciplinaridade como contribuições para a formação acadêmica. Concluímos o estudo assinalando a importância de as Atividades Físicas na Natureza conquistarem um espaço maior nos currículos dos cursos superiores de Educação Física, ampliando e intensificando as intervenções no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

Palavras-chave: Esportes de Aventura – Educação Física – Formação Profissional – Meio Ambiente.

ABSTRACT

PEREIRA, Enio Araujo. Memories, Looks and Adventures: the experience of Excursionism in Physical Education Formation. 2009. 118f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS.

This work describes a rescue of memories of activities in nature development in practice classes of subject of Excursionism of degree in Physical Education in University Federal of Pelotas and check which was the more significant aspects reveled by the students about these practices. To the study we used the narrative and cartography to map documents of imagetic registers (photos and films), wrote and spoken (questionaries, evaluations, point of views) refered to these activities. According to the student's opinions took to the answers of evaluations questionary of subject, we realize some reflexions about words and point of views of them in relation to the practice classes. Among the aspects revelead appered the interaction of relations between the citizen and natural environment and its preservation; the strengthening of learning and knowledge by experience, the potentialization of actitudes, the sensibility and social relations, and exchange of knowledge through the indissociability, and interdisciplinarity as contributions to the academic formation. To conclude the study we point the importance of Physical activities in nature get a bigger space in curriculum of high courses of Physical Education, extending and intensifying the interventions in range education of research and extension.

Key-words: Adventure Sports – Physical Education – Profissional Formation Environment

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1: PROVA DE CAVALGADA NO LARANJAL	ILUSTRAÇÃO 2: BIKE NA ESTRADA DA GALATÉIA. 25
ILUSTRAÇÃO 3: PROVA COM BOTES NO ARROIO PELOTAS	ILUSTRAÇÃO 4: ALUNOS DA ORGANIZAÇÃO 25
ILUSTRAÇÃO 5: ABERTURA – GRAMADO/RS	ILUSTRAÇÃO 6: SERRA DO FAXINAL/SC 26
ILUSTRAÇÃO 7: PC – PREPARANDO AS BIKES (RS)	ILUSTRAÇÃO 8: AT – TRABALHO APÓS A CHUVA . 26
ILUSTRAÇÃO 9: PROVA DE CANOAGEM (RS)	ILUSTRAÇÃO 10: EQUIPE Go Lite TIMBERLAND/EUA. 27
ILUSTRAÇÃO 11: CANOAGEM NO ARROIO PELOTAS/RS (2006)	28
ILUSTRAÇÃO 12: CAMINHADAS E CAVALGADAS EM SANTANA DA BOA VISTA/RS (2002)	29
ILUSTRAÇÃO 13: IMAGEM AÉREA DE PARTE DO CÂNION ITAIMBÉZINHO/RS (2000).....	29
ILUSTRAÇÃO 14: VISTA DO ALTO DA PEDRA DO SILENCIO, NOVA PETRÓPOLIS/RS (1998)	30
ILUSTRAÇÃO 15: LARGADA DO ECOMOTION PRO NA PEDRA DA GUARITA, TORRES/RS (2005)	31
ILUSTRAÇÃO 16: TREM QUE LEVA OS AVENTUREIROS AO PARQUE ESTADUAL DO MARUMBI, PARANÁ (2004) 32	
ILUSTRAÇÃO 17: MONTANHAS FOTOGRAFADAS DA ESTAÇÃO DO TREM. PARQUE MARUMBI/PR (2004).....	33
ILUSTRAÇÃO 18: PARQUE NACIONAL DAS CATARATAS, FOZ DO IGUAÇU/PR (2006)	33
ILUSTRAÇÃO 19: ENTARDECER NO PARQUE ESTADUAL DO IBITIPOCA/MG (2001)	34
ILUSTRAÇÃO 20: ZONA RURAL, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 21: C. DO ARCO ÍRIS, PELOTAS/RS .. 54
ILUSTRAÇÃO 22: TREKKING NA ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE PELOTAS/RS	54
ILUSTRAÇÃO 23: CANAL SÃO GONÇALO, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 24: H. BOTÂNICO-UFPAL C.LEÃO/RS 56
ILUSTRAÇÃO 25: PANELÃO, N.PETRÓPOLIS/RS	ILUSTRAÇÃO 26: PONTE PÊNSIL, N. PETRÓPOLIS/RS 57
ILUSTRAÇÃO 27: C. A. DA PALMA – UFPAL, CAPÃO DO LEÃO/RS	57
ILUSTRAÇÃO 28: PEDRA DO SEGREDO, CAÇAPAVA DO SUL/RS	ILUSTRAÇÃO 29: GRUPO UNIVERSITÁRIO DE DANÇA ESEF - UFPAL
ILUSTRAÇÃO 30: C. HOLÍSTICO. PELOTAS/RS.....	58
ILUSTRAÇÃO 31: PRÁTICA NAS TRILHAS, PELOTAS/RS.....	58
ILUSTRAÇÃO 32: PANELÃO, N.PETRÓPOLIS/RS	ILUSTRAÇÃO 33: PANELÃO, N. PETRÓPOLIS/RS.. 59
ILUSTRAÇÃO 34: PEDREIRA DO M. BONITO, PELOTAS	ILUSTRAÇÃO 35: PEDREIRA Z. RURAL,PELOTAS/RS 60
ILUSTRAÇÃO 36: PANELÃO, NOVA PETRÓPOLIS/RS	ILUSTRAÇÃO 37: CASCATA, PELOTAS/RS
ILUSTRAÇÃO 38: BEIRA DA LAGOA PELOTAS/RS.	ILUSTRAÇÃO 39: PEDREIRA M BONITO – PELOTAS/RS.62
ILUSTRAÇÃO 40: PALMA, CAPÃO DO LEÃO/RS	ILUSTRAÇÃO 41: SEDE DA ESEF, PELOTAS/RS .. 63
ILUSTRAÇÃO 42: LAGOA DOS PATOS, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 43: ECOMUSEU, RIO GRANDE/RS... 63
ILUSTRAÇÃO 44: CENTRO DE CONVIVÊNCIA HOLÍSTICA – HIDRÁULICA, PELOTAS/RS	64
ILUSTRAÇÃO 45: CAPÃO DO LEÃO/RS	ILUSTRAÇÃO 46: C. HOLÍSTICO, PELOTAS/RS..... 64
ILUSTRAÇÃO 47: CENTRO HOLÍSTICO, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 48: CAVG, PELOTAS/RS..... 65
ILUSTRAÇÃO 49: PRÉDIO HISTÓRICO DA HIDRÁULICA PELOTENSE, PELOTAS/RS	65
ILUSTRAÇÃO 50: ZONA RURAL, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 51: ILHA DA FEITORIA, PELOTAS/RS 66
ILUSTRAÇÃO 52: ECOMUSEU, RIO GRANDE/RS	ILUSTRAÇÃO 53: ECOMUSEU, RIO GRANDE/RS.... 66
ILUSTRAÇÃO 54: PRAIA DO TOTÓ, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 55: GINÁSIO ARENA, PELOTAS/RS .. 67

ILUSTRAÇÃO 56: LAGOA DOS PATOS, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 57: L. DOS PATOS, PELOTAS/RS	68
ILUSTRAÇÃO 58: ECO CAMPING, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 59: Eco CAMPING, PELOTAS/RS	68
ILUSTRAÇÃO 60: CORRIDA DE AVENTURA DA FESTA DO PEIXE ECO CAMPING – COLÔNIA Z3, PELOTAS/RS.	ILUSTRAÇÃO 60: CORRIDA DE AVENTURA DA FESTA DO PEIXE ECO CAMPING – COLÔNIA Z3, PELOTAS/RS.	68
ILUSTRAÇÃO 61: PONTE DO TREM, CAPÃO DO LEÃO/RS	ILUSTRAÇÃO 62: RAFTING, TRÉS COROAS/RS ..	69
ILUSTRAÇÃO 63: R. DOS COSWIG, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 64: P.SILÊNCIO, N. PETRÓPOLIS/RS ..	70
ILUSTRAÇÃO 65: HORTO BOTÂNICO, UFP/RS	ILUSTRAÇÃO 66: RIO PARANHAMATRÉS COROAS/RS .	70
ILUSTRAÇÃO 67: BOULDER, NOVA PETRÓPOLIS/RS	ILUSTRAÇÃO 68: CAMPUS UFP/RS	71
ILUSTRAÇÃO 69: CANAL S.GONÇALO, PELOTAS/RS	ILUSTRAÇÃO 70: P. SILÊNCIO, N. PETRÓPOLIS/RS..	71
ILUSTRAÇÃO 71: 1991/2 – PRIMEIRA TURMA...	ILUSTRAÇÃO 72: 1992/2 – A MAIOR TURMA.....	76
ILUSTRAÇÃO 73: 1994/2 – TURMA ECOVIV	ILUSTRAÇÃO 74: 1998/2 – TURMA PEDRA DO SILÊNCIO	76
ILUSTRAÇÃO 75: 1999/2 – TURMA LIXÃO DO RAPEL	ILUSTRAÇÃO 76: 2000/2 – TURMA TRILHA JARDIM ..	77
ILUSTRAÇÃO 77: 2001/2 – TURMA DO ARVORISMO.....		77
ILUSTRAÇÃO 78: 2002/1 – TURMA DE INVERNO	ILUSTRAÇÃO 79: 2002/2 – TURMA DO PEDAL.....	77
ILUSTRAÇÃO 80: 2003/1 – TURMA ECOMUSE	ILUSTRAÇÃO 81: 2003/2 – TURMA ILHA DA FEITORIA	78
ILUSTRAÇÃO 82: 2004/2 – TURMA DA LAGUNA	ILUSTRAÇÃO 83: 2005/1 – TURMA GRITO DAS ÁGUAS	78
ILUSTRAÇÃO 84: 2005/2 – TURMA LOUCOS POR RAFT	ILUSTRAÇÃO 85: 2006/2 – ÚLTIMA TURMA	78
ILUSTRAÇÃO 86: ESCALADAS INDOOR (2004)	ILUSTRAÇÃO 87: TREKKING COM NEBLINA (2002) ...	79
ILUSTRAÇÃO 88: TRILHAS DE BIKE (2005)	ILUSTRAÇÃO 89: TRAVESSIAS NO VALE (2005)	79
ILUSTRAÇÃO 90: MONTAGEM DO ACAMPAMENTO (2004)	ILUSTRAÇÃO 91: CURTINDO A BARRACA (1991). 79	
ILUSTRAÇÃO 92: PEDALADAS ECOLÓGICAS (2003)	ILUSTRAÇÃO 93: TRILHAS ÍNGREMES (2005)	80
ILUSTRAÇÃO 94: RAFTING COM EMOÇÃO (2004)	ILUSTRAÇÃO 95: TIROLESAS COM ADRENALINA (2005) 80	
ILUSTRAÇÃO 96: TREKKING NAS DUNAS (2002)	ILUSTRAÇÃO 97: ARVORISMO E SEGURANÇA (2003). 80	
ILUSTRAÇÃO 98: RAPEL NA MONTANHA (2005)	ILUSTRAÇÃO 99: TREINOS PARA RAFTINHG (2006) ... 81	
ILUSTRAÇÃO 100: TRANSPONDO OBSTÁCULOS (2001)	ILUSTRAÇÃO 101: Eco TREKKING (2002)..... 81	
ILUSTRAÇÃO 102: TREKKING PESADO (2003)		81
ILUSTRAÇÃO 103: ÁGUAS QUE DESCSEM...	ILUSTRAÇÃO 104: RIOS QUE CORREM..... 82	
ILUSTRAÇÃO 105: VERDES NA MATA...	ILUSTRAÇÃO 106: OUTROS VERDES...	82
ILUSTRAÇÃO 107: O NASCER DO DIA...	ILUSTRAÇÃO 108: O CAIR DA NOITE!	82
ILUSTRAÇÃO 109: AS OBRAS DE ARTE...	ILUSTRAÇÃO 110: A ARTE DAS OBRAS...	83
ILUSTRAÇÃO 111: SEUS ARTISTAS...	ILUSTRAÇÃO 112: SEUS HABITANTES..... 83	
ILUSTRAÇÃO 113: AMEAÇADOS...	ILUSTRAÇÃO 114...POR VESTÍGIOS HUMANOS!	83

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	8
1. INTRODUÇÃO	11
1.1 JUSTIFICATIVA	11
1.2 NAS TRILHAS METODOLÓGICAS	12
2. O CAMINHO PERCORRIDO	15
2.1 VIVÊNCIAS NA INFÂNCIA	15
2.2 AS PRÁTICAS DOCENTES NA ESCOLA.....	16
2.3 TRAJETÓRIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE	18
2.4 TRANSITANDO PELOS EVENTOS CIENTÍFICOS	19
3. EXPERIÊNCIAS EM AVENTURAS.....	22
3.1 EM BUSCA DE CONHECIMENTO E EXPERIÊNCIA.....	22
3.2 AVENTURAS, RAZÃO E EMOÇÃO	23
3.3 LUGARES, VIAGENS E AVENTURAS	27
4. AS ATIVIDADES FÍSICAS E OS ESPORTES NA NATUREZA.....	35
4.1 AS PRÁTICAS DE AVENTURA E OS ESPAÇOS NA NATUREZA	35
4.2 AS MODALIDADES DE AVENTURAS NA NATUREZA	36
4.3 OS ESPORTES DE AVENTURA E AS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA	42
5. A DISCIPLINA DE EXCURSIONISMO COMO EXPERIÊNCIA CURRICULAR ...	45
5.1 O SURGIMENTO E A IMPLANTAÇÃO DA PROPOSTA.....	45
5.2 OS CONTEÚDOS E A AVALIAÇÃO	46
5.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE O REFERENCIAL TEÓRICO	47
5.4 AS PRÁTICAS CURRICULARES DE AVENTURAS NA NATUREZA	50
5.4.1 Componentes essenciais para realização das aulas práticas.....	50
5.4.2 Desenvolvimento das aulas práticas.....	52
5.4.2.1 Período compreendido entre os anos de 1991 e 2000	53
5.4.2.2 Período compreendido entre 2001 e 2006	61
5.5 A DISCIPLINA DE PRÉ-ESTÁGIO.....	72
5.6 O PROJETO "GRITO DAS ÁGUAS"	72
6. IMAGENS E OLHARES.....	76
6.1 OS AVENTUREIROS	76
6.2 AS AVENTURAS	79
6.3 A NATUREZA.....	82

7. OLHARES E PALAVRAS.....	84
7.1 O SUJEITO, O MEIO AMBIENTE E A NATUREZA.....	87
7.2 APRENDIZAGEM E CONHECIMENTO PELA EXPERIÊNCIA.....	92
7.3 ATITUDES, RELAÇÕES E SENTIMENTOS.....	97
7.4 CURRÍCULO, FORMAÇÃO, INTERDISCIPLINARIDADE E CAMPO DE TRABALHO.....	99
8. CONCLUSÃO	103
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111
ANEXOS	115
ANEXO I: PROGRAMA DA DISCIPLINA	115
ANEXO II: QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA.....	117
ANEXO III: ENTIDADES, LUGARES E PESSOAS.....	118

1. INTRODUÇÃO

1.1 Justificativa

BEM-VINDOS AO PAÍS DA AVENTURA

O Brasil é um paraíso para os viciados em esportes de ação. As férias de julho são um convite irresistível para quem quer se pendurar, remar, pedalar, voar...

Dizem que a Nova Zelândia é uma terra de aventura. Que nos desculpem os simpáticos kiwis, como são chamados os habitantes daquela ilha. Mas neste aspecto o Brasil é imbatível. A começar pelo território. Nos seus mais de oito milhões de quilômetros quadrados, encontra-se praticamente, tudo o que um aventureiro sonha e necessita para se divertir. São selvas, montanhas, corredeiras, trilhas, baías, cachoeiras... Enfim, um diverso conjunto que une clima, biodiversidade e adrenalina. Ainda falta um pouco de estrutura. Mas isso não impede que cada vez mais gente brinque ou leve a sério essa história de se pendurar em cordas, descer rios revoltos, passar horas, ou dias, caminhando na mata. Não há números muito precisos, mas aqueles que vivem da aventura, acreditam que hoje, alguns milhões de brasileiros, pratiquem esportes ao ar livre

(Reportagem de Chico da Silva – Revista ISTO É, Julho, 2003)

O crescimento do Turismo de aventura e dos Esportes de aventura na natureza tem sido considerado de grande importância para o desenvolvimento sustentável de muitas comunidades das várias regiões do país, onde existem verdadeiros paraísos naturais, propícios para atividades físicas na natureza. São vales, montanhas, rios, cachoeiras, cavernas, matas, distribuídos pelo território brasileiro, possibilitando uma grande diversidade de modalidades. São pessoas querendo fazer *trekking*, escalada, *rafting*, *mountain-bike*, mergulho, corridas de aventura, entre outros, e necessitam ser orientadas, tanto nos aspectos técnicos de cada atividade esportiva ou turística quanto nas suas relações e intervenções no ambiente em que se encontram. Por esse motivo, tem sido bastante discutida a importância de um trabalho de formação dos profissionais que atuam nestas áreas, revendo e questionando as formas de intervenção, como também a capacitação dos mesmos nas atividades físicas e nos esportes de aventura na natureza.

No Rio Grande do Sul, assim como em outros estados, também vemos várias destas modalidades de esportes de aventura, a cada momento, com maior

número de praticantes. Tendo em vista a importância que possui um curso superior na formação de profissionais e a sua relação com os interesses da comunidade na qual está inserido, consideramos oportuno abordar nesta dissertação de mestrado, um estudo sobre as práticas vinculadas à área das atividades físicas e dos esportes de aventura na natureza, desenvolvidas no currículo do Curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

Embora atualmente alguns cursos já trabalhem conteúdos desta área, entendemos que o presente trabalho, possa contribuir para as discussões e reflexões sobre as práticas de tais atividades, através da revelação dessa experiência curricular realizada desde o ano de 1991, na disciplina de Excursionismo.

1.2 Nas trilhas metodológicas

A pesquisa é uma espécie de busca de respostas para dúvidas e questionamentos que fazemos a nós mesmos. Ou ainda, a busca de provas de conhecimentos a partir de certas inquietações ou hipóteses, que posteriormente poderão, também, ser questionadas por outros. A metodologia e os métodos são os caminhos e os equipamentos que escolhemos para trabalhar na busca dos objetivos que estabelecemos para nosso estudo. As trilhas geralmente não são fáceis e, se não tivermos segurança, bons mapas, boa orientação e persistência, não raro poderemos nos perder. Mas com tranquilidade e conhecimento, poderemos chegar a resultados que podem transformar a caminhada num esforço compensador.

Escrever assemelha-se mais a uma caminhada sobre a montanha do que a um trabalho comum; menos simples que o campo, a página inspirada desponta vertical e apaixonada. Anteriormente, a folha de papel sobre a mesa parecia-se com a área de trabalho do computador; agora a tela plana do monitor faz às vezes de um paredão: em que agarras se apoiar? Neste momento todo o corpo se une, dos pés ao crânio: cabeça e ventre, músculos e sexo, dorso e nádegas, suor e presença de espírito, emoção, atenção e coragem, lentidão e perseverança, os cinco sentidos reunidos pelo sentido do movimento. Subitamente, com velocidade extraordinária, a inspiração e a concentração exigem o silêncio. O verdadeiro tema da escrita se adere à página-muralha, escala a tela, engaja-se num corpo-a-corpo combativo, sincero, respeitoso, familiar, encantado, amoroso. Dado que a escrita perdoa tão pouco como a montanha, a maioria dos turistas-escritores se faz preceder de guias e rodear-se de um conjunto de recursos:

citações-garantia, notas-refúgio, referências-pítons. Um trabalho falso consiste em multiplicar os nomes próprios; o trabalho do verdadeiro escritor exige a totalidade do corpo em um engajamento único, singular e solitário. Exige exercícios físicos, dieta bastante austera, vida ao ar livre, práticas intermináveis de força e adaptação, em comparação com a escrita, um percurso na montanha vale por dez bibliotecas. (SERRES, 2004, p.16 - 17).

Começarmos esta escrita foi bastante difícil, mesmo imbuídos da vontade de fazê-lo e possuirmos bastante tempo de magistério. Descobrimos, porém, que temos praticado muito, mas escrito pouco. E, embora gostemos muito mais de praticar do que de falar ou escrever sobre as nossas práticas, não podemos esquecer de que a universidade necessita da escrita, do registro, da memória, da história, pois eles fazem parte do processo de formação profissional, que visa atender aos anseios da sociedade, através de profissionais capazes de interagir com a mesma, ensinando, criando, atendendo, curando, pesquisando, informando, salvando, analisando, enfim, convivendo com a realidade, na busca por melhores condições de vida para o homem e o meio ambiente que o cerca.

Para desenvolver este estudo que estamos propondo, o qual consiste em resgatar a memória de nossas experiências com atividades físicas e esportes de aventura na natureza, através de registros em imagens e textos, no período compreendido entre os anos de 1991 e 2006, no currículo da Escola Superior de Educação Física, da Universidade Federal de Pelotas, procuramos, entre as metodologias qualitativas, selecionar aquelas que pensamos serem as mais apropriadas para nos fornecer os suportes metodológicos e acadêmicos para o estudo pretendido.

No primeiro momento do trabalho, utilizamos a narrativa de histórias de vida, abordada por Marie-Christine Josso (2004), para situarmos no espaço e no tempo as nossas experiências, o desenvolvimento das atividades, os lugares e as pessoas que fizeram parte das mesmas. No segundo momento (Capítulo 7) realizamos uma análise cartografando os registros escritos pelos discentes que participaram das disciplinas de Excursionismo e do Pré-Estágio por nós ministradas. Estes eram compostos por avaliações; questionários; relatórios, que foram elaborados de forma individual ou em pequenos grupos.

Assim, parece-nos que o método cartográfico, utilizado no Brasil de forma sistemática por Sueli Rolnik (2006), contém alguns dos princípios metodológicos que

foram utilizados por nós, para realização deste estudo, que, partindo da nossa história de vida junto ás aventuras na natureza, adentrou nossa experiência profissional e culminou com uma análise sobre os aspectos mais significativos exteriorizados pelos acadêmicos, sobre as práticas desenvolvidas na disciplina de Excursionismo, por nós ministrada, no currículo da ESEF/UFPEL.

A sintonia e a escolha com o método da Cartografia estão também nas singularidades que o mesmo abarca, principalmente, quando prevê e valoriza a metodologia enquanto movimento, em um constante estado de (des) territorialização e (re) territorialização, envolvendo o sujeito, o objeto, as fontes e as teorias. Como destacou Mairesse (2003, p. 271) a cartografia não lida com o "melhor caminho" ou o mais "correto". Pelo contrário, pressupõe que "são pelos desvios que se começa a jornada, pelas linhas mal/bem traçadas do desejo que se realiza a cartografia, potencializando vidas num constante jogo de poder e afeto".

Além dos registros escritos, faremos uso dos registros imagéticos, as fotografias, que compõem o acervo das práticas desenvolvidas na disciplina de Excursionismo. As fotografias serão utilizadas no estudo, tendo como suporte as contribuições teóricas e metodológicas que Roland Barthes (1984) faz sobre a fotografia em seu livro, "A Câmara Clara: nota sobre a fotografia". Assim as fotografias irão aparecer ao longo do trabalho de diferentes maneiras, individuais, em duplas ou em série. Lembranças e memórias materiais de nossa prática curricular, as fotografias formam um texto que falam em conjunto com a escrita, mas, cada uma delas individualmente ou em série, formam outro pequeno texto, que irá falar de forma singular para cada leitor, dependendo da "atração", que exerce sobre cada um, entendida aqui como "aventura". Ou seja, "tal foto me advém ou não". Barthes (1984, p. 36).

2. O CAMINHO PERCORRIDO

2.1 Vivências na infância

Viajar para a cidade de Bagé de trem e, em seguida, chegar à fronteira, era realmente uma aventura para um garoto com aproximadamente cinco ou seis anos. Brincávamos nos períodos de férias, em Aceguá, na época, vilarejo, na fronteira com o Uruguai. Caminhávamos subindo e descendo morros, correndo com os animais no campo, sentindo o cheiro do pasto, ainda molhado pelo sereno. Em meio aos patos, galinhas, raposas, gambás, aranhas passamos momentos, que revivemos em nossos pensamentos, quando começamos a escrever este trabalho. Foi difícil não lembrar e maravilhoso recordar o cheiro de leite quente saído da vaca, e bebido ali, na hora, às vezes com um pouquinho de canela por cima, para dar um sabor ainda mais gostoso.

E, quando viajávamos com nossos tios, de carro, perguntávamos, ao avistar, à beira da estrada, um morro mais alto (que para nós era uma montanha), que lugar era aquele, para que um dia, pudéssemos voltar até lá para escalá-lo. Anotávamos a lápis em um bloco de papel sua "localização".

Já na idade escolar, moramos por algum tempo em frente a uma praça. Praça esta que era, ao mesmo tempo, quintal e área de recreio, pois nossa escola ficava localizada no seu interior. Árvores, terra, animais, como pássaros, macacos, capivaras estavam sempre fazendo parte do nosso dia-a-dia. Os "passarinhos" viviam cantando, comendo e voando à nossa volta e para que os amigos não descobrissem que não gostávamos de acertar pedras nos pardais, sempre errávamos o "alvo". Para nós, era melhor ser ruim de pontaria do que matar os pássaros.

Quando nossos pais construíram uma casa, ela não possuía muros no pátio e os terrenos à sua volta estavam vazios, e, também sem muros. Dessa forma, havia uma ligação direta com os pátios dos vizinhos. Aquele era um espaço fantástico, um

meio natural com capim, eucaliptos, árvores frutíferas, funchos e flores do campo. Tínhamos muitos amigos e nos juntávamos para desfrutar a natureza em meio urbano. Ali, naquele lugar, brincávamos, comíamos e quase dormíamos. Eram aventuras na natureza quase todos os dias, até começarem as construções: primeiro dos muros, depois dos prédios, até sumir nosso espaço na natureza.

Estamos narrando algumas vivências de nossa infância, não como saudosismo, mas, porque acreditamos que estas experiências contribuíram para nossa formação e construção, como sujeito.

O contato com a terra, com ambientes selvagens, e com os ritmos do planeta transmite ao homem valores que não são os mesmos dos de um garoto que cresceu exclusivamente dentro da cidade. Há na natureza uma espécie de mágica, que ilumina o homem e transcende sua mera educação. É como se a cidade, de certa forma, alienasse o homem de valores mais profundos, e o fechasse num círculo de urbanidades mesquinhos. (BECK, 1997 p.3)

2.2 As práticas docentes na escola

Os saberes docentes cotidianos são aqueles construídos e apropriados pelos professores ao longo de sua trajetória profissional e pessoal, resultantes de sua prática, reflexão e experimentação. (CALDEIRA, 2001, p. 98)

Na época em que ainda estudávamos na universidade, já trabalhávamos em dois empregos: um em uma Escola Especial em Pelotas e o outro numa Escola Estadual, localizada na zona rural do município de São Lourenço do Sul.

O primeiro trabalho nos proporcionou um crescimento pessoal e profissional muito gratificante, na convivência com crianças e adolescentes com deficiência mental e outras deficiências, num período em que o "excepcional" ainda era bastante discriminado e tratado com caridade, pena e considerado uma pessoa sem muito futuro.

Naquele tempo, a Escola não possuía instalações cobertas para as aulas de Educação Física e o pátio possuía terreno bastante irregular. Como havia Olimpíadas e Jogos com outras instituições em nível local e estadual, utilizávamos uma área verde de uma instituição religiosa, com campos de futebol e muitas árvores; espaço perfeito para trabalhar com atividades ao ar livre. Foi um período em

que pudemos observar como havia a necessidade de existir, no currículo do curso de Educação Física, conteúdos e disciplinas nesta área tão diferenciada.

Logo que assumimos a função docente no curso de Educação Física, tomamos a decisão de encaminhar uma proposta de inserção da disciplina denominada Educação Física para Excepcionais (terminologia utilizada na época - início dos anos oitenta). Seria uma disciplina com caráter optativo, para que os futuros professores pudessem conhecer e vivenciar alguns conteúdos referentes a atividades físicas para pessoas portadoras de necessidades especiais.

Em nosso segundo emprego tínhamos um contrato no funcionalismo público estadual, onde encontramos outra realidade: o ensino da Educação Física no meio ambiente natural da zona rural. Lá, aprendemos a diferença entre emprego e trabalho, pois ao nos apresentar na escola, o diretor, muito cordial, mas bastante incisivo perguntou-nos se estávamos lá para trabalhar ou apenas, "fazer de conta", e receber o salário de empregado do estado ao final do mês. Percebemos, naquele momento, que ele não possuía uma boa impressão de professores de Educação Física. Mas, nos pareceu sincero, deixando clara a sua visão. E mais, reuniu os outros professores da escola e, apesar de todos os horários estarem definidos (as aulas já haviam começado há um mês), comunicou que os mesmos seriam trocados, para que os períodos de Educação Física, fossem realizados em dias alternados, e que, após cada aula prática da disciplina, os alunos teriam um horário vago para a higiene pessoal e descanso. Após isso, então, retornariam para as aulas seguintes (a escola possuía vestiários para banho). Esta experiência pela qual passamos, nos revelou que não eram apenas os profissionais da Educação Física que valorizavam a área — algo que nos deu ao mesmo tempo estímulo e senso de responsabilidade para desenvolver nossas funções. A Escola possuía campo de futebol, árvores no seu entorno, matas, arroios, açudes, trilhas com aclives e declives e estradas de terra no interior das lavouras e pomares. Nesta escola vivenciamos nossas primeiras experiências, como professor em atividades físicas na natureza. E, por que não dizer, de aventura!

Primeiro, sobre duas rodas, viajando cerca de 90 km em uma moto até a escola pela BR 116. E, se alguém acha que é bom, imagine, no inverno, na estrada, ao lado dos caminhões, com cerração, neblina ou chuva. Havia também um ônibus que nos deixava a 4 km da escola, e depois, bastava andar pelo barro, ou pegar

uma carona, a cavalo, numa carroça, ou num caminhão carregado de inseticida, adubo, etc. Quando o diretor autorizava, por causa da chuva, um funcionário transportava três a quatro "professoras" numa caminhonete, cabine simples, e dava carona para o "professor de física", na carroceria, pois na cabine, não havia lugar.

Contudo, isto era apenas para conseguirmos chegar na escola. Lá chegando, os alunos já estavam prontos e ansiosos para caminhadas nas trilhas, corridas na estrada, travessias do açude a nado ou travessias com cipós, sobre o arroio na mata. Até mesmo trilhas noturnas com alunos do internato, chegamos a fazer e, obviamente, futebol no campo. As rústicas na cidade de São Lourenço, as aulas nas margens do Rio Camaquã e outras atividades fizeram daqueles dois anos, uma valiosa experiência docente, não apenas pelo privilégio de trabalhar junto à natureza, mas também por conviver com alunos, professores e administradores que contribuíram, significativamente, para nossa vida pessoal e profissional.

2.3 Trajetórias na formação docente

Na universidade, após dois anos cursando Administração de Empresas, optamos por realizar vestibular para o curso de Educação Física, pois ainda acreditávamos nos famosos testes vocacionais que fazíamos no segundo grau, que apontavam para um desejo nosso de ser professor.

Seguindo nossa trajetória, concluímos o curso de Educação Física em 1977 e, dois anos depois, cursamos uma pós-graduação com Especialização em Ginástica. No ano seguinte, ingressamos como professor auxiliar, na Universidade Federal de Pelotas. Começamos, lecionando as cadeiras de Atletismo e História, Organização e Administração da Educação Física e Desportos. Após algumas tentativas, conseguimos, dois anos depois, lecionar a cadeira de Ginástica Olímpica, na qual continuamos até hoje, como responsável.

Durante alguns anos também lecionamos Rítmica e Dança. Por esse motivo, decidimos realizar outro curso de especialização na Universidade Gama Filho, sobre Ensino da Dança. Este curso foi um marco importante em nossa vida profissional. As experiências vividas nos vários mundos da dança nos oportunizaram um convívio com pessoas que contribuíram significativamente para ampliar nossos horizontes,

não apenas na dança, mas também na Educação Física e sua relação com outras áreas do conhecimento e com a sociedade.

Embora estivéssemos quase todo o tempo em aula, conseguimos conhecer, além dos pontos turísticos já consagrados do Rio de Janeiro, um lugar fantástico – Angra dos Reis – remar, nadar e apreciar aquele mar e aquelas ilhas foi uma aventura na natureza inesquecível! No entanto, é difícil não pensar: porque ali, uma usina nuclear? Ou ainda, para quê uma usina nuclear?¹

No período entre o ano de 1989 e 2001, ocupamos alguns cargos administrativos e políticos, como coordenação de colegiado, vice-direção e direção da Escola de Educação Física e, por último, presidente da Associação de Docentes da Universidade. Foram experiências significativas para nosso crescimento profissional e pessoal. Momentos tensos e intensos no exercício diário da ética e da política universitária. Mas, a exigência de tempo e dedicação nos afastou um pouco da docência e de nossa "sala de aula" preferida: o espaço da natureza.

Foi logo no início desse período que surgiu a oportunidade de assumirmos a disciplina de Excursionismo, com a qual trabalhamos mais de quinze anos.

2.4 Transitando pelos eventos científicos

Encontrar temas sobre atividades físicas de aventura na natureza, esportes de aventura e esportes radicais em cursos, encontros, congressos e simpósios na área da Educação Física, na década de noventa, era muito raro, ainda mais em nossa região.

No intuito de desenvolver o interesse dos alunos nessa área, decidimos organizar cursos em nossa região em algumas modalidades de esportes de aventura, em vários eventos, possibilitando o acesso mais fácil para conhecimento e contato com esses esportes. Não obstante, participamos também de mesas e palestras para divulgar essas práticas.

¹ No Brasil, optou-se, nos reatores de Angra I e Angra II, por estocar o resíduo dentro do próprio prédio do reator. No entanto, esta é uma solução provisória e arriscada, já que o próprio Relatório de Impacto Ambiental de Angra II reconhece que não há solução definida para os resíduos nucleares a longo prazo. (Revista do Greenpeace, Verão 2003).

No ano de 1997, realizamos o primeiro curso de Excursionismo em Pelotas, no Centro de Convivência Holística, propriedade localizada na zona rural, pertencente ao professor Milton Guerra, um dos convidados para o evento.

Nos anos seguintes, também ministraramos cursos, palestras e oficinas para acadêmicos de Educação Física e Turismo em semanas acadêmicas e eventos como simpósios e congressos, abordando os Esportes de Aventura, Educação Física e Meio Ambiente, Cicloturismo e Preparação Física, Orientações para atividades físicas na natureza e Corridas de Aventura.

Nos Simpósios Nacionais de Educação Física, realizados todos os anos pela Escola de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, organizamos Cursos de Esportes de Aventura, tendo como convidados os professores de educação física: Cássio Cavalheiro (Curitiba), Paulo Roberto Porto (Porto Alegre) e Sérgio Machado (Florianópolis), trazendo suas experiências sobre várias modalidades de Esportes de Aventura, possibilitando aos alunos uma convivência com outras visões a respeito das práticas de aventura na natureza.

Apresentamos, ainda em 2008, alguns trabalhos em eventos internacionais, como o Congresso Internacional da FIEP, em Foz do Iguaçu e o Fórum Internacional de Esportes, em Florianópolis, sobre Corridas de Aventura na consolidação do conhecimento acadêmico no curso de Educação Física.

No Simpósio Nacional de Educação Física no ano de 2007, estivemos participando de uma mesa, enfatizando a prática das atividades de aventura no currículo dos cursos de Educação Física, e, no III Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura², em 2008, participamos, como palestrante de uma mesa cujo tema foi: A Aventura em foco - vários olhares, na qual apresentamos nossa experiência curricular com enfoque para a urgência de delinearmos caminhos para inserção das atividades físicas na natureza, em nossos cursos de licenciatura e graduação.

² O Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA) é um evento anual, que iniciou em 2006 e tem promovido discussões e debates sobre este tema, chamando pessoas que pesquisam e trabalham nas áreas de Turismo, Esporte e Lazer. O evento foi criado pelo Laboratório de Estudos do Lazer do Departamento de Educação Física/IB/UNESP da cidade de Rio Claro, do estado de São Paulo, e a cada ano elege, em plenária, a sede do ano seguinte, mediante apresentação de propostas encaminhadas aos organizadores. Já foram contempladas as cidades de Camboriú / SC; Governador Valadares / MG; Santa Teresa / ES.

Nossas participações nestes eventos levaram sempre a intenção de contribuir para o debate sobre as atividades de aventura nos cursos de formação em Educação Física, onde acreditamos que nossa experiência possa ser aproveitada.

3. EXPERIÊNCIAS EM AVENTURAS

A etimologia da palavra “aventura” remete a acontecimento (do latim *adventura*), quer dizer, o que rompe a rotina dos dias e provoca o espanto, a surpresa, o memorável. Desse sentido etimológico pode-se compreender que a imaginação humana, quando incita o homem a se aventurar, o remete aos acontecimentos, à história, a imprimir sentido à ação que vai executar. A imaginação e a aventura, portanto, acompanham o homem por toda a sua existência. (COSTA, 2000, p. 78).

3.1 Em busca de conhecimento e experiência

No final dos anos noventa, começaram a surgir alguns eventos possibilitando experiências de atividades físicas na natureza e esportes de aventura. O convívio e as relações que se processam em eventos dessa natureza, podem se constituir de meras informações, no entanto, podem, ao invés disso, ser palco de muita troca de experiências, carregadas de valores importantes para contribuir com o conhecimento e crescimento profissional.

Neste período participamos de alguns cursos, como: Excursionismo, Orientação, Equipamentos e Animais Peçonhentos, na SOGIPA (Porto Alegre, 1998); Ginástica Natural com Álvaro Romano (Caxias do Sul, 1998); *Trekking, Trilhas Ecológicas, Arvorismo e Primeiros Socorros* no Encontro Escola e Natureza (Caldas da Imperatriz, 1999); cursos esses que, além de informações, nos propiciaram ampliar nossos olhares para a diversidade de conhecimentos inseridos no contexto dessas práticas.

Em nossa contínua busca pela aquisição e troca de conhecimentos, participamos do I Encontro de Montanhismo e Excursionismo Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), onde percebemos que poucos cursos de Educação Física possuíam, em seus currículos, disciplinas dessas modalidades, e que havia em algumas universidades grupos de pessoas que, organizados, reuniam-se para a prática de escalada, como faziam na própria UFSCAR, inclusive com paredes artificiais de escalada e de boulder no Campus, em reservatórios de água (São Carlos, 2002). Mas também foi nessa oportunidade que nos renovamos no contexto

dos esportes de aventura, percebendo que embora um pouco isolados pelas distâncias em nosso país, fazíamos parte de um grupo de universidades que já possuíam há algum tempo a prática dessas modalidades de aventura em seus currículos.

As reflexões e relatos sobre montanhismo durante o Curso de Esportes de Aventura em Montanha, no JOPEF (Curitiba, 2004), com o Nativo, experiente montanhista, que já escalou com Niclevics e fez parte do filme Extremo Sul, e também membro do Corpo de socorro em montanha, no Parque Marumbi, foram relevantes para novos olhares sobre as montanhas e fundamentais para a nossa prática educativa, diante da nossa inexperiência em grandes escaladas.

Ainda neste mesmo evento, frequentamos o Curso de Esportes de Aventura e Lazer na Natureza, onde foram enfocados alguns aspectos pedagógicos, técnicos e didáticos a respeito de orientação, enduro a pé e corridas de aventura, com excelentes vivências e ótimas contribuições para nossos conhecimentos técnicos e pedagógicos.

No Congresso da FIEP (Foz do Iguaçu, 2005) participamos dos cursos de Arvorismo, Escalada e *Rafting* com práticas no Parque das Cataratas, entre aventuras e emoções marcantes para nossa aproximação “homem natureza”. Frequentamos ainda uma oficina com um trabalho interessante, com um grupo de professores cuja proposta, entre outras, era de perceber as sensações de vertigem e risco, as quais envolvem os corpos aventureiros quando em suas práticas na direção do desconhecido, do imprevisível.

Estas participações possuem significados importantes em nossa trajetória de formação como, também, se é que podemos separá-las, de nossa trajetória de vida, pelas aprendizagens e pelos conhecimentos adquiridos em diversas modalidades de aventura.

3.2 Aventuras, razão e emoção

Nossas aventuras nos oportunizaram passar por experiências valiosas para nossa ação docente, pois, ao vivê-las, percebemos que aquilo que muitas vezes lemos, ouvimos, enxergamos nas telas da televisão, nas revistas em fotos, enfim,

imagens e palavras, na experiência real, concreta, nos apresentam outra dimensão do conhecimento.

As experiências com enfoque esportivo/competitivo que mais marcaram nossa trajetória foram em corridas de aventura³, onde estivemos envolvidos de duas formas: como organizadores e como participantes de uma equipe de apoio.

Na primeira, liderando a coordenação técnica do Grito das Águas – Corridas de Aventura da Zona Sul do RS, nos anos de 2005 e 2006, envolvendo cerca de vinte e dois municípios da região, e aproximadamente quinhentas pessoas entre público, atletas e organização. Na verdade a aventura em uma Corrida de Aventura começa muito antes da primeira largada. Como participantes de uma equipe técnica que organizou 12 (doze) etapas em curto espaço de tempo, estamos credenciados a falar de um processo que misturava, a todo instante, racionalidade e emoção. Fatores esses que nos deixaram ao mesmo tempo atentos e vibrantes, cuidadosos e eufóricos, tranquilos e radiantes. Realmente nos envolveram nos atravessaram, nos demoliram e ao mesmo tempo nos fizeram mais fortes, mais sábios, mais vivos, isto é, nos provocaram sentimentos, sensações, emoções e atitudes favoráveis para nossas relações de amizade e companheirismo que se estabeleceram entre os membros da equipe técnica, atletas e organização.

A aventura, a razão e a emoção, sem sombra de dúvidas, correram juntas nessa experiência enriquecedora do “Grito das Águas - Corrida de Aventura da Zona Sul do RS”, da qual trazemos algumas imagens, feitas na etapa final em Pelotas no ano de 2005.

³ Segundo Porto (2003), a Corrida de Aventura (Adventure Rancing), é um evento poliesportivo, que envolve diversas modalidades de esporte de aventura de acordo com o local onde é realizado e/ou pela disponibilidade técnica de equipamentos, e é um dos Esportes de Aventuras competitivos mais procurados no mundo.



Ilustração 1: Prova de Cavalgada no Laranjal



Ilustração 2: Bike na estrada da Galatéia



Ilustração 3: Prova com botes no Arroio Pelotas



Ilustração 4: Alunos da Organização

A segunda experiência foi participar da maior corrida de aventuras da América Latina, o Ecomotion Pro 2005, na Serra Gaúcha, como apoio para a equipe norte americana Go Lite Timberland, durante seis dias e cinco noites, desde a praia de Torres até a cidade de Gramado, percorrendo cerca de 600 km transportando equipamentos, alimentação, roupas e montando acampamentos para os quatro atletas, membros da equipe que competia.

A participação em uma Corrida de Aventura vai além dos aspectos físicos do esporte, em que o homem, “drogado” por sua própria adrenalina, tem por objetivo ultrapassar seus próprios limites ou percorrer lugares ainda pouco conhecidos. Embora seja um esporte de alto rendimento, é capaz de instigar sentimentos de companheirismo, amizade, euforia, respeito pelo próximo e para com a natureza. Nossa participação foi acompanhada por dois acadêmicos, dos quais um possuía grande conhecimento técnico nas modalidades e o outro do idioma da equipe para a

qual daríamos o apoio. Somente estes aspectos, já seriam, com certeza, um grande aprendizado. No entanto, o contato com as pessoas, as paisagens, o inesperado, o espírito de ajuda das equipes entre si, as dificuldades do trajeto, a espera, a ansiedade, o desconhecido, o sono, o frio, a chuva, enfim muitos sentimentos, aventuras e emoções que se misturam, se completam, interagem, fazendo do corpo um território de passagem, de aprendizado, através de suas ações e percepções de si, dos outros e da natureza.

Algumas imagens de momentos do Ecomotion Pro 2005 na Serra Gaúcha.



Ilustração 5: Abertura – Gramado/RS



Ilustração 6: Serra do Faxinal/SC



Ilustração 7: PC – Preparando as bikes (RS)



Ilustração 8: AT – Trabalho após a chuva (RS)



Ilustração 9: Prova de canoagem (RS)



Ilustração 10: Equipe Go Lite Timberland (EUA)

Lembramos que ao surgirem tais corridas nos canais de televisão (AXN e DISCOVERY) preparávamos as fitas de VHS, para que, quando possível, pudéssemos gravar os programas com a finalidade de conhecer e aprender mais sobre elas. E sempre sonhávamos com a possibilidade de, um dia, podermos vivenciar tais modalidades de aventura, apesar de vê-las acontecerem bem distantes de nossa região e até de nossa realidade econômica, social e esportiva.

Nos dizeres de Costa (2007, p.78), “a aventura é para gente que sonha. Se você se permitir sonhar e realizar, vai ficar com a impressão de que pode realizar tudo o que pretende, pois nada é impossível no sonho”.

Assim, estas aventuras marcaram profundamente nossa trajetória de vida, até porque concretizaram alguns de nossos sonhos.

3.3 Lugares, Viagens e Aventuras

Muitas vezes ficamos lamentando não poder viajar para longe. No entanto, bem próximo a nós, existem lugares que desconhecemos e não imaginamos o quanto possuem de espaços para atividades na natureza, e, que podem nos oportunizar experiências tão valiosas quanto as que teríamos em lugares distantes.

Alguns destes lugares podem ser: a Laguna dos Patos, o Arroio Pelotas ou a Zona Rural, com ótimos recursos naturais, a espera de aventureiros, viajantes e excursionistas.



Ilustração 11: Canoagem no Arroio Pelotas/RS (2006)

A própria Universidade Federal de Pelotas, em seu campus Capão do Leão, possui lugares excelentes para a prática de atividades de aventura na natureza, e que, para uma disciplina com essas práticas, pode vir a ser uma excelente "sala de aula".

No caminho para Rio Grande e Praia do Cassino, temos o Eco Museu da Picada, que à sua volta possui vários espaços para prática dessas atividades.

Conseguimos, também, vivenciar atividades físicas na natureza em lugares como Caçapava do Sul, onde estivemos, pelo menos, três vezes, sendo que em uma delas, levamos o Grupo de Dança da ESEF_UFPEL, para uma aventura na Pedra do Segredo, um dos pontos turísticos da cidade, apreciado pelos montanhistas da região. Para um grupo onde o corpo é acrobático e sensível à “flor da pele” foi uma experiência de pura emoção.

Santana da Boa Vista com seus cerros, riachos e trilhas para caminhadas, cavalgadas e rapel, é excelente para um final de semana na fazenda ou cenário perfeito para uma corrida de aventuras, como foi o caso de uma das etapas do II Grito das Águas.



Ilustração 12: Caminhadas e Cavalgadas em Santana da Boa Vista/RS (2002)

No Parque Nacional de Aparados da Serra tivemos o privilégio de conhecer o Cânion do Itaimbézinho, com névoa, sem névoa, do alto de suas bordas. Percorremos também a trilha do Rio do Boi, caminhando nas pedras e nas águas, entre os paredões de até setecentos metros de altura, passando pelas cachoeiras no caminho.

Na serra gaúcha, percorremos trilhas no Parque da Ferradura, descemos a escadaria da Cascata do Caracol, que foi palco de um rapel de tirar o fôlego na corrida de aventura do Ecomotion Pro.

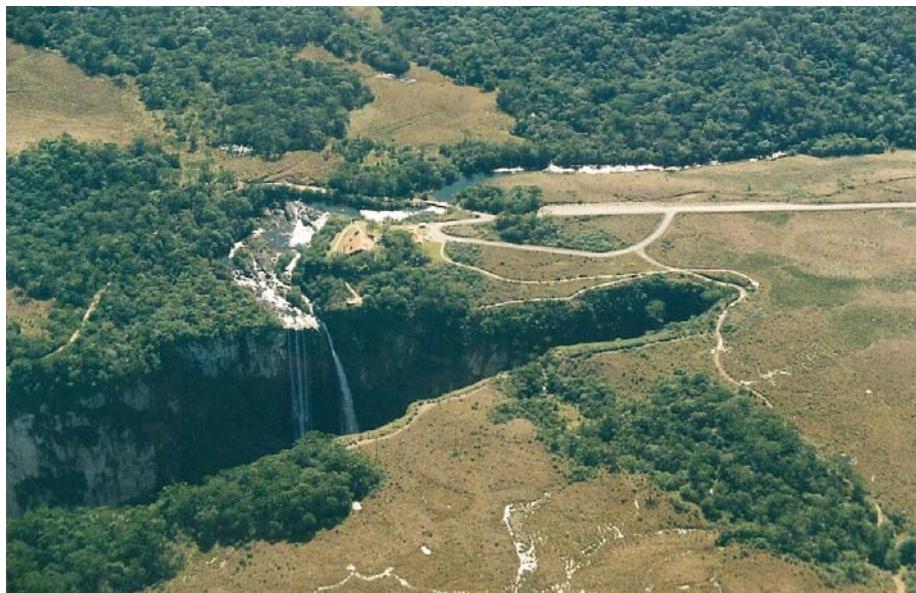


Ilustração 13: Imagem aérea de parte do Cânion Itaimbézinho/RS (2000)

Ainda na serra, conhecemos alguns lugares em Nova Petrópolis, como a Pedra do Silêncio, lugar único, no qual a reflexão é quase impossível de não ser feita, tal é o silêncio quando se está no topo da pedra, no qual se chega após percorrer uma trilha bastante íngreme pela mata que cerca o local⁴; o Ninho das Águias, rampa de vôo livre, frequentada pelos amantes dos esportes de aventura aéreos; e o Panelão, vale verde, com suas trilhas estreitas, ponte pêncil, quedas d'água, piscinas naturais e a grande gruta na curva do rio⁵.



Ilustração 14: Vista do alto da Pedra do Silêncio, Nova Petrópolis/RS (1998)

E não poderíamos deixar de mencionar o Parque das Laranjeiras, em Três Coroas, e vivenciar as trilhas, o rapel, a tirolesa e o *rafting*; passando por Torres, com seus penhascos à beira-mar, onde estivemos na largada da corrida de aventura do Ecomotion Pro 2005. O visual e a emoção no momento em que os atletas desciam pelas 54 cordas no rapel em frente ao mar, simultaneamente, foi algo fantástico⁶.

⁴ Há alguns anos este lugar parecia bem mais silencioso. Hoje já se percebe alguns ruídos da urbanização das redondezas do lugar. Sobrevoamos os cânions em outra oportunidade, a bordo de um bimotor durante cerca de 40 minutos. Mesmo lá de cima, são de uma beleza exuberante.

⁵ A maior parte desses lugares foi também palco de algumas de nossas aventuras curriculares.

⁶ Mínimo impacto em esportes de aventura: as cordas foram presas somente com ancoragens naturais, isto é, sem chapeletas ou pitons de metal fixados na rocha. (apenas amarradas diretamente nas pedras).



Ilustração 15: Largada do Ecomotion Pro na Pedra da Guarita, Torres/RS (2005)

Em Santa Catarina, galgamos o morro na praia de Canto Grande, percorrendo a estrada que leva à misteriosa praia das Tainhas, e escalamos, na praia do Ouvidor, a parede de pedra de frente para o mar. Mar onde, na Reserva do Arvoredo, próxima a Bombinhas e Quatro Ilhas, mergulhamos para observar a fauna e flora local.

Em Caldas da Imperatriz, participamos de caminhadas ecológicas em trilhas nos campos e matas da Serra do Tabuleiro, com um grupo de dez pessoas, todas da área da Educação Física, durante evento sobre “Escola, Esporte e Natureza”, ampliando nossos conhecimentos, fazendo amizades e interagindo com a natureza local.

Conhecemos o Parque de Aventuras, no alto do morro do teleférico, entre as praias de Laranjeiras e Camboriú, onde pudemos observar que o Arvorismo foi muito bem planejado, tanto na localização como nos aspectos de segurança e equipamentos, com monitoramento de pessoal treinado para orientar as pessoas na prática das atividades.

No Paraná, estado conhecido por ótimos escaladores, como Waldemar Niclevics, (primeiro brasileiro a chegar ao cume do Everest), e montanhas ótimas para escaladas, como o Pico Paraná e o Complexo do Pico Marumbi, percorremos a trilha do Abrolhos, um dos cumes do conjunto de montanhas, numa experiência incrível. Percorrer a trilha numa caminhada solitária foi um encontro único com a natureza. Evidentemente, munido do celular para contato com a administração do

parque, caso necessitasse socorro⁷. A viagem pela Serra Verde Express, através dos vales e montanhas foi emocionante, pois nos fez lembrar das viagens de trem que fazíamos quando ainda garoto.



Ilustração 16: Trem que leva os aventureiros até o Parque Estadual do Marumbi no Paraná (2004)

Foi nesta ocasião que ponderamos o porquê de muitas vezes as pessoas não perceberem e não darem valor aos lugares que estão próximos a elas. Conhecemos quatro professores que moravam em Curitiba e não conheciam o Parque Estadual Marumbi. Ao falarmos sobre a experiência do dia anterior, ficaram tão empolgados que nos fizeram levá-los até a montanha. Fomos então, nós, “estrangeiros”, pela segunda vez, no mesmo final de semana, e eles, “da terra”, estreantes naquela aventura.

Mesmo assim, foi interessante, apesar da nossa condição física prejudicada pelo esforço do dia anterior, pois conhecemos outros caminhos para chegar ao local, também de uma natureza exuberante.

⁷ No parque havia uma equipe especializada para emergências denominada “Corpo de Socorro em Montanha (COSMO).

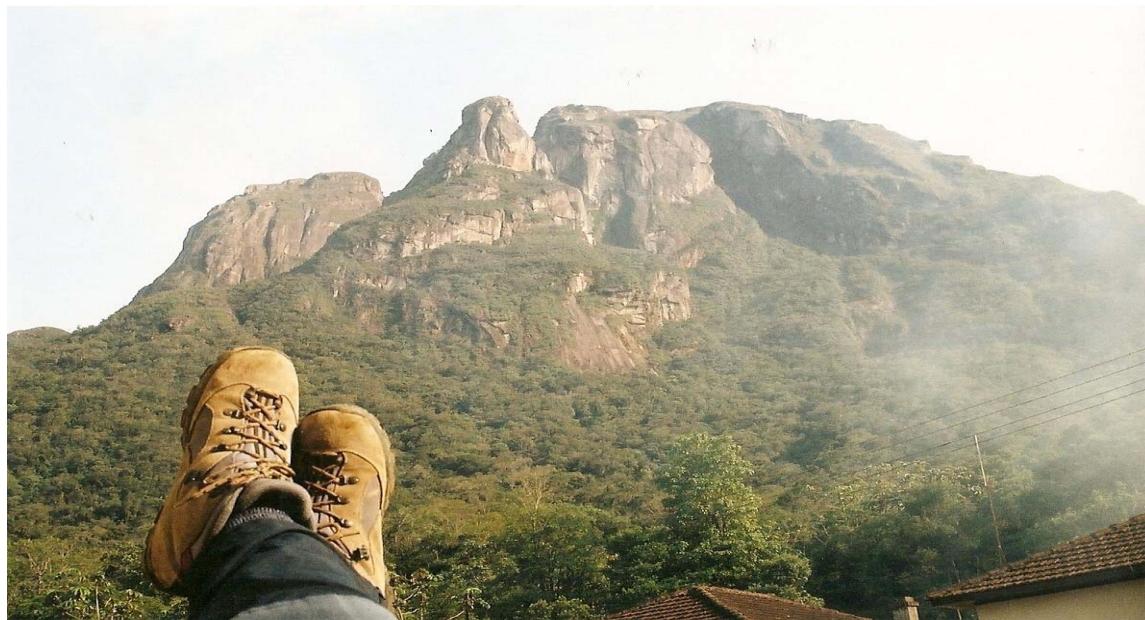


Ilustração 17: Montanhas fotografadas da estação do trem. Parque Marumbi/PR (2004)

Mas, o Paraná tem também Foz do Iguaçu, que em seu Parque Nacional das Cataratas possui hoje atrações para os aventureiros, como arvorismo, escalada, rapel, *rafting* e *trekking*, às margens do rio e no interior das matas. Lá vivenciamos estas modalidades de aventura nas quais tivemos experiências e aprendizados enriquecedores para nosso trabalho docente.



Ilustração 18: Parque Nacional das Cataratas, Foz do Iguaçu/PR (2006)

No Parque Estadual do Ibitipoca, em Minas Gerais, quando estivemos na cidade de Juiz de Fora, fizemos um *trekking* da tarde para a noite, por trilhas que exigiam muita atenção, principalmente à noite, por serem estreitas e em lugares altos. O entardecer na montanha é indescritível.



Ilustração 19: Entardecer no Parque Estadual do Ibitipoca/MG (2001)

Sempre que nos deslocávamos de nossa cidade para outros lugares, a trabalho ou a passeio, procurávamos vivenciar modalidades de esportes de aventura que se relacionassem com a disciplina de Excursionismo. Não como uma obrigação, mas como uma oportunidade de ampliar nossas experiências e conhecimentos em aventuras na natureza.

Relatar algumas dessas experiências tem como objetivo mostrar um pouco do que chamaríamos "aprendizados vivenciados", os quais, acreditamos, tenham contribuído significativamente para o exercício de nossa função docente.

Nas palavras de Beck (1997 p. 04) "a aventura pode nos conduzir a lugares incríveis, se nos deixarmos levar por nossos sonhos e nossa sede e fome de novas paisagens".

Foram atitudes como estas que nos levaram a aventuras em diferentes lugares, onde nosso corpo entrou em conexão direta com o ambiente natural e nos possibilitou sentimentos, emoções e aprendizados importantes para a vida.

4. AS ATIVIDADES FÍSICAS E OS ESPORTES NA NATUREZA

4.1 As práticas de aventura e os espaços na natureza

A atividade física ao ar livre é uma característica que acompanha a Educação Física nas escolas, pois ainda hoje, em muitas delas não existem ginásios ou salas com espaço suficiente para prática de exercícios e atividades físicas. As aulas de Educação Física ao ar livre geralmente possuíam espaços, pois havia menor ocupação dos mesmos, por construções, existindo, portanto, uma gama de espaços que poderiam ser utilizados para as aulas.

No entanto, estas aulas normalmente aconteciam sem uma conotação de interação com o “ar livre” ou o denominado ambiente natural, que, na verdade, sempre representou um espaço na escola, onde poderia se jogar ou praticar algum esporte como futebol, voleibol, atletismo ou até mesmo brincadeiras em espaços abertos, na rua.

As escolas rurais na sua maioria, também possuem espaços ao ar livre para todas as disciplinas, inclusive para a Educação Física, sendo muitas vezes pouco aproveitados para ampliar as possibilidades de utilização dos mesmos com práticas diferenciadas como as de aventura.

Atualmente, a compreensão sobre novas práticas, nos leva a outras formas de ação nas aulas ao ar livre, realizadas no meio ambiente natural, dentro ou fora da escola, com atividades físicas que interajam com esse meio utilizando-o de uma forma mais consciente e sustentável. Surgem, então, neste contexto, as práticas de aventuras na natureza.

Essas modalidades costumam gerar impactos no meio ambiente, quer sejam realizadas no ar, na terra ou na água. Sendo assim, um dos grandes desafios

que se apresentam para essas práticas corporais, é o de garantir que, o impacto que elas causam na natureza, seja minimizado ao máximo.

Sabemos que tais práticas se inscrevem espacialmente de forma provisória, tendendo assim a multiplicar os lugares de aventura e inventar constantemente novos “points” (JESUS, 2003, p. 84), criando assim uma territorialidade muito variável. Por este motivo devemos estar atentos, pois, pelo número de pessoas que procuram estas práticas de aventura, esses espaços, se não forem monitorados, poderão ser bastante danificados. Esta situação já ocorreu em alguns parques em que durante determinado período de tempo foi proibida a frequência de pessoas, para que houvesse a possibilidade de recuperação da natureza, dado o estado de destruição em que se encontravam algumas áreas dos mesmos.

Devido a essas condições de uso destes espaços pelas modalidades de aventura, é inevitável que os praticantes e instrutores, cientes dessa situação estejam comprometidos com princípios éticos de convivência com a natureza e sejam capazes de difundir determinados conhecimentos que possam ajudar nos cuidados com esses lugares.

Segundo Betrán (2003, p. 179) “[...] as principais causas dos impactos sobre o meio ambiente deve-se a fatores como o tipo de atividade praticada; a intensidade (densidade) da prática; a duração da atividade em um determinado lugar; a estação do ano na qual a atividade é praticada; ao momento do dia; a vulnerabilidade intrínseca das espécies que vivem na região; e ao comportamento dos praticantes com relação ao meio ambiente”.

4.2 As modalidades de aventuras na natureza

Quando se fala das práticas corporais de aventura na natureza, são comuns termos como “esportes de aventura”, “esportes californianos”, “esportes alternativos” ou “esportes radicais”. Porém, a palavra esporte pode confundir e reduzir o tipo de fenômeno que acontece no meio ambiente natural. Afinal, explorar cavernas ou acampar, por exemplo, estão longe do que se convencionou chamar esporte. Como o contato com a natureza se faz com um corpo e esse corpo produz um sistema lógico de interações com o ambiente, por meio de movimentos e posturas, o desfrutar (lúdico) da natureza depende de uma gama de atividades corporais sistematizadas – boa parte sem a codificação esportiva. (PIMENTEL, 2006, p. 44).

As modalidades de aventura disponibilizam múltiplas formas de serem praticadas, de acordo com quem e com qual o objetivo queremos praticá-las. Por esta razão, muitas dessas modalidades são utilizadas de várias maneiras, intensidades, periodicidades e por vários tipos de pessoas, jovens ou adultos, individualmente ou em grupos, atletas ou não atletas, enfim uma gama de situações diferenciadas.

Nossa intenção neste espaço não é discutir esses aspectos, mas sim fazer uma abordagem sobre algumas das modalidades, as quais foram vivenciadas nas aulas da disciplina do curso de graduação com o objetivo de permitir um melhor entendimento das características das mesmas.

No livro, "Esportes de Aventura ao seu Alcance" de Romanini e Umeda (2002) encontramos uma série de definições de algumas modalidades desses esportes, que passamos a descrever:

- **Montanhismo – um ritual nas alturas...**

O que leva alguém a escalar montanhas é algo que a maioria dos que não fazem parte do mundo dos montanhistas tem muita dificuldade para entender – se é que entende. (KRAKAUER, 1999, p.9)

Como o próprio nome sugere, esse esporte está diretamente relacionado ao tipo de relevo e de clima das montanhas, envolvendo praticamente tudo o que acontece lá em cima. Escalar paredes verticais com técnicas e equipamentos especiais ou mesmo montar um acampamento a grandes altitudes, enfrentando o vento, o frio e o ar rarefeito, faz parte da emoção do montanhismo.

Para os povos antigos, o ato de subir uma montanha estava quase sempre relacionado a um ritual. Hoje, o montanhismo é acima de tudo um esporte de desafio à natureza e de busca de limites pessoais.

O montanhismo tem boa parte de sua história atrelada aos franceses; não é um acaso, portanto, que este esporte também seja conhecido como alpinismo, já que os picos dos Alpes franceses estiveram entre os primeiros a ser conquistados pelo homem.

- **Trekking – nas trilhas da natureza...**

Caminhar de maneira esportiva, ou melhor, praticar *trekking* – é algo tão recente quanto o surgimento das grandes metrópoles, durante a Revolução Industrial, pois foi só depois da industrialização, quando a civilização ocidental se tornou predominantemente urbana, é que passamos a sentir necessidade de buscar um contato com a natureza nos momentos de lazer.

Por ser uma maneira de se exercitar praticamente livre de contra-indicações, que não exige técnicas específicas nem equipamentos caros, além de proporcionar ao praticante o sonhado retorno à natureza, o *trekking* logo se tornou o esporte de aventura mais praticado no mundo. Essa palavra vem do africâner, a língua desenvolvida pelos primeiros colonizadores europeus quando chegaram ao sul do continente africano. Em africâner, a palavra "*trekking*" significa migrar.

Sua origem tem a ver com uma guerra sangrenta, travada no século XIX, entre holandeses e Ingleses que haviam decidido conquistar o sul da África. Sem ter como enfrentar os exércitos ingleses, as famílias fugiram para o interior do país numa grande caravana de migração – ou *trekking*. A partir de então o termo passou a designar genericamente as longas e difíceis caminhadas na natureza.

Portanto, fazer um *trekking* significa, basicamente, fazer uma travessia caminhando; basta ter um roteiro, um ponto de partida e um de chegada; a trilha pode levar apenas algumas horas para ser vencida ou vários dias.

- **Mountain bike – pedalando em terrenos acidentados...**

Montanhas com descidas íngremes ou grandes subidas, trilhas e estradas de terra no meio da natureza, muito buraco, pedra e lama: este é o cenário frequentado pelos praticantes do *mountain bike*, um esporte que exige espírito de aventura e vontade de estar em contato com a natureza. Seu nome originou-se do tipo especial de bicicleta usada, a *mountain bike* (bicicleta de montanha, em inglês), especial para rodar em terrenos acidentados.

O *mountain bike* surgiu no final da década de 1970, na Califórnia, quando jovens ciclistas resolveram se aventurar por caminhos difíceis, como descer montanhas em alta velocidade e percorrer trilhas na mata.

- **Rafting – desafiando rios e corredeiras...**

O *Rafting* (do inglês *raft*, que significa balsa) consiste na descida de rios a bordo de botes infláveis de borracha. A emoção desse esporte está em desafiar as corredeiras e saltos do caminho, evitando que o bote vire ou que as pessoas caiam na água. O *rafting* é um esporte de equipe que exige treino e sincronia entre os participantes para que tudo corra bem.

Como esporte, podemos afirmar que o *rafting* nasceu nos Estados Unidos, em 1869, quando o aventureiro John Wesley Powell organizou uma expedição pelo rio Colorado, no Grand Canyon.

- **Corrida de Aventura – a emoção em vários esportes...**

A idéia da corrida de aventura nasceu em 1987, quando o jornalista francês Gerard Fusil estava na América do sul, cobrindo uma famosa corrida de vela. Ele já havia feito inúmeras reportagens sobre o rali Paris-Dakar e pensou em realizar uma prova como aquela, mas sem transportes motorizados. Dois anos depois, em 1989, era realizada a primeira corrida de aventura na Nova Zelândia.

A corrida de aventura é um esporte relativamente novo, fruto do aperfeiçoamento dos vários tipos de esportes de natureza já existentes e, é claro, da criatividade de seus idealizadores. A idéia básica é misturar numa mesma prova esportes diversos, como *trekking*, *mountain bike*, técnicas verticais, *rafting*, canoagem e cavalgada.

Não há limites rígidos de duração: uma prova pode levar de três horas a vários dias, nos quais os participantes precisam não só enfrentar os obstáculos naturais, mas também a fome e os seus limites físicos e psíquicos.

Além disso, tem de abordar os aspectos técnicos, físicos, psíquicos e sociais que envolvem essa modalidade, no que se refere à competição propriamente dita. O objetivo também é enfatizar questões de amizade, companheirismo, estratégias e relacionamento com outras equipes de apoio. Outros elementos também estão inseridos no contexto do mundo dessas corridas, cujos desafios são principalmente o respeito à natureza, aos outros e a seus próprios limites.

Além dessas modalidades temos outras, as quais encontramos no Atlas do Esporte no Brasil, DaCosta (2005) com as seguintes definições:

- **Arvorismo – transitando entre as árvores...**

Também conhecido como arborismo, *tree climbing*, verticália ou *canopy walking*, o arvorismo pode ser simplesmente resumido como um percurso artificialmente montado sobre árvores, com vários níveis de dificuldade e obstáculos. Sobre pontes, cabos, tirolesas dentre as copas das árvores, geralmente pinheiros e eucaliptos, o praticante aventura-se na emoção em contato direto com o meio ambiente. Alia técnicas de escalada, *trekking*, montanhismo, rapel entre outros. Para a sua prática não é necessária experiência prévia nem tampouco habilidades ou condicionamento físico específicos. Apenas concentração, coragem e disposição são requisitos básicos para acrobacia nas árvores. O arvorismo é uma atividade de baixo risco, pois o praticante fica preso durante todo o percurso por equipamentos de segurança que inclui luvas, capacetes, botas, mosquetões de aço, carretilhas, etc.

- **Corrida de Orientação – seguindo mapas e bússolas...**

A orientação é um esporte no qual os atletas usam um mapa detalhado e uma bússola para encontrar pontos no terreno previamente mapeado. Um percurso de Orientação é composto por um ponto de partida, um ponto de chegada (que pode ser o mesmo ou não) e uma série de pontos intermediários numerados por onde o praticante terá que passar seguindo a sequência determinada no mapa. Existem várias modalidades desse esporte: corrida de orientação, orientação sobre esquis, orientação para pessoas portadoras de deficiência e orientação em *mountain bike*. A Corrida de Orientação, também chamada simplesmente de Orientação, caracteriza-se por ser uma corrida aeróbica, semelhante ao *cross-country*, desenvolvida em florestas, matas, trilhas e campos.

- **Rapel – escorregando corda abaixo...**

A denominação deste esporte vem do verbo francês *rappeler* que significa chamar, recuperar, explorar. “Rapinar” tem o significado de escorregar corda a baixo

seguro por um cinto de segurança apropriado e uma peça de freio. Ou seja, o rapel é uma técnica de descida de cachoeiras, cascatas, precipícios, prédios, pontes, morros, penhascos paredões, viadutos, chegando até a alturas inusitadas. Para praticar o rapel é necessário ser conhedor de técnicas de montanhismo além de ter experiência com o manuseio de equipamentos básicos de escalada.

Os estilos desta prática são: rapel em positivo (com apoio dos pés na parede); rapel em negativo (sem o apoio dos pés); rapel guiado (utilizado em cachoeiras e quedas d'água onde é necessário fazer desvios diagonais da trajetória para evitar fortes torrentes); rapel fracionado (dividido em vários rapeis menores para encontrar um caminho mais seguro).

Também encontramos no livro de Dimitri Whu Pereira (2007), algumas considerações sobre:

- **Escalada – subindo paredes...**

Segundo a maioria dos dicionários, montanhismo, escalada e alpinismo são sinônimos, mas para escaladores existem diferenças. Escalar é subir montanhas, rochas, paredes, árvores ou quaisquer outros obstáculos verticais.

Há diversos tipos de escalada: escalada livre (em que se utilizam poucos equipamentos ou nenhum); escalada esportiva (que para muitos escaladores têm como objetivo alcançar o cume do modo mais difícil possível); escaladas no gelo e escaladas “*indoor*” praticada em paredes artificiais.

É quase um vício. Uma vez fiquei mais de três meses sem escalar na natureza. Comecei a me sentir mal, fraco, deprimido, mas sabia que tudo isso passaria com uma dose de rocha. Escalando posso sentir o prazer que o contato com a natureza proporciona, treinar meu corpo, ficar num estado de quase meditação e entrar em sintonia comigo mesmo (PEREIRA, 2007 p. 19).

Completando as modalidades praticadas em nossas aulas, verificamos segundo Porto (2003) a seguinte definição para:

- **Excursionismo – acampando em meio á natureza...**

“Atividade humana que busca o contato com a natureza de forma mais rústica possível, para passear ou fazer lazer, durante os fins de semana ou nas férias, podendo ser realizados nas montanhas, florestas, cavernas, canyons, etc. Dele

surgiram quase todos os esportes hoje desenvolvidos na natureza, sendo que os primeiros guias de montanhas, trekking, canyoning e outras atividades de aventura na natureza são oriundos de Clubes, Centros, Associações e Grupos de Excursionismo e Montanhismo”.

Esta modalidade originou o nome da disciplina, foco de nosso estudo neste trabalho, por envolver várias formas de interação com a natureza.

4.3 Os Esportes de Aventura e as Atividades Físicas de Aventura na Natureza

Os **Esportes de Aventura** são considerados todos os Esportes de Ação na Natureza utilizados pelos segmentos desportivo, turístico, ambiental, recreativo e empresarial como ferramentas para atingir os objetivos propostos por cada segmento. (JESUS, 2003, p.76).

Paulo Roberto Porto (2003), experiente excursionista gaúcho, em seu Curso sobre Esportes de Ação na Natureza (2003), durante o Simpósio Nacional de Educação Física nos apresentou algumas características sobre Esportes de Aventura de acordo com os ambientes físicos onde são praticados, ao ar livre, ou seja, na natureza (outdoor): meio físico terrestre; no meio físico aquático; no meio físico aéreo. Em determinadas modalidade existem as variações (indoor), atividades praticadas em ambientes fechados, como por exemplo, em ginásios para escaladas desportivas.

Ainda segundo Porto (2003, p. 11), estes esportes se apresentam em quatro vertentes: “a desportiva; a ambiental; a turística e a organizacional”, definidas de acordo com as pessoas e as finalidades a que se destinam, isto é, para quem e para que.

No entanto, ele observa que esses Esportes não possuem uma nomenclatura muito definida, tanto que são conhecidos por outros nomes como Esportes Radicais ou de Adrenalina, ou também como “Atividades Físicas de Aventura na Natureza” (AFAN)⁸.

⁸ Javier Olivera Betrán, foi o autor que cunhou o termo, em que se evidenciam as condutas motrizes em sinergia com a natureza. (SCHWARTZ, 2006, p. 26).

Para Betrán, (2003, p. 163):

Constituem-se em um conjunto de práticas recreativas que surgiu nos países desenvolvidos na década de 1970, desenvolveram-se e se estenderam na década seguinte e se consolidaram na de 1990 sobre o abrigo de novos hábitos e gostos da sociedade pós-industrial. Na década atual, a primeira do novo século, essas práticas definiram-se como uma alternativa emergente no tempo de ócio ativo para um setor da população, entre as diversas ofertas lúdicas, higiênicas e competitivas relacionadas com os distintos modelos corporais existentes.

Em seu artigo *Espor tes na Natureza e a Graduação em Educação Física*, Munster (2004, p.2) atribui a essa “imprecisão terminológica”, como sendo uma das causas que tem dificultado a inserção dessas práticas no debate acadêmico, considerando que “as mesmas se revestem de valores e concepções distintas revelando certa falta de identidade a esse fenômeno”.

Mas, quando falamos de Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN), não podemos esquecer que elas fazem parte, são inerentes ao Esporte na Natureza ou ao Esporte de Aventura, pois produzem uma ação corporal que é uma “atividade física”. São corpos em movimento e em aventuras no ambiente natural, praticando as diversas “modalidades” com objetivos e interesses diferenciados, mas com a mesma nomenclatura. Talvez, por esta razão, estas nomenclaturas possuam significados tão próximos, ou, ainda, sejam usadas para dizer a mesma coisa.

Os exemplos são muitos, mas podemos citar alguns que expressam o que entendemos por aproximação das atividades e dos esportes na natureza: quem faz *trekking*, faz uma caminhada; quem faz *mountainbike*, pedala; quem excursiona, acampa; quem faz *rafting*, rema; quem exercita escalada, pratica uma atividade intensa de suspensões e apoios; na corrida de aventura, caminha, corre, pedala, rema, salta, enfim, pratica atividade física com seu corpo sentindo e percebendo por inteiro esses movimentos.

Acreditamos que, no momento, as atividades físicas na natureza possam ser desmembradas dos esportes de aventura, por suas características de esporte de competição, onde as regras irão definir como a modalidade deverá ser executada, seus equipamentos, seus eventos, competidores, premiações, etc. No entanto, concordamos com Munster (2004), ser importante a tentativa de definições terminológicas como contribuição para o debate acadêmico.

Talvez por essas questões vemos as pessoas falarem: - vamos fazer um *trekking* ou uma caminhada, como se referindo à mesma prática, quer seja do esporte quer seja da ação ou atividade em si mesma.

Tentando traduzir as palavras mais encontradas na terminologia, ainda em discussão no meio turístico e esportivo, e, principalmente, no nosso referencial teórico e empírico, que trata das relações dessas práticas, até então não consolidadas, efetivamente, em suas denominações, adotamos as Atividades Físicas e os Esportes de Aventura na Natureza como sendo a terminologia que nos parece mais próxima de nossa experiência com a disciplina de excursionismo.

5. A DISCIPLINA DE EXCURSIONISMO COMO EXPERIÊNCIA CURRICULAR

5.1 O surgimento e a implantação da proposta

Em 1991, foi criada na Universidade Federal de Pelotas, no Curso de Licenciatura em Educação Física, uma disciplina optativa, denominada "Excursionismo". A proposta encaminhada, na ocasião, pelo professor Paulo Roberto Barcellos de Mello, apontava com a justificativa de atender uma demanda, já existente, na época, de levar aos acadêmicos um conteúdo sobre atividades físicas na natureza: princípios do excursionista; acampamentos; caminhadas; pedaladas, e outras atividades, com o objetivo de possibilitar aos futuros professores de Educação Física uma atuação nesta área, pois os mesmos já eram muito solicitados pelas escolas a levar alunos para aulas ao ar livre e a coordenar excursões, passeios ciclísticos e acampamentos. O documento encaminhado ao Colegiado para aprovação destacava como objetivo geral da disciplina: "capacitar o aluno a excursionar e acampar sozinho ou em grupo utilizando como transporte os meios convencionais ou a caminhada e/ou bicicleta". Foram propostos, na ementa, os seguintes conteúdos a serem trabalhados:

O excursionista: equipamento, alimentação, acantonamento e bivaque, meteorologia, orientação e acidentes. O acampamento: medidas antes de acampar, tipos de acampamento, escolha do local, material, transporte, refeições e programas. O "trekking": regras de segurança, material, trilhas e atalhos O "cross montaing": regras de segurança, trajeto e recomendações gerais. (Colegiado de Curso da ESEF/UFPel, 1995)⁹.

⁹ Em anexo, apresentamos a ementa completa da disciplina.

5.2 Os conteúdos e a avaliação

Inicialmente, as temáticas do programa da disciplina abarcavam a educação física e excursionismo, o excursionista e o meio ambiente, planejamento no excursionismo, locais para prática do excursionismo, condicionamento físico e psicológico, condições climáticas, prevenções de acidentes, socorros, animais peçonhentos, equipamentos para o excursionismo, fotografia e filmagem, trilhas, orientação e mapas, alimentação, água, fogo e lixo, cordas, nós e amarras, acampamentos, caminhada/*trekking*, pedalada/*mountainbike*, desenvolvidos em aulas teóricas e práticas.

Com o decorrer dos semestres, foram sendo incluídos conteúdos de acordo com as possibilidades financeiras, de pessoal, equipamentos, transporte e segurança, numa proposta de flexibilização curricular, acordada com os alunos.

A prática de outras modalidades, como, escalada, rapel, arvorismo, rafting, corridas de orientação e corridas de aventura foram inseridas, possibilitando aos alunos, ampliar suas experiências e conhecimentos nessas modalidades.

O processo inicial de avaliação da disciplina, constante no programa no ano de 1991, refere-se a trabalhos práticos e auto-avaliação, utilizado com a primeira turma do curso.

Posteriormente, foram colocadas propostas, já para a segunda turma, outras formas de avaliação, sendo algumas delas, advindas de sugestões dos próprios alunos.

Além das citadas no programa inicial, foram inseridos: relatórios referentes às aulas práticas realizadas; painéis a serem apresentados, não só para os alunos da turma, mas também para os demais interessados, sendo, portanto de visibilidade pública; questionários, com perguntas alusivas aos aspectos que haviam envolvido todas as aulas teóricas e práticas e seminários com apresentações individuais sobre temas referentes aos conteúdos desenvolvidos.

5.3 Considerações sobre o referencial teórico

A aprovação de uma disciplina no currículo de um curso superior pressupõe um aporte teórico para garantir a base de determinados conhecimentos dos conteúdos previstos em seu programa. No entanto, podemos nos deparar com situações em que os temas sugeridos não possuem muitos livros a respeito dos mesmos, principalmente, em idioma nacional, dificultando muitas vezes o acesso desses conhecimentos aos acadêmicos.

As AFAN, por sua vez, ao serem inseridas nos cursos de Educação Física, nas décadas de oitenta e noventa, enfrentaram este tipo de situação, onde pouquíssimos autores escreviam livros sobre conhecimentos pedagógicos e técnicos a respeito de conteúdos relativos às atividades de aventura.

Mas, onde estaria o suporte teórico, em nível nacional, para o ensino dessas práticas? De que maneira os programas foram cumpridos: com bases teóricas e experiências empíricas?

Se observarmos a bibliografia relacionada no programa inicial da disciplina de Excursionismo, no ano de 1991 (Anexo 1), quando foi implantada, veremos que apenas um livro, “*Manual do Excursionista*” (REQUIÃO, 1990), consta da mesma. Se pensarmos na qualidade de um livro técnico, acreditamos que o manual possui, sem dúvidas, um marco importante como suporte para os conteúdos de excursionismo para o qual se propôs.

Alguns conteúdos, como vimos, foram se inserindo nas práticas, ficando, algumas vezes, sem o aporte de uma cobertura bibliográfica, pelo menos em algumas situações, mesmo a nível exclusivamente técnico, sem falar no pedagógico, cuja carência, acreditamos, seja bem maior.

Além do “Manual” citado na bibliografia do programa, havia sido lançado, pela editora *Summus*, o livro “*A Aventura de Caminhar*” (BECK, 1989), o primeiro do autor, que possui outras obras sobre aventuras na natureza, sendo um dos nomes mais conhecidos na literatura nacional acerca do assunto. “*Primeiros Socorros em Montanha e Trilha*”, “*A aventura de caminhar*”, “*Com unhas e dentes*” “*Ratos de Caverna*”, “*Convite à Aventura*”, além dos livros de mochila lançados para facilitar a leitura e o transporte dos mesmos pelos aventureiros, fazem parte de suas

publicações. Estes livros foram base teórica e técnica da disciplina desde os anos noventa, ainda sendo utilizados atualmente. Aventureiro que se preze e lê, tem de ter lido “Beck”, em algum momento de sua vida.

Um livro denominado “*Ginástica Natural*” (ROMANO) na década de noventa, embora bem técnico, versando sobre o método divulgado em vários cursos pelo Brasil, nos possibilitou trabalhar com conteúdos próximos à proposta da disciplina, como suporte para algumas aulas práticas.

Sendo assim, entendemos que o suporte teórico para esta área de conhecimentos, até o final dos anos noventa foi, no campo da Educação Física, notadamente, tímido. Com esta observação, podemos dizer que as primeiras iniciativas de construção de conhecimento no âmbito das disciplinas de atividades de aventura na natureza dos currículos de Educação Física foram de suporte quase totalmente empírico.

A base de nossas referências bibliográficas se utilizava também de encartes como o da Revista Terra (1995), que lançou o encarte “Manual TERRA – Vida ao ar livre”, trazendo informações e dicas de tudo o que você precisa saber para se aventurar na natureza. Pelas fotos e textos nos pareceu uma cópia pouco modificada de um manual confeccionado na Espanha. Mesmo assim, fez parte de nossa bibliografia complementar, principalmente naquele período.

Editado em 2000, a primeira edição brasileira “*Esportes de aventura e risco na montanha – Um mergulho no imaginário*” (COSTA, 2000), pelo fato de ser uma tese de doutorado de uma professora de Educação Física, abordando aspectos trazidos por praticantes de esportes na natureza, revelando o dito e o não dito em suas entrevistas, trouxe-nos um novo alento. Ao discutir questões que nos afligiam fazendo associações entre idéias do cotidiano, experiências e teorias, com uma linguagem que envolvia palavras e conceitos que trabalhamos em nossas aulas, como esporte, natureza, aventura, desafio, limites entre outras, esta obra tornou-se um aporte teórico fundamental para nossas práticas curriculares de ensino, de pesquisa e de extensão.

Elaborado por Romanini e Umeda (2002), com colaboração de vários profissionais, entre eles o professor de Educação Física Ricardo Uvinha, surge o primeiro livro que fazia uma abordagem histórica e técnica sobre modalidades de

esportes de aventura tendo sido inserido nas nossas referências. Assim, “*Esportes de Aventura ao seu alcance*” tornou-se um suporte interessante para ampliar o acervo bibliográfico de consulta dos alunos e professores do curso. O mesmo professor foi organizador do livro “*Turismo de Aventura – reflexões e tendências*” (2005), inserido como coadjuvante no processo de leitura e discussão com os alunos.

Como complementos importantes para discussões e estudos sobre esporte, lazer, natureza e temas que se inter-relacionam diretamente com as atividades e com os esportes de aventura, Alcyane Marinho e Heloisa Bruhns organizaram “*Turismo, Lazer e Natureza*” (2003) e “*Viagens, Lazer e Esportes – O espaço da natureza*” (2006), títulos que também contribuíram para nosso processo de ensino aprendizagem nas discussões e trabalhos na disciplina.

Gisele Maria Schwartz, uma das mentoras do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura – CBAA, nos apresenta, na qualidade de organizadora, o livro “*Aventuras na Natureza – consolidando significados*” (2006), trazendo artigos por demais importantes na discussão das atividades de aventura no contexto atual. A abrangência dessa obra nos remete a temas relevantes como ambiente, aspectos fisiológicos, psicológicos, pedagógicos, biomecânicos, sociais, organizacionais e adaptados das Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN). Com certeza um marco importante nos olhares das AFAN para nossas referências.

Na busca por referenciais a respeito de atividades físicas na natureza e os esportes de aventura, cuja veiculação de informações é mais rápida, e mais acessível, também fomos subsidiados por revistas, principalmente, sobre modalidades que foram sendo inseridas nas práticas da disciplina. Algumas destas revistas surgiram, depois sumiram, e outras permaneceram. Dentre elas, temos: Aventurajá (Editor Sérgio Beck); Aventura E Ação (Air Press); Guia Ecoadventure (Arroio); Néz Adventure (Tribal); Adventure (Artplus); Bici Sport (Pinos); Bike Action (Action Ltda); Eco Aventura (Adra); Expedição Ecoturismo (Escala); Revista Do Explorador (Annapurna); Horizonte Geográfico (Audichromo); National Geographic (Abril); Caminhos Da Terra (Peixes); Próxima Viagem (Peixes); Viagem E Turismo (Abril); Mares Do Sul (Mares Do Sul); Headwall (Alta Montanha); Trekking (Zero Editorial Ltda).

Atualmente, com o aumento dos estudos sobre as práticas dos esportes de aventura podemos observar um crescimento na produção científica, tanto na Educação Física quanto no Turismo, tentando construir aportes teóricos que possam cada vez mais, quem sabe, subsidiar os programas das disciplinas dos cursos de formação dessas áreas.

5.4 As práticas curriculares de aventuras na natureza

5.4.1 Componentes essenciais para realização das aulas práticas

A disciplina de Excursionismo, como todas as demais optativas do currículo, possuía uma carga horária total de 45 horas/aula, sendo destinadas 30 horas para as aulas práticas durante o semestre, no entanto, seguidamente, estas horas extrapolavam, sem que houvesse “reclamações”. Pelo menos, dos alunos, nunca recebemos.

Os espaços, as parcerias, os equipamentos e a infra-estrutura são fatores imprescindíveis para o bom funcionamento das aulas práticas.

Não obstante, o planejamento e a organização de tais práticas envolvem uma série de questões, as quais nos remetem a um envolvimento bem maior do que o de outras aulas, em que temos todos os requisitos necessários para sua utilização. Embora a nossa universidade possua espaços nos quais realizamos algumas aulas práticas, não é o mesmo que utilizar um ginásio, que está ali, à nossa disposição, para uma aula de algum desporto.

Para utilização dos espaços necessitamos verificar as condições dos lugares, cada vez que vamos utilizá-los, e ainda solicitar autorização, permissão para realizar as aulas aos sábados ou domingos, avisar as equipes de segurança, para liberar a passagem pelas “porteiras”, enfim uma série de aspectos que necessitam ser verificados com antecedência. Em outros locais, particulares ou públicos, dependemos sempre das disponibilidades de dias e horários, e que nem sempre combinam com as nossas.

As parcerias ou convidados, geralmente são os mais fáceis de contar quando realizamos o planejamento, porque normalmente, são pessoas com

afinidades ao nosso trabalho. Mas, também são na maior parte das vezes voluntários, portanto, temos que, primeiro verificar suas disponibilidades, para então planejar a aula. E, mesmo assim, se no dia não pudermos contar com eles, temos que ter o plano “B”, pois, não somos, obviamente, a prioridade; quando se trata de um grupo de resgate, a patrulha ambiental ou o corpo de bombeiros, por exemplo, e que naquele momento recebe um chamado ou alguma missão urgente.

Quanto aos equipamentos, na maior parte das vezes, cedidos, também se verifica algumas dificuldades, devido à possibilidade de seus proprietários disponibilizarem os mesmos. E, mesmo com a condição atual da universidade, possuindo a cedência e guarda provisória dos equipamentos para corridas de aventura, de uma ONG¹⁰, temos que enfrentar a situação de sua manutenção permanente, questão não muito fácil de lidar por causa dos recursos financeiros, sempre escassos, fato conhecido para quem conhece as condições da universidade pública.

Além de todos estes fatores, temos ainda a infra-estrutura necessária para garantir os deslocamentos e principalmente a segurança dos alunos, fatores estes que são extremamente importantes para a realização das aulas. No entanto, às vezes, os mais difíceis de lidar. Quanto ao transporte para levar e trazer os alunos, atualmente, temos melhores condições, mas, já viajamos algumas vezes em situações bem precárias, se não, pela falta de veículos, pela falta de recursos para diárias dos motoristas.

E, quanto à prevenção de acidentes, tarefa imprescindível nas práticas de aventura, estas ficaram sempre a cargo, do professor, responsável direto pelo grupo, que necessita se munir, além de material e seus conhecimentos em socorros, de um veículo, para garantir um resgate em lugares mais distantes ou de difícil acesso.

Apresentamos aqui algumas situações, para mostrar, nestas memórias, que a prática da docência no ensino superior também se reveste de muitas facetas, dentre algumas, a dificuldade, ainda nos dias de hoje, para “dar aula”.

¹⁰ A ONG FITUR, entidade responsável pelo “Projeto Esportivo e Cultural do Grito das Águas – Corridas de Aventura da Zona Sul/RS”, deixou sob a guarda, uso e manutenção da ESEF-UFPEL, a partir do ano de 2006, material adquirido para a realização do evento. (Botes infláveis, remos, coletes, bikes, capacetes e bússolas).

5.4.2 Desenvolvimento das aulas práticas

Evidentemente que, com quase quinze anos de oferta da disciplina, seria demasiado extensa uma narrativa das aulas desenvolvidas com seus inúmeros registros e detalhes.

Dessa forma, decidimos, para tentar expor estas experiências, utilizar um resumo das principais atividades/conteúdos das mesmas numa cronologia dos anos e semestres, nos quais a disciplina foi oferecida.

Para elucidar as narrativas, trouxemos registros fotográficos realizados durante as aulas que foram feitos por alunos, professores ou colaboradores quando da realização das mesmas, sem crédito específico para nenhum “fotógrafo”.

O propósito desta etapa foi o de possibilitar uma visão dessas aulas de forma mais atrativa e esclarecedora para acompanhar o desenvolvimento das práticas dessas aventuras curriculares.

Durante algumas de nossas aulas práticas, procuramos criar temáticas junto aos conteúdos das modalidades e ao espaço utilizado na natureza, referindo-se a geografia, à cultura e à história local, e as pessoas que ali residem, bem como, sempre que possível, à fauna e a flora existentes nesses lugares.

Nos espaços da universidade, por exemplo, essas aulas recebiam o título de “Conhecendo a Universidade”¹¹, pois, os alunos, mesmo frequentando o último ano do curso, desconheciam a maior parte das áreas pertencentes à Universidade. Talvez, pelo fato desta possuir, vários campus, distribuídos em diversas áreas do município e da região sul de nosso Estado. E, também, porque suas aulas se concentravam em um mesmo local, quase que todo o decorrer do curso.

¹¹ Apresentamos esta iniciativa de utilização dos espaços da universidade, em forma de pôster, com o título "A UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS ABRINDO ESPAÇOS PARA AS ATIVIDADES FÍSICAS NA NATUREZA E ESPORTES DE AVENTURA" em alguns eventos da área. A proposta foi de identificar as potencialidades dos espaços naturais que existem nas áreas pertencentes à Universidade para a prática de atividades físicas na natureza e esportes de aventura, com o objetivo de viabilizar a utilização desses espaços de forma organizada e segura, para aulas e realizar treinamentos e lazer da comunidade universitária e da comunidade da região sul do estado.

5.4.2.1 Período compreendido entre os anos de 1991 e 2000

Este foi o período em que se iniciaram as aulas da disciplina desde a sua primeira turma, tendo sido interrompida a oferta da mesma, já que se constituía de caráter optativo, durante o ano de 1993, 1995, 1996 e 1997, sendo novamente restabelecida a mesma sem mais interrupções até o ano 2000.

- **Cenário I - 1991**

Foi aberta a matrícula para o segundo semestre daquele ano, que seria ministrada pelo próprio professor Paulo Mello, idealizador da proposta e primeiro professor a ministrar a disciplina. No entanto, após ministrar as quinze aulas teóricas, o referido professor aposentou-se, ficando a disciplina com alunos formandos, sem o professor, para concluir o semestre. Pela impossibilidade de contratação de professores, tivemos que resolver a situação com professores do quadro efetivo. Sendo assim, colocamos nosso nome à disposição, por entendermos, naquele momento, ser possível resolver o problema. Acreditávamos poder atender as expectativas dos alunos para com a disciplina, embora sabendo que alguns haviam escolhido a mesma por falta de opção, o que na realidade tornava a disciplina quase obrigatória. Contudo, como já haviam sido nossos alunos em outras disciplinas, confiávamos no seu bom senso para conseguirmos realizarmos um trabalho significativo para sua formação, mesmo naquela situação adversa, correndo contra o tempo. Nesta turma, como já haviam sido dadas as aulas teóricas, ficou estabelecido que em dois finais de semana, faríamos as aulas práticas, com os conteúdos de *trekking* e acampamento, completando as horas/aula que faltavam para a disciplina com avaliação das práticas e a auto-avaliação.



Ilustração 20: Zona Rural, Pelotas/RS



Ilustração 21: C. do Arco Íris, Pelotas/RS



Ilustração 22: Trekking na Zona Rural do Município de Pelotas/RS

- **Cenário II - 1992**

Neste ano a ESEF UFPEL vivia um momento de real singularidade, pois optou por liberar o máximo de professores possíveis para cursar mestrado e doutorado, visando sua qualificação coletiva, com o objetivo de, capacitando-os, conseguir um número de docentes necessário para criar Curso de Mestrado na unidade. Com isso, estivemos com quase cinquenta por cento de professores afastados neste período.

Para a graduação ficou visível a dificuldade de garantir o pleno funcionamento do curso. No entanto, os professores que permaneceram empenharam-se ao máximo para garantir o afastamento dos demais, sem prejuízo aos alunos. As disciplinas optativas como o "Excursionismo" acabaram por não limitar o número de vagas, pois eram poucas as opções de escolhas para os alunos. Devido a esta situação, tivemos um número expressivo de quarenta e três alunos matriculados. Apesar de ser um grupo grande, cerca de vinte e cinco por cento desistiu, devido às aulas práticas serem em finais de semana. Começamos com esta turma um trabalho de convidados – pessoas da universidade, alunos e/ou professores, ou da comunidade, de alguma instituição. Entendíamos que pelo trabalho que já realizavam nas áreas de meio ambiente e educação, poderiam como colaboradores se engajar na proposta da disciplina, de relacionar as atividades físicas com o meio ambiente natural.

Acompanharam o grupo, nesta oportunidade, o professor e monitora da Faculdade de Agronomia no Horto Botânico e a Patrulha Ambiental no translado até a Barra pelo Canal São Gonçalo. O acampamento foi realizado durante dois dias, em um final de semana na área do SANEP, Serviço Autônomo de Saneamento da Cidade de Pelotas. O local foi escolhido para que os alunos pudessem verificar os processos de captação e tratamento da água que abastece parte do município, constatando a importância do local e da preservação ambiental e apresentando-se também como uma área com possibilidades para práticas ao ar livre, como acampamentos e caminhadas, com segurança e de espaços na natureza bastante agradáveis. Ao final do semestre realizamos a avaliação dos trabalhos através de entrevistas gravadas em vídeo, relatórios e questionários.



Ilustração 23: Canal São Gonçalo, Pelotas/RS

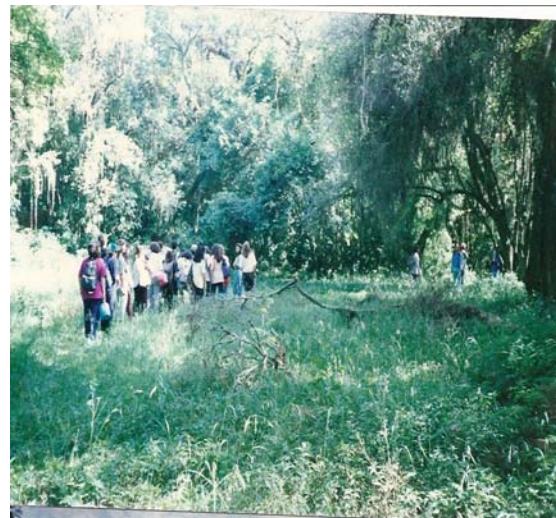


Ilustração 24: H. Botânico - UFPel C.Leão/RS

• Cenário III - 1994

Com um grupo de dezesseis alunos matriculados, além dos conteúdos e atividades, ampliamos nossas aulas para um local que reunia uma proposta da ecologia vivenciada através atividades físicas. Realizamos, durante um final de semana, caminhadas e escaladas em Nova Petrópolis, na Escola Bom Pastor, através do Projeto ECOVIV – ecologia vivenciada. O grupo ficou alojado em no albergue da juventude¹², que pertence à própria escola. Esta atividade foi sem dúvida um marco importante no processo de construção da disciplina, pois culminou com a viagem até aquele local, onde nos foi possível rever e ampliar nossos conhecimentos em relação à atividade física, companheirismo, ecologia e excursionismo, com guias do projeto. O grupo decidiu realizar a avaliação através de depoimentos gravados em fita de vídeo.

¹² Segundo a Embratur, os albergues consistem em um meio de hospedagem peculiar de turismo social, integrado ao movimento albergista nacional e internacional, que objetiva proporcionar acomodações comunitárias de curta duração e baixo custo com garantia de padrões mínimos de higiene, conforto e segurança. (GIARETTA, 2003, p. 77).

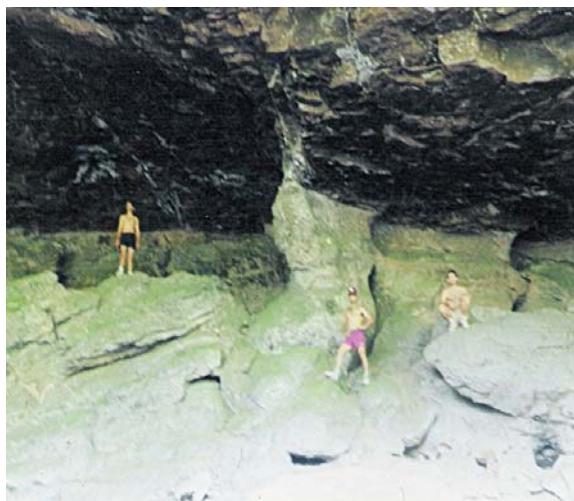


Ilustração 25: Panelão, N. Petrópolis/RS



Ilustração 26: Ponte Pênsil, Nova Petrópolis/RS

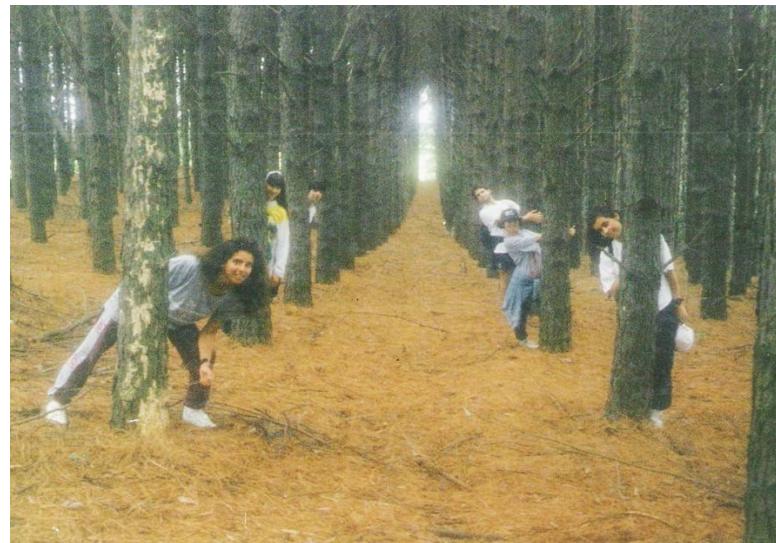


Ilustração 27: C. A. da Palma – UFPel, Capão do Leão/RS

Durante os anos de 1993, 1995, 1996 e 1997, estávamos no cargo de Direção da Escola de Escola de Educação Física, e afastados dos encargos didáticos, motivo pelo qual a disciplina não foi ofertada.

No ano de 1993 realizamos uma atividade excursionista com o grupo de dança da ESEF-UFPEL, conhecendo a Pedra do Segredo, no município de Caçapava do Sul, com cerca de vinte alunos. Para um grupo onde o corpo é acrobático e sensível à “flor da pele” foi uma experiência de pura emoção.



Ilustração 28: Pedra do Segredo.
Caçapava do Sul/RS



Ilustração 29: Grupo Universitário de Dança
ESEF-UFPEL

Em 1997, realizamos, através da extensão universitária, um curso de Excursionismo, no evento da Semana Acadêmica do Diretório da ESEF-UFPEL, com cerca de trinta pessoas inscritas. O curso aconteceu no Centro de Convivência Holística do professor Milton Guerra.



Ilustração 30: C.Holístico. Pelotas/RS



Ilustração 31: Prática nas Trilhas, Pelotas/RS

• Cenário IV - 1998

Retornamos à disciplina com um grupo de doze alunos, o menor até então. Naquele semestre tivemos a participação de dois convidados: a diretora do Horto Botânico, professora Leila Macias, da UFPEL, que acompanhou o grupo durante a caminhada nas trilhas do Horto; o professor Milton Guerra, proprietário do Centro

Holístico de Convivência, local onde acampamos e realizamos atividades de caminhadas diurnas e noturnas nas trilhas do lugar, além de realizarmos vivências para confecções de nós e amarras, entre outras atividades excursionistas. O professor, sempre um anfitrião parceiro nas aventuras, foi chefe escoteiro e possui conhecimentos holísticos de grande valor para nossos encontros. Conseguimos manter a parceria com o Projeto “ECOVIV”, na Escola Bom Pastor, com hospedagem, alimentação e guias para as trilhas. Com este grupo começamos a incluir, nas aulas práticas, o conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG), escola pertencente à UFPel, com uma área próxima a duzentos hectares, localizada na área urbana da cidade, com potencial para realizar várias práticas de aventura. O local possui trilhas na mata e no campo, córregos, açude e grandes árvores para travessias, por estarem tombadas pelos ventos fortes da região. A avaliação foi realizada através de trabalhos apresentados pelo grupo e depoimentos gravados em fitas VHS.

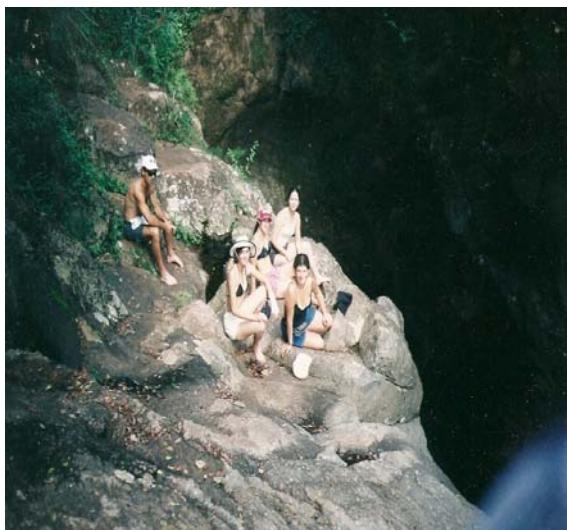


Ilustração 28: Panelão, Nova Petrópolis/RS

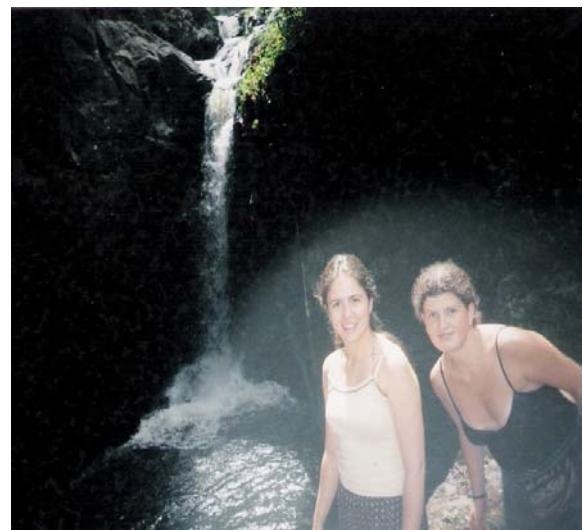


Ilustração 29: Panelão, Nova Petrópolis/RS

• Cenário V - 1999

Devido ao cargo que assumimos, de presidente do Sindicato dos Docentes da Universidade Federal Pelotas, no ano de 1999, ficou com a regência da disciplina a professora Luciana Marins Nogueira Peil. As aulas práticas foram realizadas nos mesmos locais, sendo que foi inserida uma prática de rapel, na pedreira desativada do Monte Bonito, na zona rural do município de Pelotas. Para proporcionar uma

vivência nesta atividade, foram convidados membros do Clube de Montanhismo de Pelotas.

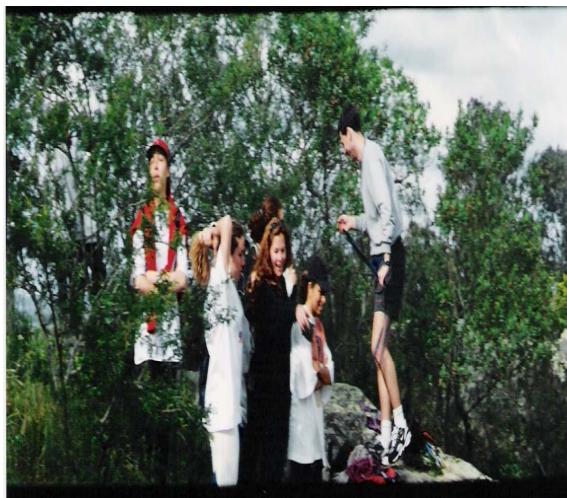


Ilustração 30: Pedreira do M. Bonito, Pelotas/RS



Ilustração 31: Pedreira Z. Rural, Pelotas/RS

• Cenário VI - 2000

A disciplina se manteve com as mesmas características e conteúdos, com algumas práticas e locais diferenciados, nas várias modalidades. Foram mantidas as caminhadas "Conhecendo a UFPEL" (Eclusa, Horto Botânico, Centro Agropecuário da Palma e Pedreiras do Capão do Leão); "Orla da Laguna dos Patos" (Balneários Santo Antonio e Prazeres); "As águas da Zona Rural" (Cascatinha, Cascata Imigrantes, Túnel Ferroviário e Cachoeira do Arco Íris*) e no Projeto ECOVIV em Nova Petrópolis (Trilhas Bom Pastor e Panelão). A particularidade principal deste grupo foi a alternância de elementos em cada aula prática, pois quase todos trabalhavam aos finais de semana. No entanto, o mínimo de pessoas presentes nas aulas facilitou os deslocamentos em veículos, pois a Universidade colocou, apenas na viagem para Nova Petrópolis, um micro-ônibus para transportar os alunos para as aulas práticas. As demais foram com o veículo do professor ou ônibus de linha normal. Esta foi uma situação não muito incomum nas nossas tentativas de realizar as práticas.



Ilustração 32: Panelão, Nova Petrópolis/RS



Ilustração 33: Cascata, Pelotas/RS

5.4.2.2 Período compreendido entre 2001 e 2006

A partir desse ano começamos a trabalhar alguns aspectos, os quais conseguimos manter até o final do período. Primeiramente definimos a inserção das pedaladas, que foram criando status de mountain bike, dadas as condições do terreno e dos equipamentos. As caminhadas foram assumindo a condição de trekking, sendo um pouco mais longas e difíceis. E os trabalhos de avaliação começaram a ser desenvolvidos através dos painéis, seminários e questionários de avaliação da disciplina. Foram também inseridas, neste período, as corridas de aventura e de orientação, que foram um diferencial nas avaliações feitas pelos alunos. As escaladas indoor também começaram a acontecer devido à possibilidades de parceiros voluntários que colocavam seus equipamentos à disposição para os alunos, já que a universidade não dispunha dos mesmos. Surgiram, ainda, em algumas oportunidades as cavalgadas e o arvorismo, em espaços da zona rural do município. Com a entrada dessas modalidades, em alguns semestres foram realizadas aulas práticas além da carga horária mínima estabelecida, sem que houvesse qualquer reclamação por parte dos alunos.

- **Cenário VII - 2001**

Neste ano, retomamos algumas parcerias como o Batalhão Policiamento Ambiental da Brigada Militar, realizando o *trekking* nas margens da Laguna dos

Patos e discutindo os problemas ambientais mais frequentemente encontrados naquela região pelos patrulheiros ambientais. Na zona rural foram realizados acampamentos e *trekking* nas margens do Arroio Pelotas e nas terras da Trilha Jardim. Nesta turma conseguimos incluir algumas práticas como a pedalada, pois todos se dispuseram a conseguir uma “*bike*” para conhecer a área do campus Capão do leão – um percurso com cerca de cinquenta quilômetros. A escalada, cujo exercício aconteceu em uma parede artificial (indoor), tendo como convidado um professor de educação física e montanhista, que também trabalhou com o grupo a prática de rapel, na Pedreira do Monte Bonito, localizada na zona rural de Pelotas. Além destas modalidades, foram feitas travessias nas dependências do CAVG, com a professora de Educação Física, Elaine Neves.



Ilustração 34: Beira da Lagoa, Pelotas/RS.



Ilustração 35: Pedreira. M. Bonito, Pelotas/RS.

• Cenário VIII - 2002

Neste ano aconteceu a primeira oferta da disciplina no inverno. Nesta turma incluímos algumas modalidades, como a cavalgada e o arvorismo, técnicas verticais e corridas de aventura. Elaboramos duas corridas, sendo uma delas com tarefas a realizar durante o percurso na orla da Laguna dos Patos, de caráter ambiental e ecológico, e a outra, simulando uma corrida, com mapas para orientação, *trekking* e *bikes*; esta compreendia um perímetro urbano e outro natural, nas terras do CAVG.

Foi também nesse ano que começamos a frequentar mais um local além dos já citados em outros semestres: o Eco Museu da Picada, no município de Rio Grande, cuja proprietária, Dulce, tem feito um trabalho excelente, destacando a cultura Açoriana e Gaúcha, preservando um casarão centenário, suas terras e

figueiras à volta. O Eco Museu tem um papel importantíssimo nas atividades da disciplina de Excursionismo, pois lá encontramos vários espaços para desenvolver nossos conteúdos e descobrir novos caminhos e trilhas, numa proposta de troca e conhecimentos em prol da preservação do meio ambiente, do esporte e da cultura. Batizada com o nome de "turma de inverno", foi uma das turmas mais participantes nas aulas práticas. O interesse era tanto que chegamos à marca de sessenta horas-aula, ao invés de trinta, como seria o normal previsto. Foi também quando tivemos o maior número de colaboradores, como o professor Cássio Cavalheiro (escalada e rapel); professor Vilmar Douglas (bike e na Corrida de Aventura); Dulce, proprietária do Eco Museu (cavalgada e *trekking*); os tenentes, sargentos e soldados, membros da COPEL (orientação); os guias, Cláudio e Cleber, do Projeto ECOVIV da Escola Bom Pastor (trilhas em Nova Petrópolis).



Ilustração 36: Palma, Capão do Leão/RS



Ilustração 37: Sede da ESEF, Pelotas/RS



Ilustração 38: Lagoa dos Patos, Pelotas/RS



Ilustração 39: Ecomuseu, Rio Grande/RS

No segundo semestre de 2002 ocorreu uma greve na Universidade, tendo as aulas sido transferidas para o forte do verão, em janeiro e fevereiro. Essa turma foi, talvez, a que mais identificou, na prática, a influência do calor sobre o praticante das atividades e dos esportes de aventura na natureza. Modalidades como acampamentos, trekkings, pedaladas, cavalgadas e arvorismo (falsa baiana e tirolesa) foram realizadas no Eco Museu e no Centro Holístico de Convivência.

Além dos parceiros já mencionados nos outros semestres, estava na prática de bike o professor Giancarlo Bruno, graduado pela ESEF-UFPEL, profundo convededor de ciclismo, e que já havia realizado palestra sobre o assunto para o grupo. Pela segunda vez, conseguimos realizar uma travessia de barco nas águas da Lagoa dos Patos com pescadores da região.



Ilustração 40: Centro de Convivência Holística – Hidráulica, Pelotas/RS



Ilustração 41: Capão do Leão/RS



Ilustração 42: Centro Holístico, Pelotas/RS

- **Cenário IX - 2003**

A segunda turma de inverno se apresentou com doze alunos, no primeiro semestre de 2003, número que facilitou as práticas com deslocamentos e com as modalidades, possibilitando também o planejamento das datas, pois possuíam mais disponibilidade do que outras turmas. Uma das práticas que trouxe algo bastante interessante foi a trilha no Eco Camping Municipal, que estava sendo revitalizado para um melhor aproveitamento do local para acampar. O responsável pelo mesmo, na ocasião, mostrou aos alunos e à oficial da Patrulha Ambiental da Brigada Militar, a quantidade de lixo que estava acumulado no local, deixado por pessoas que usufruíam do mesmo, mostrando a necessidade de trabalhar a educação ambiental para a preservação do lugar.

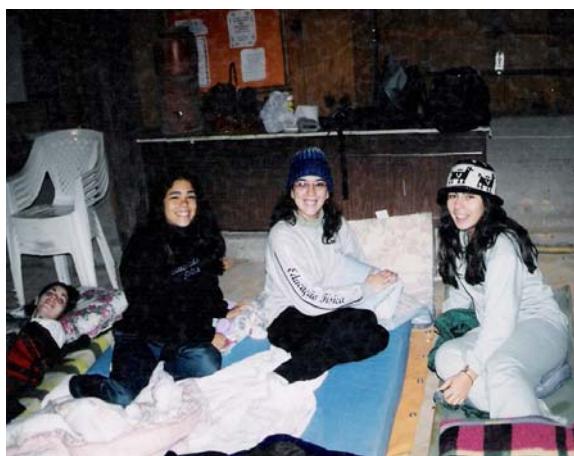


Ilustração 43: Centro Holístico, Pelotas/RS

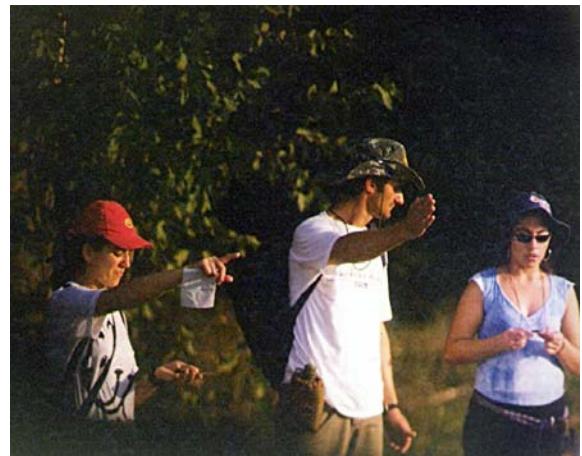


Ilustração 44: CAVG, Pelotas/RS



Ilustração 45: Prédio Histórico da Hidráulica Pelotense, Pelotas/RS

O segundo semestre do ano de 2003 foi novamente interrompido pela greve na Universidade. No entanto, os outros alunos que se dividiram para cursar aquele semestre foram favorecidos pela participação de um tenente e um capitão do 9º BIMTz, que possuía formação em técnicas verticais e se propôs a participar de algumas aulas para contribuir com seus conhecimentos, tanto teóricos quanto práticos. Realizamos com o grupo uma prática de escalada indoor e um rapel na zona rural. Esse grupo foi o último que realizou a travessia de barco até a Ilha da Feitoria, na Laguna dos Patos, em Pelotas, com pescadores da Colônia Z3, que fazem esse tipo de transporte para que as pessoas conheçam a ilha e desfrutem daquele espaço de singular natureza.



Ilustração 46: Zona Rural, Pelotas/RS



Ilustração 47: Ilha da Feitoria, Pelotas/RS



Ilustração 48: Ecomuseu, Rio Grande/RS



Ilustração 49: Ecomuseu, Rio Grande/RS

Nessa ocasião uma professora, mestre em Educação Ambiental, também convidada a participar da disciplina, ministrou uma palestra ao ar livre, na Mata do

Totó, sobre Educação Ambiental e sobre a ONG denominada Centro de Estudos Ambientais. Durante a prática de uma aula no Laranjal, a turma foi acompanhada por uma equipe de reportagem de uma emissora local de televisão, para gravar um programa (fato inédito em nossas práticas), o qual foi veiculado alguns dias depois. Mas, esta turma, pelo fato do semestre letivo ter sido adiado pela greve na universidade, foi finalizar suas aulas práticas no mês de março de 2004, ao invés de dezembro de 2003.

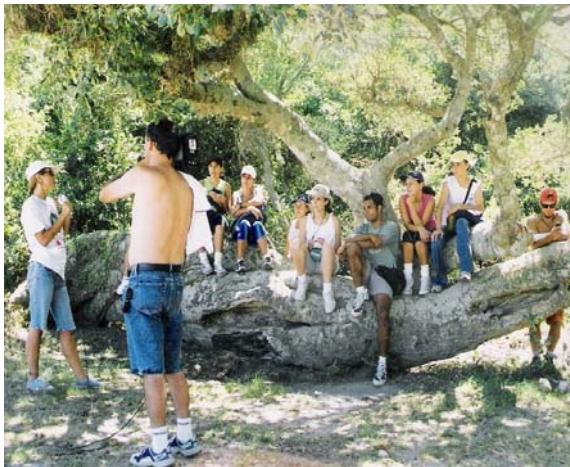


Ilustração 50: Praia do Totó, Pelotas/RS



Ilustração 51: Ginásio Arena, Pelotas/RS

Como havíamos programado uma Corrida de Aventura, juntamente com a Secretaria de Esportes do Município, que seria realizada na Festa do Peixe, no Eco Camping, os alunos da disciplina formaram as equipes, e realizaram a corrida como "demonstração", já que nunca havia sido realizada nenhuma competição da modalidade na zona sul, do Estado do Rio Grande do Sul.

A corrida envolveu, além dos alunos, professores, fiscais de trânsito, corpo de bombeiros, comunidade de pescadores, que emprestaram seus barcos para a parte da corrida na água, além de *trekking* e pedalada, com uma duração de aproximadamente 3 horas, nas margens da Laguna dos Patos.



Ilustração 52: Lagoa dos Patos, Pelotas/RS



Ilustração 53: Lagoa dos Patos, Pelotas/RS



Ilustração 54: Eco Camping, Pelotas/RS



Ilustração 55: Eco Camping, Pelotas/RS



Ilustração 56: Corrida de Aventura da Festa do Peixe Eco Camping – Colônia Z3, Pelotas/RS

- **Cenário X - 2004**

No segundo semestre deste ano, com uma turma de trinta alunos, a disciplina desenvolveu em suas práticas as modalidades de *trekking*, ciclismo, arvorismo, acampamentos, orientação, escalada, rapel e *rafting*. Nesta turma evidenciou-se a participação efetiva do grupo e a união dos participantes com grande espírito de companheirismo. Os equipamentos de segurança foram aprimorados e sua utilização feita em todas as práticas em que foram necessárias. Algumas práticas foram acompanhadas por convidados, como a pedalada no Campus, por duas pessoas pertencentes ao CEA; nas práticas, em Nova Petrópolis, pelos guias do Ecoviv; em Três Coroas, pelo responsável da Central Sul Raft. Nesta turma de alunos, estava um acadêmico, conhecedor de técnicas verticais e *mountainbike*, trazendo uma excelente contribuição ao grupo com sua experiência. Outra característica da turma foi a quantidade de fotos das atividades práticas, em virtude do uso de câmera fotográfica digital pela primeira vez.



Ilustração 57: Ponte do Trem, Capão do Leão/RS



Ilustração 58: Rafting, Três Coroas/RS



Ilustração 59: Recanto dos Coswig, Pelotas/RS

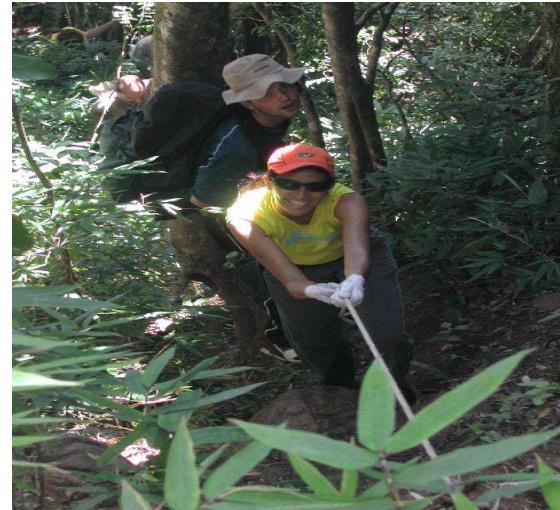


Ilustração 60: Pedra Silêncio, N. Petrópolis/RS

- **Cenário XI - 2005**

Voltamos a ofertar a disciplina no 1º e 2º semestres, pois havia uma solicitação dos alunos formandos de que houvesse vagas para cerca de cinquenta alunos. Devido à solicitação, foram oferecidas aos alunos 25 vagas em cada semestre. Assim, os acadêmicos desses dois semestres, além das aulas práticas realizadas nas modalidades, tais como as do ano de 2004, puderam participar das primeiras Corridas de Aventura da Zona Sul do RS, denominadas: Grito das Águas, promovidas pela ONG FITUR e sob nossa coordenação. Esta possibilidade ocorreu, porque, devido às paralisações nas Universidades Federais, os períodos letivos foram alterados e possibilitaram a frequência nas corridas de aventura, atuando como árbitros ou atletas.



Ilustração 61: Horto Botânico, UFPel/RS



Ilustração 62: Rio Paranhama. Três Coroas/RS



Ilustração 63: Boulder. Nova Petrópolis/RS



Ilustração 64: Campus UFPel/RS

• Cenário XII - 2006

Somente no 2º semestre foi possível ofertar a disciplina de Excursionismo, que foi desenvolvida com vinte e cinco alunos. Esta turma foi a que encerrou a oferta do Excursionismo, como optativa do Curso de Licenciatura Plena. Foi também a que recebeu o melhor equipamento para as aulas, pois a FITUR colocou, sob os cuidados da ESEF-UFPel, botes, bikes, remos, capacetes, coletes, bússolas e barracas, que poderiam ser usadas para as aulas de atividades de aventura do excursionismo e pré-estágios referentes a estas atividades. Os equipamentos técnicos e de segurança foram importantes, pois além de facilitar a utilização para um grupo de até vinte e cinco alunos, possibilitou a canoagem em nossa região, mesmo sendo em águas sem corredeiras, permitindo a possibilidade de praticar a modalidade. Tanto os botes infláveis quanto as bikes foram importantes para melhorar ainda mais a qualidade do ensino nas aulas práticas.



Ilustração 65: Canal São Gonçalo, Pelotas/RS



Ilustração 66: Pedra do Silêncio, N. Petrópolis/RS

5.5 A disciplina de Pré-estágio

No primeiro semestre do ano de 2005 e de 2006, foram abertas 40 vagas, em cada semestre, para alunos do curso de Educação Física em uma disciplina denominada Pré-estágio, de caráter obrigatório, somente com conteúdos de práticas em projetos de ensino, pesquisa ou extensão. Esta disciplina possui trinta e quatro horas semestrais e, como conteúdo, Práticas de Organização e Arbitragem em Corridas de Aventura, com o objetivo de levar a um maior número de acadêmicos a possibilidade de vivenciar estes conteúdos. Foram realizados encontros com treinamento sobre as corridas, organização, segurança, arbitragem, percurso, equipamentos e competição.

Esta disciplina garantiu o efetivo de pessoal para que as Corridas se realizassem no tempo necessário para execução de todas as etapas na zona sul do Rio Grande do Sul, que aconteceram todas em finais de semana. Mesmo assim, os alunos compareceram com a freqüência exigida pela disciplina.

O Pré-estágio permite maior flexibilidade dos conteúdos contribuindo para a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão como também para a interdisciplinaridade com a disciplina de excursionismo.

Os aprendizados que obtive ao ingressar neste pré-estágio foram muitos, isto porque, nunca tive um contato tão direto com este esporte de aventura. Meu entendimento sobre a organização, os procedimentos e as modalidades esportivas, possíveis de integrar esta atividade, expandiu-se muito. Além disso, pude atuar na arbitragem, o que me ofereceu mais subsídios para compreender o funcionamento e andamento de uma verdadeira corrida de aventura. (Acadêmico G. F. D. D – 2005, Depoimento)

5.6 O Projeto "GRITO DAS ÁGUAS"

A ONG FITUR – Sociedade para o Desenvolvimento do Turismo Sustentável em Pelotas, apresentou, ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul, um projeto denominado "GRITO DAS ÁGUAS – Encontro Esportivo Cultural da Zona Sul/RS", o qual foi aprovado na Consulta Popular do COREDE SUL, para ser desenvolvido

entre outubro de 2004 a maio de 2005, sendo a sua principal atividade seis provas de Corridas de Aventura, envolvendo 22 municípios da zona sul do Estado.

A justificativa do projeto diz:

A Zona Sul de nosso Estado possui um vasto patrimônio natural e cultural que merece ser mais explorado. A proposta de uma Corrida de Aventuras vem contribuir neste sentido na divulgação dos diversos pontos ecológicos e paisagísticos, assim como no desenvolvimento sócio-econômico auto sustentável da região. [...] o envolvimento da comunidade tornando-os agentes multiplicadores de uma consciência ambiental capaz de proporcionar uma convivência harmônica entre homem e natureza [...] dentro do contexto turístico, cabe ressaltar de suma importância a valorização das potencialidades naturais de nossa região, especialmente de nossos recursos hídricos (2004).

Ao tomarmos conhecimento do projeto, através da Presidente da FITUR, professora Elisete Jeske, uma das idealizadoras do mesmo, percebemos que seria importante fazermos parte do grupo, para contribuirmos com nosso conhecimento na execução do mesmo, como também para adquirirmos mais experiência em Corridas de Aventuras. Na primeira reunião com o grupo de trabalho, onde havia profissionais de várias áreas, tivemos clareza da grandeza do projeto como também da definição de nossas responsabilidades: o planejamento, a organização e a execução das corridas de aventura.

Passamos então a exercer pela Escola de Educação Física, a Coordenação Técnica da Corrida de Aventuras do Grito das Águas. Inicialmente, convidamos pessoas que estivessem preparadas para encarar este desafio. Fizemos o convite aos professores formados pela ESEF-UFPEL, que haviam passado pela experiência das corridas de aventura na disciplina de Excursionismo: Mário Azevedo Junior e Gustavo Freitas; ao professor João Gilberto Giusti, que possuía grande experiência em organização de eventos esportivos; ao acadêmico Anderson Fernandes por sua atuação na disciplina, com experiência e conhecimento em *mountain-bike* e técnicas verticais. Constituída a comissão técnica, iniciamos então o trabalho desde a elaboração dos regulamentos, dos percursos, dos mapas, dos equipamentos, da logística e da arbitragem, a qual foi realizada pelos acadêmicos da ESEF, através das disciplinas de Excursionismo e Pré-Estágios.

O entrosamento entre os diversos profissionais de turismo, educação física, enfermagem, fotografia, comunicação e outros durante os trabalhos foi fundamental para a realização com êxito das várias etapas da Corrida.

A divulgação da corrida foi muito importante para alcançar os objetivos do projeto e para a própria modalidade, pouco difundida em nossa região. Reportagens nos meios de comunicação, elaboradas pelo jornalista Marcus Bugs, contratado para a cobertura do evento, relatavam muito bem as características de nossa região para a prática das corridas de aventura, devido à diversidade de espaços na natureza existentes na região sul do Rio Grande do Sul.

Um fator importante que também devemos destacar é a respeito dos equipamentos, de propriedade da FITUR (botes infláveis, remos, *mountain bikes*, bússolas lanternas de cabeça, capacetes) os quais, através de um convênio com a Universidade, ficaram sob a guarda da ESEF-UFPEL, sendo possível a utilização dos mesmos para aulas, projetos e eventos de aventura na natureza.

Com a apresentação do Relatório Final divulgando os resultados do I Grito das Águas, considerados excelentes, o Projeto recebeu uma verba para sua realização no ano de 2006, passando a ser denominado "II GRITO DAS ÁGUAS - Corridas de Aventuras da Zona Sul / RS". Esta verba propiciou a aquisição de mais equipamentos e a participação de um maior número de atletas na etapa final.

A final foi realizada em três dias de competição, com aproximadamente cento e vinte quilômetros de provas, colocando a Corrida de Aventura do Grito das Águas em *sites* de aventuras, como o SS. ESP. BR e INEMA.com.br, jornais de circulação nacional e canais de televisão locais, estaduais e nacionais, divulgando o evento ainda mais do que na primeira edição.

A segunda edição também trouxe outros benefícios para a ESEF-UFPEL, colocando a instituição entre as poucas do Brasil atuando diretamente em corridas de aventura. Além disso, houve também uma maior participação dos acadêmicos envolvidos tanto na arbitragem quanto nas equipes, participando diretamente como atletas.

A escolha de percursos dentro de áreas pertencentes à Universidade, como a Barragem Eclusa da Agência da Lagoa Mirim, no Canal São Gonçalo, as estradas do Campus Capão do Leão e da Embrapa, o Horto Botânico e o Centro Agropecuário da Palma, mostrou a riqueza desses espaços existentes para a prática da atividade física e dos esportes de aventura, podendo ser utilizados tanto pela

comunidade universitária quanto pela comunidade em geral, através de projetos de extensão.

O projeto do “Grito das Águas” foi, sem dúvida, a consolidação de uma construção e reconstrução do conhecimento em esportes de aventura no currículo de nosso curso através das disciplinas de pré-estágio e excursionismo, tanto no ensino como na pesquisa e na extensão.

6. IMAGENS E OLHARES

Apesar de todo desenvolvimento evidente na tecnologia avançada e no relevante aumento da produção de imagens, demonstrar o mais fielmente as sensações vivenciadas no ambiente natural parece ser o maior desafio no campo da produção de imagens fotográficas e videográficas. (TORTOZA, 2006, p. 183). O mesmo Tortoza, referindo-se a Kossoy, nos diz que historicamente, a fotografia, o vídeo e todas as formas de imagens têm revelado o modo como o homem percebe o mundo em seu redor, assim como os fatos que esteticamente são mais valorizados.

6.1 Os aventureiros



Ilustração 67: 1991/2 – Primeira Turma...



Ilustração 68: 1992/2 – A maior turma...



Ilustração 69: 1994/2 Turma ECOVIV



Ilustração 70: 1998/2 – Turma Pedra do Silêncio.



Ilustração 71: 1999/2 – Turma Lixão do Rapel



Ilustração 72: 2000/2 – Turma Trilha Jardim



Ilustração 73: 2001/2 – Turma do Arvorismo



Ilustração 74: 2002/1 – Turma de Inverno



Ilustração 75: 2002/2 – Turma do pedal



Ilustração 76: 2003/1 – Turma Ecomuseu



Ilustração 77: 2003/2 – Turma Ilha da Feitoria



Ilustração 78: 2004/2 – Turma da Laguna



Ilustração 79: 2005/1 – Turma Grito das águas



Ilustração 80: 2005/2 – Turma loucos por Raft



Ilustração 81: 2006/2 – Última Turma

6.2 As aventuras



Ilustração 82: Escaladas indoor (2004)



Ilustração 83: Trekking com neblina (2002)



Ilustração 84: Trilhas de bike (2005)



Ilustração 85: Travessias no vale (2005)



Ilustração 86: Montagem do acampamento (2004)



Ilustração 87: Curtindo a barraca (1991)



Ilustração 88: Pedaladas ecológicas (2003)



Ilustração 89: Trilhas íngremes (2005)



Ilustração 90: Rafting com emoção (2004)



Ilustração 91: Tirolesa com adrenalina (2005)



Ilustração 92: Trekking nas dunas (2002)



Ilustração 93: Arvorismo e segurança (2003)



Ilustração 94: Rapel na montanha (2005)



Ilustração 95: Treinos para rafting (2006)



Ilustração 96: Transpondo obstáculos (2001)



Ilustração 97: Eco Trekking (2002)



Ilustração 98: Trekking pesado (2003)

6.3 A natureza



Ilustração 99: Águas que descem...



Ilustração 100: rios que correm...



Ilustração 101: verdes na mata...



Ilustração 102: outros verdes...



Ilustração 103: o nascer do dia...



Ilustração 104: o cair da noite...



Ilustração 105: as obras de arte...



Ilustração 106: a arte das obras...



Ilustração 107: seus artistas...



Ilustração 108: e seus habitantes...



Ilustração 109: ameaçados...



Ilustração 110...por vestígios humanos!

7. OLHARES E PALAVRAS

Os registros, que serão tomados como fontes, para a escrita deste capítulo, foram resgatados dos arquivos da disciplina de excursionismo desde a sua primeira turma em 1991 até a última oferta da mesma no ano de 2006, do currículo antigo da licenciatura do curso de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas.

Nos primeiros anos de oferta, na década de 90, utilizávamos um instrumento, ao final de cada semestre, onde os alunos relatavam os pontos positivos e negativos e suas sugestões sobre as aulas desenvolvidas naquele período, se assim o desejassem. Esses relatos foram feitos através de vários tipos de depoimentos, como: escritos em sala de aula; escritos e enviados por e-mail; gravados em entrevistas realizadas em duplas; depoimentos falados e gravados relatórios individuais e outras formas de registros. Através da leitura destes relatos e sugestões, tentávamos melhorar as condições de nossos processos de ensino-aprendizagem para os semestres subseqüentes.

Apesar de alguns alunos manifestarem não acreditar que seus depoimentos poderiam ser valiosos para a continuidade dos trabalhos dessa disciplina, muitos os escreviam acreditando que seriam utilizados com este propósito, e que suas sugestões poderiam contribuir para o processo de continuidade das aulas em outros semestres.

Embora valiosas, nem todas as críticas e sugestões foram colocadas neste trabalho, pois não poderíamos contemplar uma grande quantidade de depoimentos oriundos de vários instrumentos, pelo menos, neste momento, pois precisaríamos de um tempo bem maior do qual não dispúnhamos, para analisá-los todos. Assim, considerando o exposto, decidimos então utilizar os depoimentos a partir do ano de 2001 até o ano de 2005, extraídos de um instrumento em forma de questionário, com perguntas que foram respondidas pelos alunos ao final de cada semestre cursado.

Este instrumento foi aplicado em sete turmas durante os anos de 2001 a 2005 e aqui foi selecionado como a fonte maior para o nosso estudo. O documento tinha a denominação de “questionário de avaliação da disciplina.”, e era um dos trabalhos que compunha a avaliação final.

Assim, a análise dos registros que tomamos como suporte para realizar este capítulo contou com aproximadamente cento e vinte respostas selecionadas, as quais focalizam aquilo que os alunos consideraram mais importante na disciplina, evidenciando os seus olhares a respeito dela.

A proposta não possui a intenção de trazer verdades ou receitas para outros cursos de Educação Física, mas sim, de tentar contribuir para as discussões que estão acontecendo sobre as atividades físicas e esportes de aventura na natureza nos currículos dos cursos de formação em Educação Física.

A abordagem feita sobre os depoimentos, foi inicialmente direcionada para uma triagem em torno das falas dos alunos sobre as aulas práticas desenvolvidas, definidas como aquelas em que houve deslocamento para lugares fora da sede da Escola de Educação Física e envolveu professores e alunos, conforme previa o cronograma de estudos.

Após a leitura desses documentos, definimos os grupos ou eixos temáticos que mais se destacaram no material empírico, para, a partir deles, fazer uma reflexão associando-os a alguns autores e as nossas opiniões e convicções.

Os alunos foram os elementos chaves do nosso estudo. Primeiro, porque optaram pela disciplina quando estavam em formação, acreditando em nossa proposta curricular. Segundo, por terem participado das aulas práticas no decorrer dos semestres, com espírito de aventura e colaboração, apesar das dificuldades. Terceiro, porque se propuseram a revelar em suas palavras, seus olhares, seus sentimentos, o que gostaram, o que pensaram, avaliando a disciplina ao final de cada semestre. Assim, fomos cúmplices nas aventuras desta formação acadêmica, aprendendo e ensinando uns aos outros. Fomos, sem dúvida, companheiros de jornadas inesquecíveis, que espero tenham sido tão importantes para eles quanto para nós.

Gostaríamos de revelar, além das palavras, seus autores, no entanto, como o documento não foi construído para este fim, e foi escolhido por nós sem a

possibilidade de consultar a todos os escreventes, entendemos, por questões éticas, não revelar seus nomes na íntegra, optando apenas pelas iniciais de cada um e o ano em que cursaram a disciplina.

Os instrumentos aos quais nos reportamos, foram questionários (anexo II) aplicados aos alunos no final do período letivo dos semestres cursados pelos mesmos, a partir do ano de 2001. O referido instrumento era constituído de cinco questões, que versavam sobre aspectos mais importantes, expectativas, contribuições, sugestões ou críticas, avaliação do próprio desempenho, participação e considerações finais sobre a disciplina.

Mas, por que razão, após já termos lido essas palavras ao final dos semestres letivos resolvemos trazê-las novamente à tona? Buscá-las em meio a provas, folhas de frequência, trabalhos elaborados, notas de avaliações, fotos e filmes?

Para nós, existia naquelas palavras mais do que simplesmente uma avaliação da disciplina no processo de ensino. Eram revelações singulares, a respeito de uma experiência, quem sabe inovadora, de um conteúdo emergente, desenvolvida em um curso de Educação Física de uma Universidade Pública, que ficariam arquivadas em pastas, e talvez nunca mais fossem lidas. Mas, através do uso que fizemos delas aqui, talvez ganhem um pouco mais de visibilidade e quem sabe um dia possam contribuir para as questões relativas ao currículo ou mais especificamente às atividades físicas e os esportes de aventura e suas implicações na formação profissional em Educação Física. Ninguém melhor do que os próprios alunos, com suas memórias e registros para nos falar sobre experiências curriculares vivenciadas através de seus corpos aventureiros.

Este estudo é também um resgate histórico destas vivências, colocadas, como uma opção de escolha, para aqueles que de alguma forma se sentiram atraídos pela expectativa de trilhar outros caminhos em sua formação.

Após esta “viagem” percorrendo caminhos já trilhados e revelados pelos alunos aventureiros, tentamos construir alguns espaços entre as palavras e os olhares, trazendo outros sujeitos (autores) para compartilhar conosco dessa caminhada reflexiva. Feitas as leituras dos cerca de cento e vinte depoimentos selecionados, entre muitos olhares, escolhemos alguns assuntos que foram

agrupados em quatro eixos temáticos, denominados por nós como: O Sujeito, o Meio Ambiente e a Natureza; Aprendizagem e Conhecimento pela Experiência; Atitudes, Relações e Sentimentos; Currículo, Formação, Interdisciplinaridade e Campo de Trabalho.

Com a palavra nós e os aventureiros...

7.1 O Sujeito, o Meio Ambiente e a Natureza.

A preservação do meio ambiente, a relação do homem com a natureza e os lugares para prática de atividades de aventura formam o grupo temático em que ocorreu o maior número de manifestações nos registros dos alunos. A preocupação com a preservação do meio ambiente apareceu como uma constante, como pode ser vista nos dois depoimentos a seguir:

O planeta terra é de todos e infelizmente foi preciso chegar ao ponto que está hoje para que se iniciasse um processo de conscientização, porém muito lento. A vivência em locais poluídos e despoluídos permitiu-me ver o quanto é urgente trabalhar a questão ambiental. A escola é o lugar ideal para isso, pela grande parcela da comunidade que a ela está ligada (D.P.F., 2001).

A disciplina de excursionismo também serviu de alerta chamando a atenção para o potencial natural que desperdiçamos, mas mostrou que, acima de tudo, a população precisa ser alertada e esclarecida sobre o ambiente em que vive e da necessidade de respeitar este ambiente natural (G. M., 2002).

O trabalho na escola com as crianças, poderá transformá-las no elo de ligação de esclarecimento sobre os cuidados com o meio ambiente, na medida em que elas poderão levá-los para seus familiares e para a comunidade onde moram.

Requião (1990, p. 09) ao escrever sobre este tema lamenta o comportamento e a capacidade humana destrutiva em relação ao meio ambiente natural, denunciando que:

Diariamente tomamos conhecimento de que animais silvestres estão ameaçados de extinção, e, de que áreas florestais estão sendo desmatadas, queimadas, ou utilizadas de forma predatória. Se o homem, por um lado, comprovadamente não consegue superar suas mazelas como a fome, a violência, as doenças, por outro tem se mostrado eficiente na sua capacidade destrutiva, pondo em risco sua própria existência. Só agora, quando nos aproximamos do fim dos recursos naturais e da extinção da vida na Terra, é que a questão ambiental passa a assumir um aspecto de importância inevitável.

Cientes e preocupados com essa questão, procuramos aliar ações práticas com momentos de discussões e reflexões em grupo sobre os principais problemas da relação que atualmente o homem vem estabelecendo com o meio ambiente, nos diversos semestres que a disciplina foi ministrada. Nossa intenção foi a de sensibilizar os acadêmicos sobre a importância dessa conscientização, o que costumava ser bem aceito pela maioria das turmas. A avaliação de C. O. (2001) ressalta a importância desses momentos de reflexão, destacando que para ela a disciplina foi importante "[...] principalmente pelo fato de não tratar somente de viagens, trilhas e passeios, mas, pelo fato de conseguir trabalhar tudo isso aliado à natureza e trazendo temas a se discutir como, por exemplo: o lixo, o desmatamento [...]."

Requião (1990, p. 09) ainda lembra que apesar de já existirem nas normas de conduta do excursionista, a solidariedade com os companheiros e o respeito à natureza, por desinformação ou desleixo, alguns, por vezes, continuam a se comportar e a agir como "desbravadores", "enfrentando" a natureza como se ela lhes fosse hostil. "Não havia consciência sobre o destino conveniente do lixo, nem uma perfeita noção dos danos que representa uma fogueira ou a destruição da vegetação, por exemplo. Hoje, pragmaticamente, essas questões assumem um aspecto determinante".

A maioria dos alunos mostrou-se preocupada com a preservação e o cuidado com o meio ambiente e com os lugares onde as práticas de aventura eram realizadas:

O aspecto que mais me chamou atenção foi o da conscientização sobre a preservação da natureza, cuidados que devemos ter sempre que formos participar de uma atividade semelhante às que fizemos e também no nosso dia-a-dia. (R. M. C. - 2001).

[...] você aliar o prazer com uma atividade saudável que é o caso da caminhada, em meio a um lugar como o Sítio do "seu Guerra". É muito utópico, mas possível de se realizar. Por isto eu vejo que aprender a ter o contato com o meio ambiente, sem lhe causar prejuízo, realizando nele tarefas como realizamos, foi o maior ganho desta disciplina. (J. D. - 2002).

Achei interessante que é sempre bem ressaltada a importância da preservação do meio ambiente. Que é possível divertir-se, aventurar-se sem danificar a natureza. (E. P. - 2003).

Aprendi muita coisa sobre excursionismo e sobre como aproveitar o meio ambiente sem destruí-lo e com segurança. (M. C. - 2003).

Apesar da maioria das manifestações dos acadêmicos ressaltarem certa preocupação e atenção no cuidado que devemos ter ao nos relacionar com a natureza e o meio ambiente Freire (2006, p.172) lembra que nem sempre foi assim, salientando que por muito tempo "a natureza foi relegada a um segundo plano, onde não se fazia mais parte dela de maneira simbótica, sendo que esta passou a ser tomada, simplesmente, como cenário, o qual todos avistam sem, contudo, sentir-se como parte integrante do mesmo".

Moreira (2006, p. 04) é outro autor que em seus estudos e nas suas escritas trata do tema da relação do sujeito moderno com o meio ambiente. Para ele "o homem continua procurando o ambiente natural, desejando o reencontro com seus pares, com sua sensibilidade e com sua humanidade". Mas, apesar disso, Moreira faz questão de salientar que "torna-se premente que este encontro não seja realizado de forma indiscriminada, mas sim, com base na consciência sensível da finitude dos recursos disponíveis no ambiente", levando em conta questões centrais como o impacto ambiental e os efeitos de uma crescente massificação das práticas que ocorrem junto a ambientes naturais.

Requião (1990, p. 11) já trazia as preocupações observadas por Moreira (2006) quanto aos perigos decorrentes de certa massificação, das atividades de aventura em contato com a natureza e da necessidade e urgência de se instituir e fortalecer uma cultura ecológica entre os praticantes de aventura na natureza. Segundo ele "nossas trilhas já estão desgastadas, os locais de acampamentos, sujos e depredados, as fontes de água, contaminadas. Se não assumirmos imediatamente uma postura preservacionista e conservacionista (dita ecológica), dentro em breve teremos destruído o pouco que resta da natureza silvestre".

Uma estratégia que quase sempre está ao nosso alcance para fugir às tendências de massificação das atividades de aventura na natureza, mas que nem sempre fazemos uso, é o de (re) descobrir a natureza. Ao invés de nos restringirmos aos lugares já conhecidos, àqueles que são divulgados pelas agências de turismo que colocam sempre em primeiro lugar o lucro, é possível descobrir outros lugares para conviver com a natureza e realizar as atividades de aventura que nos atraem. Geralmente estes outros lugares podem estar próximos de nossa cidade, das nossas casas.

É interessante observar o quanto as pessoas se surpreendem ao perceber, que existem lugares no seu próprio município ou próximo a ele onde a natureza se mostra exuberante, apesar de às vezes, estar sendo mal cuidada. Muitas pessoas se sensibilizam com a preservação de lugares mostrados nas reportagens de revistas e televisão que estão distantes de sua região e, no entanto, não percebem que à sua volta os problemas e o descaso com a conservação e a preservação do meio ambiente também é uma realidade. Em nossas aventuras durante a disciplina, colocamos em prática esta possibilidade de se aventurar em lugares próximos a nossas casas, o que causou surpresas agradáveis e impactou uma boa parte dos alunos.

Nem pensava em conhecer lugares tão bonitos e que estão tão perto da gente (F.O.M. - 2001).

Pelotas tem lugares belos e não damos valor, muitos preferem viajar para outras cidades, esquecendo de conhecer seu próprio município (D.S. 2003).

Estudos recentes destacam que cada vez mais os praticantes regulares de Atividades Físicas e Esportes de Aventura na Natureza estão procurando realizar suas práticas em lugares próximos às cidades onde residem. Em parte isso ocorre porque a proximidade minimiza as dificuldades quanto à segurança, o transporte, o tempo e se torna economicamente mais acessível. Além disso, a proximidade com as cidades dos praticantes possibilita que os lugares sejam conservados e preservados por eles próprios, através de ações de monitoramento contínuo, junto a pessoas que administram esses lugares ou a órgãos públicos responsáveis por sua manutenção.

Outro elemento do convívio social que se manifesta com intensidade nas Atividades de Aventura na Natureza são as ações de socialização que, de alguma forma, acabam envolvendo todos os participantes. Por serem atividades que ocorrem no tempo livre dos praticantes, por estes estarem em um ambiente diferenciado do seu cotidiano e principalmente por predominar atividade de grupo, dificilmente as dificuldades e os desafios são enfrentados por um sujeito isolado. Assim as Atividades de Aventura na Natureza são também exercícios de sociabilidade, onde o conhecer e confiar no outro é um pré-requisito para que elas ocorram satisfatoriamente. Campagna (2006, p. 213) enfatiza se essas atividades podem "contribuir para a (re) aproximação humano-natureza, transformando-os em "parceiros" na aventura e no (re) encontro com o outro".

Os registros dos alunos ressaltam a inquietação que sentiram por terem compartilhado momentos diferentes e de maior intensidade junto a seus colegas de faculdade e também parceiros de aventuras. M. C. (2001) chama a atenção para esta vivência diferenciada da sala de aula tradicional comentando que "[...] experimentamos junto aos companheiros de “aventura” valores como cooperação, paciência, superação". Já G. F. D. (2005) lembra que na disciplina foi possível

Colocar nossos conhecimentos e aprendizados em contato direto com o de nossos colegas, vivenciando e experimentando, em diferentes lugares, a importância da valorização e do conhecimento do meio ambiente e da diversidade de paisagens, imagens, atividades e esportes que este nos proporciona, além do prazer em estar em contato com a natureza e com todas as riquezas naturais que ela nos oferece, ainda mais quando conservada e preservada.

Esta experiência diferenciada de sociabilidade que envolve as trocas com o outro e com o meio ambiente, mostra que a conscientização nunca é uma tomada de consciência individual, ela é muito mais o resultado de encontros e de trocas com o outro e com a própria natureza. Por ser muito mais do que uma causa individual o cuidado com o meio ambiente e com a natureza demanda ações macros, que podem ser oriundas da multiplicação de micro articulações políticas em prol do meio ambiente e da natureza. Como alerta Guattari (1997, p.09), "não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural". O que não pressupõe menosprezar as ações cotidianas, pois, cada vez mais, "os equilíbrios naturais dependerão das intervenções humanas".

Neste contexto político e pedagógico acreditamos que a (re) aproximação com a natureza não se constitui num retrocesso, mas, numa (re) descoberta, num (re) viver, fazendo parte dela e utilizando seus recursos, de forma consciente e sustentável.

Cristiano Requião no Manual do Excursionista (1990, p. 10) um dos primeiros livros utilizados pelos alunos da disciplina de Excursionismo, logo que foi inserida no currículo, já sugeria em sua introdução que:

Um dos caminhos para a conscientização das pessoas em relação a essa questão é a promoção de atividades ligadas à natureza silvestre com orientação adequada. A aproximação ao “habitat” original permite ao homem desenvolver um espírito de solidariedade, promove seu bem-estar psicofisiológico, o ensina a respeitar seus limites e a encarar a natureza em

seus próprios termos. Enfim, prepara-o também para aproveitar mais e melhor a vida.

Assim, vimos a partir dos fragmentos dos depoimentos dos participantes a importância dessas vivências para elevar o nível de conscientização, para perceber que é preciso atentar para a preservação do ambiente, dos espaços que estão ao nosso lado, preservá-los. Esses momentos foram impares na re-aproximação do grupo. Ainda ficou claro a necessidade da construção de uma cultura ecológica de cuidado de si, dos outros e do universo. Uma cultura onde a vida de todos os seres é a centralidade.

7.2 Aprendizagem e conhecimento pela experiência

A proposta de utilizar respostas do questionário de avaliação da disciplina para este trabalho levou-nos, necessariamente, a uma delimitação não apenas de perguntas, mas também de respostas, dada a quantidade de documentos que teríamos de analisar. Devido a estas delimitações, não nos detivemos em depoimentos que se referissem às avaliações de aulas teóricas. Apesar disso, em alguns casos, optamos por fazê-lo, pelo fato dos mesmos estarem também relacionados diretamente às práticas.

Neste grupo temático, as práticas, as experiências, as vivências, o conhecimento e a aprendizagem aparecem nos olhares e nas palavras dos alunos, sendo a segunda temática mais abordada pelos mesmos.

Normalmente, havia uma movimentação maior, no espaço onde se localiza a Escola de Educação Física, quando os “alunos aventureiros” se reuniam, preparando-se para alguma aula prática. E, às vezes, ouvia-se de outros alunos do curso ou até mesmo de professores, alguns comentários como: Já vão passear? De novo? Aula que é bem bom, nada? Que folga, hein? Comentários como esses, apesar de serem feitos em tom de brincadeira, revelam uma forma de pensar, a qual Coimbra (2006, p. 159) enfatiza que:

Encontra-se embutida na formação humana, que considera superior tudo o que é formal e relativo à mente, em detrimento do que é informal ou corporal. Nesse processo, o que faz parte das atividades intelectuais (“da mente”), como estudar, tem sido considerado mais importante do que o que está vinculado às atividades físicas (“as do corpo”), como os esportes. Por muito tempo, este pensamento dualista tem sido impregnado nos valores

sociais, acarretando uma imensa dificuldade para se vencer e superar estes estigmas, nos diversos âmbitos sociais, inclusive no que tange à esfera da educação, a superação desta concepção tem representado um grande desafio.

Acreditamos que alguns espaços no meio educacional já avançaram nestas concepções, inclusive na Educação Física, embora não de uma forma muito ampla, mas, já significativa. No entanto, Coimbra (2006 p. 162) nos lembra que “comumente, a prática de atividades físicas não é vista como um espaço para aprendizagem, isso acontece porque foi constituída uma idéia de que só é possível aprender se, por horas, nos debruçarmos sobre os livros. Mas, esta parece não ser a visão da maioria dos alunos que frequentaram a disciplina, através de relatos em depoimentos, selecionados nesta segunda temática, onde podemos observar posicionamentos, que revelam a ênfase dada sobre a importância da prática no aprendizado dos conteúdos curriculares desenvolvidos na disciplina de Excursionismo, como o de G. F. (2002). “Está presente aqui o ponto chave: o aluno só aprende fazendo. E nessa linha projetou-se a disciplina, ou seja, o professor não se preocupou só em teorizar a educação ambiental, nós a praticamos!”

Observa-se ainda que existe uma referência a conteúdos teóricos, mas, enfatizando, que o aprendizado ocorreu realmente na prática, como podemos verificar no depoimento a seguir:

O aspecto que considero ter sido o mais importante da disciplina foi o nosso envolvimento direto com a prática, de forma que a teoria se tornava mais atrativa e de fácil visualização e entendimento. Para muitos colegas, os conteúdos eram totalmente novos e foi na prática que houve o aprendizado, finalizando com um seminário que abordou todos os temas trabalhados. (M.R.A.J.,2002).

Quanto ao seminário, referido no depoimento, este já foi descrito anteriormente, onde evidenciamos seu caráter numa abordagem reflexiva sobre as ações e os conteúdos desenvolvidos nas aulas práticas. Esta abordagem, à qual nos referimos, feita em relação às práticas e seminários, identifica-se com a idéia de que “se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete sobretudo a uma perspectiva política e crítica e, somente nesta perspectiva, tem sentido a palavra “reflexão” e expressões como reflexão sobre prática” (BONDÍA, 2002, p.20).

Em outro depoimento, onde aparece novamente a relação teoria e prática, surgem novos aspectos relacionados à aprendizagem:

[...] toda a prática foi válida [...] da prática veio união, companheirismo e o nosso melhor aprendizado; [...] não que as aulas teóricas não contribuíssem, mas, ter a oportunidade de praticar foi fundamental (J. G. 2002).

Em relação às aulas teóricas seria importante observar que não nos parece haver desprezo e nem rejeição nas palavras dos alunos, e sim uma visão da interação proposta na disciplina para que teoria e prática interajam entre si, se complementem, se contemplem, e possam assim contribuir para o processo de ensino aprendizagem. Para Coimbra (2006, p.162):

[...] em nossa sociedade, fica evidente a dicotomização entre teoria e prática, entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos da vida cotidiana, entre educação formal e informal e, principalmente, a desvalorização do que é proveniente de vivências práticas. A filosofia utiliza um termo do latim, "práxis", o qual expressa a interdependência entre teoria e prática, onde a prática constitui a teoria e a teoria constitui a prática.

Quanto à cooperação e a solidariedade presente nas experiências as quais os alunos se referiram, Coimbra (2006) comenta que as atividades físicas de aventura na natureza possibilitam vivências corporais e experiências ricas em sensações e valores promovendo sentimentos, baseados no respeito ao outro e no redescobrimento de si mesmo. Campagna (2006, p. 219) por sua vez complementa, destacando que "a coesão entre os adeptos destas modalidades parece que se inicia, se instala e se solidifica graças à diluição de barreiras naturais e pessoais".

Observamos também que, segundo a avaliação dos alunos, a possibilidade da existência de mais experiências práticas durante o semestre seria uma oportunidade para enriquecer mais a sua formação nesta área.

Com certeza, ter mais práticas. A prática traz a oportunidade de sentir os efeitos da atividade e como promovê-la, tendo o contato direto com outros profissionais e vivenciando um mundo onde nos tornaremos profissionais (P. G. 2005).

A parte prática é importante na medida em que nos faz vivenciar tudo que pode ser explorado na disciplina, bem como podemos utilizar isto com nossos alunos, pois, já passamos daí, por tais experiências (V. S. 2003).

As manifestações, representadas pelos depoimentos acima, sobre as vivências práticas, são algumas das muitas que apontam a importância de passar por experiências que poderão contribuir para a atuação profissional, posteriormente,

com seus alunos, pois acreditam que estarão mais preparados para enfrentar novos desafios.

Quanto às possibilidades de atuação do profissional de Educação Física nessa área — uma das perspectivas visualizadas pelos acadêmicos — há sinais de tendência de crescimento e ampliação das práticas de atividades física na natureza, e isso logo poderá representar um significativo espaço para atuação do profissional de Educação Física. De acordo com Coimbra (2006, p. 161) o fato das atividades físicas de aventura na natureza estimularem a cooperação e a liberdade expressiva, pouco vivida nos ambientes urbanos, faz com que exista "uma demanda cada vez maior por estas práticas". Mas esse crescimento requer pessoas capacitadas, com uma formação ampla e conhecimento específico para atuar nesse estágio, já que irão lidar com os sujeitos praticantes, diferentes modalidades e com o meio ambiente natural, e, para isso faz-se necessário também, sensibilidade, experiência e conhecimento (formação) .

Em uma parte de seu relato um dos acadêmicos (M. C. - 2001), assinalou que [...] o aspecto mais importante foi a vivência em práticas lúdico-educativas, que consistem na retomada de certos valores que outrora fizeram parte da infância, como o desafio de aventurar-se em práticas novas, como subir em árvores, escalar e equilibrar-se nos muros [...] hoje, mesmo que numa perspectiva adulta, isso constitui-se em experiências na construção de si". Experiências estas que para Silva (2007, p. 150) "inscreve-se, radicalmente, no humano" e "pode constituir uma fruição que, livre das necessidades imediatas, rememora a arcaica unidade perdida em si e com a natureza".

Em outra avaliação a acadêmica (C. O. - 2001) também chama a atenção para a associação existente entre a experiência e o conhecimento, destacando que "[...] os aspectos importantes tocam acima de tudo a prática das atividades, podendo ter um maior contato com o meio e a partir daí obter conhecimento". Silva (2004) é um dos autores que vem chamando a atenção para a necessidade dos professores e da educação ampliar o conceito de conhecimento que ainda continua preso a uma concepção excessivamente abstrata do conhecimento, onde o sujeito (aluno) tende a ser visto de forma individual, separado do outro e do mundo (sociedade e natureza). Schwartz (2006, p. 26), citando Silva (2004) ressalta que:

Com a (re) aproximação do homem ao ambiente mais natural, há uma efetiva catalisação dos níveis de participação dos órgãos dos sentidos, favorecendo uma integração maior entre contemplação, percepção e ação, em que o processo de experimentação traduz-se na aquisição de conhecimento, por meio das informações sensíveis que perpassam o corpo como um todo, permitindo ao ser humano o contato consigo próprio, com o outro e com a natureza, de maneira a suscitar uma formação ética pautada no conhecimento, no respeito e no redescobrimento.

Mas, que experiência é essa, a qual, muitos alunos exaltam em seus depoimentos e alguns os autores escrevem sobre ela, como elemento fundamental para a aprendizagem e para o conhecimento? Bondía (2002, p.28) explicita que para ele, "a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem "pré-ver" nem "pré-dizer".

Quando em parte de seu depoimento R. R. N. (2001) escreve que "[...] tivemos a oportunidade de vivenciar e experimentar situações diversas e às vezes, até inusitadas" e T. S. (2001) relata que foi importante "[...] estar aprendendo a partir de uma experiência prática que foi realizada em situações diferentes, com conflitos e desafios diferentes", nos faz pensar que de alguma forma eles conseguiram perceber que algo lhes aconteceu diante do diverso, do inusitado, do conflito, dos desafios. Que algo se passou, de formas diferentes em cada um, mas lhes atravessou, quando das suas práticas de aventuras.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p.28).

Para Bondía (2002, p. 24) "o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, onde a experiência é um acontecimento que faz parte das suas lembranças". Para alguns alunos esta relação com a memória também esteve presente nas vivências da disciplina, como salientou C. B. (2005), destacando que "as experiências boas sempre ficam registradas em nossa memória". Bondía ainda nos diz que "o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e

buscando nele sua oportunidade, sua ocasião". Para o autor, "a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. Também em educação estamos sempre acelerados e nada nos acontece". A acadêmica A. T. A. (2002), expressa em suas palavras essa preocupação, quando diz: "no nosso mundo de hoje, onde tudo, é tão corrido, automático e desinteressado pela natureza, estas atividades se fazem essenciais".

As aulas práticas da disciplina não foram a "experiência", mas sim, os lugares, os momentos e as práticas de aventura, através das quais se oportunizaram condições favoráveis para que experiências e o saber que delas provém, pudessem acontecer.

7.3 Atitudes, Relações e Sentimentos

Estes temas surgem nos depoimentos, normalmente permeando as palavras que falam das aprendizagens e dos conhecimentos adquiridos durante as aulas práticas. As experiências, quando sinalizadas, carregam olhares de sensibilidade nas relações com os colegas, consigo mesmo e com a natureza. Sendo assim, os sentimentos, as relações e as atitudes estão presentes em grande parte das falas dos alunos, tanto nas avaliações quanto nos comentários feitos em várias situações mais informais durante as aulas práticas. Munster (2004, p. 5) em concordância com sugestão de Marinho e Ferreira lembra em seu artigo que, "além dos conhecimentos técnicos específicos, referentes às práticas esportivas propriamente ditas, deve ser incluído um construto educativo mais sólido, por exemplo, com relação às questões sócio-ambientais". J. C. (2003) exterioriza em seu depoimento essas questões escrevendo que "[...] além de nos passar conhecimentos das atividades realizadas pelo excursionismo, aprendemos questões como companheirismo, controle e autoconfiança". Nesse sentido, Munster (2004, p. 5) ainda nos diz que "o nível atitudinal abrange estratégias de sensibilização, visando despertar a reflexão e a discussão de atitudes e valores a partir das relações humanas dentro do grupo e com a natureza".

Freire (2006, p. 175) ao comentar sobre a contribuição das atividades físicas de aventura na natureza para a educação e para o lazer, assinala a importância de "não desperdiçar a oportunidade que essas vivências oferecem como espaço fértil de aprendizado para explorar emoções e sensações em toda sua essência."

Quando C. B. (2002) fala de um sentido comum de cooperação presente na disciplina que "dá forças e ajuda a conhecer melhor as pessoas", lembramos Freire (2006, p. 171), quando este autor diz "grande parte das modalidades esportivas na natureza depende da participação em duplas ou em grupos e na maioria das vezes, privilegia a parceria e as interações de cooperação".

Por se constituírem em momentos de cooperação e oportunidades de sociabilidade as AFAN são, por si mesmas, modos de subjetivações que atuam na constituição dos valores, dos hábitos e das condutas de seus praticantes.

Movidos pelos mesmos desejos e expectativas de outro(s), seja para romper com aqueles limites impostos pela sociedade, seja para vivenciar criativamente os momentos do contexto do lazer, durante as AFAN, os sujeitos se (re) encontram e, como "parceiros" na mesma aventura, gestam inúmeras novas oportunidades de se (re) aproximarem, de compartilharem percepções, sentimentos, emoções, linguagens subliminares comuns, de sedimentarem e agregarem valor às suas relações, conferindo coesão ao grupo. (CAMPAGNA, 2006, p. 218).

Juliano Pimentel (2006) ao comentar sobre o momento atual das AFAN vê na procura por uma melhor qualidade de vida e na diminuição dos efeitos nocivos do modo de vida urbana uma das justificativas que ajudam a explicar a diversificação e o aumento do número se pessoas interessadas nessas atividades. Moreira (2006, p. 41) compartilha de um diagnóstico semelhante ao feito por Pimentel e destaca que as AFAN representam para muitos uma oportunidade de viver, mesmo que seja apenas por algumas horas ou alguns dias, em um mundo "não medido pelo tempo de produção" que "propicia um contato vivo, físico e social, o experimentar sensações físicas e concretas, ligadas à corporeidade e às emoções".

Pela experiência que tivemos com os alunos é possível dizer que em sua maioria, de alguma maneira, mesmo que intuitivamente, eles se mostraram sensibilizados e interessados em compreender as AFAN inseridas em um complexo que envolve o sujeito com seus sentimentos, sensações e suas relações com os outros e com a natureza; ou seja, "uma experiência que envolve a totalidade dos dados sensíveis que a paisagem oferece e a percepção correspondente que põe em

movimento um conjunto de sensações, pensamentos, imagens, lembranças, necessidades, pulsões e emoções, numa complexidade indissolúvel", (SILVA, 2007, p. 150). Compreensão que consideramos fundamental para todos que têm intenções de um dia atuar nessa área, sem se esquecer que as atividades físicas de aventura na natureza, "têm grandes chances de contribuir para que o sujeito aventureiro, percebendo-se e conhecendo-se melhor, interaja cada vez mais com o mundo e seus semelhantes numa relação de parceria" (CAMPAGNA, 2006, p.222).

7.4 Currículo, Formação, Interdisciplinaridade e Campo de Trabalho

Nossa abordagem nesta temática traz alguns temas que fazem parte do cotidiano universitário, o ensino, a pesquisa e a extensão. Em nossa Universidade, e particularmente na Escola de Educação Física, existe já há algum tempo, experiências significativas na busca da tão falada indissociabilidade desses três segmentos acadêmico/universitários.

No depoimento do acadêmico D.R. (2001) temos a possibilidade de visualizar algumas dessas iniciativas de inovações existentes no currículo, as quais ele próprio vivenciou, relatando que:

As disciplinas eletivas, como os pré-estágios, são importantes inovações que a Escola Superior de Educação Física traz para a formação de seus graduandos. Ambas podem trazer experiências teóricas e práticas muito significativas, no que tangem ao ensino, à pesquisa e à extensão, além de oferecer uma autonomia no trato do conhecimento produzido pela área, escapando das armadilhas imobilizantes que a teoria do currículo e a institucionalização do saber, trazem consigo.

No entanto, apesar de alguns avanços na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, em outros aspectos, o currículo da ESEF-UFPEL, também não foge muito à regra. Como a maioria dos currículos do país ele também continua bastante preso ao conceito de disciplina. E as experiências que se propõem a avançar em direção a inter, trans, ou multi disciplinaridade ainda são bastante tímidas. Um dos limites do saber disciplinar está no fato de que "o conceito de disciplina é ao mesmo tempo impreciso e de caráter prático. No sentido geral, indica qualquer ramo do conhecimento ou um conjunto de conhecimentos ou matéria de ensino. Os manuais de pedagogia podem fornecer uma definição mais restrita, por exemplo, um conjunto de unidade de ensino" (PAVIANI, 1997, p. 87).

Em outra passagem do seu depoimento D. R. (2001) fala sobre a importância que teria caso esta área do conhecimento deixasse de ser apenas uma disciplina (Excursionismo) e viesse a se constituir em um campo maior de conhecimento, uma prática curricular multidisciplinar. Tomando como referência o que já existe em alguns cursos superiores do país ele comenta sobre a possibilidade de também na ESEF-UFPEL constituírem-se "grupos e linhas de pesquisa com o horizonte da Educação Física, Ecologia e Esportes-Aventuras, tentando avaliar fenômenos, pautar discussões e produzir novos conhecimentos junto com outros campos como Biologia, a Antropologia e a Sociologia".

Sobre a possibilidade levantada por este acadêmico, que demonstra ter uma opinião aguçada e bastante atual sobre algumas questões que hoje compõem as teorias e os discursos curriculares dos cursos superiores, novamente nos reportamos a Paviani (1997, p.87-8), principalmente quando ele observa que " o ensino, ao lidar com os conhecimentos produzidos e com sua sistematização... tende a sobrevalorizar – por motivos político-administrativos e de tradição - a organização de disciplinas". Mas, ao mesmo tempo, chama a atenção o autor: "a interdisciplinaridade é o sintoma de uma profunda mudança que a sociedade do computador e da internet está realizando, quase imperceptivelmente".

Além do rompimento com o modelo disciplinar tradicional do currículo, outra questão que vem se colocando para o campo de formação e de intervenção junto as AFAN são as composições de equipes multidisciplinares que estão se constituindo a partir de conjunto de profissionais de diferentes áreas, que trabalham em equipe e em sintonia, conseguindo, com isso, fazer um trabalho com maior segurança e melhor qualidade. No artigo que trata da Graduação em Educação Física e os Esportes na Natureza, Munster (2004, p. 4 - 5) toca neste assunto, comentando que:

[...] são muitos os profissionais que podem contribuir para melhorar a qualidade da experiência vivenciada no contexto dos Esportes na Natureza: o biólogo colabora com informações e conceitos sobre o meio visitado, possibilitando interfaces com a educação ambiental; o turismólogo auxilia no planejamento das saídas a campo; o guia turístico responsabiliza-se pela operacionalização das viagens, providenciando meios de transporte, hospedagem, alimentação, etc.; o morador local exerce uma importante função, como monitor de atrativos naturais, e assim por diante, cada qual com seu papel.

Apesar de alguns profissionais da Educação Física já possuir uma compreensão quanto a importância de uma formação não disciplinar e a

possibilidade da formação de equipes que envolvam profissionais de diferentes áreas para atuarem nas AFAN, ainda temos muitas trilhas a percorrer e muitos caminhos para traçar até conseguirmos construir esses mapas, onde cada profissional envolvido, inclusive de Educação Física, terá seu espaço para atuar.

A própria Educação Ambiental, promovida para ser uma das frentes condutoras da transversalidade no ensino, auxiliando também o processo da inter, trans ou multidisciplinaridade, possui dificuldades para cumprir sua função. Schwartz (2006) comenta que é visível a necessidade de aprimorar a concepção de transdisciplinaridade em educação ambiental, principalmente para que ela possa abarcar reflexões que tratam do corpo e as relações deste com a natureza.

Nos registros dos alunos o tema da formação e atuação profissional e suas polêmicas atuais aparecem associados a um outro que geralmente costuma inquietar bastante os acadêmicos, o mercado de trabalho. Alguns como J. C. (2003) e D. M. (2003), se reportam à possibilidade de atuação nessa área dizendo que “a disciplina trouxe vários conhecimentos e abriu meus olhos para um novo mercado de trabalho”. Ou ainda, que “a disciplina me atentou para uma parte da educação física que eu não imaginava viável para trabalhar”. Outros, como G.M. (2002), viram nas AFAN um campo mais promissor, comentando que [...] a união esporte-natureza contribui ainda mais para cativar a atenção das pessoas, notadamente do meio urbano, o que cada vez mais tende a se tornar um terreno fértil em termos de oferta de trabalho; inclusive para o pessoal de nossa área. É possível ainda verificar que ao final da sua escrita o aluno identifica que essa oferta envolve outros profissionais e não apenas os da nossa área.

Apesar de termos apontado a opinião dos acadêmicos que se mostram bastante sensíveis para uma formação e atuação multidisciplinar nessa área, Marinho e Inácio (2007, p. 65), alertam que essa opinião não é consensual na nossa área. Segundo eles “a interdisciplinaridade não é tão requerida quando o debate recai sobre o “mercado de trabalho”, ao menos, nos setores mais hegemônicos e conservadores da área da Educação Física”. Isso mostra a necessidade e a urgência que temos de aprofundarmos este debate entre nós e também com nossos colegas que atuam conosco nesse campo. Antes de qualquer coisa, se faz necessário deixar de lado os resquícios corporativistas e dar-nos conta que se trata de uma questão ética, onde está em jogo a natureza e uma cultura ecológica. Desse

modo, Marinho e Inácio (2007, p. 65) argumentam, "se apontamos a ação interdisciplinar como um dos pilares para uma prática ética no âmbito das atividades de aventura na natureza, então devemos também apontar para uma atuação profissional interdisciplinar".

Este capítulo revelou nas palavras dos alunos, olhares, através dos quais, subsidiamos nossas reflexões a respeito das temáticas abordadas, auxiliados pela escrita de alguns autores. Estas temáticas apareceram de forma mais expressiva do que quando realizamos a leitura inicial dos referidos depoimentos, pois envolveram também esses autores e nossos olhares. No entanto, muitos olhares e palavras foram arquivados nesta busca, mas, sem dúvida, não deixaram de ser também significativos para o estudo, e poderão ainda contribuir e subsidiar novas reflexões para outros trabalhos.

8. CONCLUSÃO

O presente estudo percorreu alguns caminhos por nós trilhados, durante vários anos, com a intenção de contribuir para reflexões acerca da formação profissional em Educação Física, na área das Atividades Físicas e dos Esportes de Aventura na Natureza, tentando traduzir, pelo menos em parte, o caráter empírico e acadêmico de nossas experiências inseridas no contexto atual, cujo desenvolvimento e crescimento se expressa nos inúmeros espaços de suas práticas.

Independente, mas também, dependente das conjunturas de crescimento econômico e social, essas práticas podem aparecer na vida das pessoas, quer na infância, na juventude, na idade adulta, pois apresentam um crescimento significativo nas áreas do lazer, esporte e turismo, ampliando a oferta em vários setores da sociedade.

Neste trabalho, procuramos trazer, por meio da memória sendo narrada, pesquisada em documentos escritos e com busca em fotos e filmes, a construção e reconstrução dos conhecimentos destas vivências, que caracterizaram as aulas práticas da disciplina de Excursionismo. Essas vivências, deixaram “suas escritas” em nossos corpos, através da passagem por pessoas, lugares, climas, animais, plantas, equipamentos e ambientes extremamente variados, e nos proporcionaram experiências que acreditamos terem sido muito significativas.

Dias (2007, p 159) nos remete a Bosi o qual defende que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. (...) a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

Todavia, por que levamos adiante, como docente, esta proposta de atuação profissional, já que, como relatamos, não foi tão fácil de ser trabalhada?

Acreditamos que por vários motivos: a necessidade de tentarmos realizar uma transformação pessoal, acadêmica e social; a possibilidade de colocarmos em prática o que aprendemos em nossa formação, isto é, não sermos apenas transmissores de conhecimentos, mas verdadeiros educadores; e, ainda, acima de qualquer coisa, proporcionar aos alunos uma nova forma de se relacionar com a vida e de vislumbrar a possibilidade de vivê-la sob outra ótica em relação à natureza.

Pela falta de tempo para falar, enxergar, perceber, ouvir, enfim, tantas sensações, perdidas na pressa, na incompreensão e na difícil relação do homem com a natureza, sentimos a necessidade de nos expor, de mostrar novos olhares sob outras formas de aprender e de ensinar.

Contudo, não trabalhamos nesta construção, sozinhos. Percebemos à nossa volta, outros educadores, outras propostas, outras “exposições”, que, ao revelarem suas experiências profissionais, fortaleceram nossa vontade de sair dos limitados espaços entre as paredes das salas de aula, dos ginásios, dos muros e cercas de tela, para o espaço da natureza.

Dos registros de imagens tentamos trazer aqueles que entendemos como significativos para resgatar os momentos dos aventureiros, das aventuras e da natureza. No entanto, sabemos que o olhar de cada um é único e independente, portanto, estas imagens serão entendidas ou não, como significativas.

O que nos motivou a revelar estas imagens foi a possibilidade de que possam, de alguma forma, emprestar o “olhar” sobre momentos de emoção ou superação, reflexão ou contemplação, amizade ou cooperação, vivenciados durante as aventuras. Assim, utilizamos a fotografia como um recurso para nos auxiliar a mostrar “as sensações vivenciadas no meio ambiente natural, (TORTOZA, 2006, p.183)”. Estas imagens tentam, portanto, “escrever” momentos desses olhares aventureiros, que não têm nenhuma responsabilidade com a qualidade técnica da fotografia, pois, foram feitas pelos próprios praticantes¹³.

¹³ Apenas algumas das fotos das Corridas de Aventura do Grito das Águas foram feitas por fotógrafos profissionais, contratados para fazer o registro das provas dessas corridas.

Este estudo trouxe também a oportunidade de rever, nestas imagens, os partícipes de uma história do tempo presente (RAGO, 2006), que eles ajudaram a construir com seus corpos aventureiros e seus sentidos impetuosos. Descobriram novas paisagens, ouviram os sons natureza, sentiram os cheiros, os sabores, e provaram, na pele, suas imposições, o vento contra a pedalada, a chuva batendo forte nas costas, o sol intenso de frente, os espinhos, os insetos, as pedras do caminho, tanto reais quanto metafóricas. Nos momentos do entardecer, o cansaço; ao anoitecer, o sono; ao amanhecer, para alguns, poucos, o nascer do sol, após uma longa caminhada até as margens da lagoa. Por mais fotos que colocássemos, não conseguiríamos reproduzir as sensações e emoções vividas, até porque para vivê-las e senti-las, somente estando lá, “ao vivo e a cores”.

Além das imagens, o que as palavras dos alunos pioneiros nos relataram das aventuras? Escreveram sobre os aspectos mais relevantes de suas experiências e aprendizados e nos permitiram, através dos temas revelados nos depoimentos, a possibilidade extrair, descobrir, desvendar ou traduzir para a linguagem da aventura, aspectos que possam auxiliar na construção e reconstrução de novos conhecimentos.

Algo que também nos motivou a realizar este estudo e a propor esta metodologia, foi, sem dúvida, o propósito de valorizar os documentos escritos pelos alunos, onde eles tiveram oportunidade de registrar, suas memórias em palavras, seus pensamentos, suas reflexões, fazer suas críticas e expor sugestões sobre momentos de sua formação acadêmica e dar sua contribuição para a continuidade ou não das práticas de aventura na natureza no currículo do curso.

Esses aventureiros, através de seus trabalhos, estudos, avaliações e participação no desenvolvimento das aulas, contribuíram para o fortalecimento e a continuidade das atividades físicas de aventuras na natureza e dos esportes de aventura no currículo do curso.

Devido à procura e interesse dos alunos pela disciplina de Excursionismo, esta área foi contemplada dentro dos currículos novos, de licenciatura e de graduação. Estamos com uma disciplina obrigatória em cada um dos cursos: Educação Física e Meio Ambiente (licenciatura) e Atividades Físicas de Ação na Natureza (graduação).

Nas avaliações da disciplina, onde havia espaço para sugestões, seguidamente surgiram propostas sobre a necessidade de ampliar essas práticas, tais como: “Acredito ser de vital importância a disciplina na nossa formação, gostaria que tivesse excursionismo II” (A. J. 1992); ou “Acho que deveria ser avaliada a possibilidade de oferecer a disciplina de excursionismo II para o próximo semestre” (C. S. 2005).

Tais sugestões foram contempladas nos novos currículos, através das disciplinas optativas, também oferecidas uma para cada curso: Excursionismo Escolar (licenciatura) e Esportes de Aventura (graduação).

A proposta de inserção, se caracteriza pela tentativa de trabalhar os conhecimentos básicos dos conteúdos nas disciplinas obrigatórias, e, nas optativas, buscar um direcionamento, através de uma proposta para a escola, no caso da licenciatura, e no âmbito das academias, clubes, parques temáticos e outros, do bacharelado.

Entretanto, acreditamos que esta escrita realizada e manifestada naquele momento do processo de avaliação pelos alunos não indicou apenas uma contribuição para a inserção de mais disciplinas sobre o tema. Estamos certos de que em suas manifestações, nas respostas fornecidas sobre o questionário de avaliação, nos foi revelado também, a necessidade de mais atividades físicas e esportes de aventura na natureza no contexto da formação profissional, nos cursos de Educação Física.

As temáticas surgidas dos depoimentos, com certeza, não envolvem a totalidade dos aspectos manifestados pelos alunos, em relação às práticas de aventura, mas trazem à tona muitas discussões e reflexões que permeiam as já existentes, quer na literatura, quer em eventos científicos ou mesmo nas relações informais.

As relações entre o homem e meio ambiente natural, sua preservação e sua utilização, manifestadas em grande parte dos depoimentos, nos remetem a uma das preocupações mais prementes do ser humano, o desenvolvimento sustentável.

Para os praticantes de esportes na natureza, cuidar do espaço que ela oferece é fundamental, pois os recursos naturais são finitos, e mesmo que utilizados de forma itinerante ou até mesmo, “leviana” (JESUS, 2003, p.79), são de nossa

responsabilidade. Os esportes de aventura podem e devem ser um espaço educativo para as relações com a natureza. E a Educação Física é uma das áreas que pode favorecer estas relações com o meio ambiente natural, por meio dessas modalidades esportivas.

Essas práticas foram responsáveis, como vimos nos depoimentos dos alunos, por promover amizade, companheirismo e cooperação. Tais atitudes mereceram nossa atenção, pois foram identificadas como um fator positivo para a aprendizagem e revelaram que as práticas de aventura fortaleceram as relações sociais.

Além das atitudes, outras revelações emergiram das experiências vividas nas práticas de aventura: as sensações e emoções, percebidas em vários momentos, e sentidas tanto nos momentos de práticas intensas quanto nos momentos de contemplação. A subjetividade nas emoções e sensações se mesclam nas relações com o outro, e se afirmam nas trocas de experiências com o meio ambiente, numa “*ecosofia*”, termo utilizado por Guattari (1997, p. 08), para o que ele chama de uma “articulação ético - política entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana)”.

A troca de conhecimentos através da indissociabilidade da pesquisa, do ensino e da extensão e da interdisciplinaridade como contribuições para a formação acadêmica mereceram também nosso olhar, pois nossa prática se desenvolveu numa ótica das relações de parcerias, identificadas pelos alunos como sendo de grande valor no processo ensino/aprendizagem.

No entanto, observamos que existe uma grande dificuldade de transpor alguns obstáculos para concretizar esta questão, pois normalmente as disciplinas são muito fechadas em seus conteúdos didático-pedagógicos e os professores, por sua vez, possuem pouca disponibilidade de tempo e interesse, contribuindo, deste modo, para esse distanciamento entre as disciplinas.

Percebemos que apesar das dificuldades existentes, quando conseguimos realizar esta proposta, de troca de experiências com outros profissionais em nossas práticas de aventura, elas foram bem aceitas pelos alunos, tanto que manifestaram em suas palavras.

As manifestações em relação à indissociabilidade, surgiram, principalmente, por parte dos alunos, em virtude da oferta da disciplina de Pré-estágio, através da qual, projetos como o das Corridas de Aventura do Grito das Águas, foram realizados, com a participação de grande número de alunos.

Este projeto, inserido nas disciplinas, fez o papel da indissociabilidade, do ensino e da extensão, enquanto o Excursionismo juntamente com o Pré-estágio, formaram uma interdisciplinaridade.

O “Grito das Águas” foi uma atividade marcante no processo de ensino-aprendizagem, porque extrapolou as fronteiras restritivas de espaço e tempo. Transformou o espaço na natureza da zona sul do Estado em uma imensa “sala de aula” ou “ginásio de esportes”, ou “campo de futebol”, ou seja, espaços cristalizados para as aulas do curso de Educação Física.

Foram dias de muitos aprendizados e conhecimentos advindos dessas práticas das corridas de aventura, permeadas de situações inusitadas, de desafios, de superações, de emoções e sensações. Os atores e todos os que lá estavam, faziam parte do espetáculo da corrida, sendo o palco, a natureza.

Acreditamos que pelo fato dos alunos terem vivenciado experiências como esta, do “Grito das Águas”, muitos depoimentos trouxeram o que chamamos de “outros olhares”, alguns dos quais neste momento em que estamos concluindo nosso estudo, decidimos revelar:

Quanto ao crescimento, e esse acho que não falo só por mim, é algo que levaremos pro resto de nossas vidas (C. S. 2005).

Outro ponto muito relevante foi a vivência e o aprendizado que acrescentaram muito em minha vida. (A. V.2005).

A disciplina atendeu as minhas expectativas e acredito que ela tenha contribuído muito na minha vida. (E. P.2003).

Pensamos em deixar estes depoimentos apenas para reflexão, sem outras palavras, no entanto, encontramos no olhar de Marin (2001, p. 128) uma aproximação inevitável, quando diz que um dos fatores para alcançar mudanças é a “ênfase na formação profissional na perspectiva do sensibilizar, de modo a possibilitar aos alunos reconhecerem-se no conteúdo trabalhado. Não visualizo possibilidade de alargar mentalidades se o processo de formação não possuir sentido para a vida dos envolvidos”.

Não realizamos nenhuma busca a respeito de onde, quem e quando se iniciaram essas práticas nos cursos de Educação Física no Brasil. Primeiro, porque não é o foco de nossa pesquisa e segundo, porque não temos nenhum motivo para requerer esse tipo de classificação. Somos apenas aventureiros por dentro da graduação. Apenas parte da história em experiências dessas atividades no país, no que diz respeito à formação profissional em Educação Física.

Talvez uma pesquisa, para mapear os cursos que estão trabalhando estas práticas em nível nacional seja oportuna, para possibilitar uma visão da real conjuntura da formação profissional com estes conteúdos em seus currículos.

A iniciativa, tomada no início da década de noventa, da inserção desta disciplina no currículo, vislumbrando uma realidade que se aproximava, nos pareceu importante para a formação dos alunos. No entanto, ainda vemos certa preocupação que paira sobre a tímida evolução dos esportes na natureza na formação profissional dos cursos de Educação Física no Brasil, nas palavras de Munster (2004, p. 6), enfatizando que:

A omissão ou lentidão, por parte das IES, em se ajustarem às novas tendências e características sociais emergentes, no que tange à formação dos profissionais de Educação Física para atuar junto aos Esportes na Natureza, furtar dos mesmos a oportunidade de se inserirem no mercado, e, sobretudo, renega mão-de-obra devidamente qualificada para atender a crescente demanda nesse segmento. Tal situação dificulta a possibilidade de estender a vivências dessas modalidades a outros contextos sociais, restringindo as possibilidades de acesso a uma experiência qualitativa junto à natureza.

Estamos, portanto, trazendo nossa contribuição para o tema das atividades físicas e dos esportes de aventura na natureza, imbuídos do compromisso de divulgar nossa experiência formadora, expondo-a nesta dissertação, para que possa ser avaliada, criticada ou simplesmente conhecida, quem sabe, reconhecida, na expectativa de que possa vir a ser mais um referencial para novos estudos.

Estes foram os caminhos que trilhamos neste processo que permitiu a sistematização reflexiva de nossas ações pedagógicas realizadas durante alguns anos.

Assim, se abre a possibilidade destas experiências – práxis serem acolhidas, lidas, refletidas por outros aventureiros na formação em Educação Física, possibilitando, quem sabe, a abertura de novas trilhas.

Gostaríamos de finalizar nossa escrita deixando a dedicatória com a qual o filósofo Michel Serres (2004, P. 07) faz a abertura de seu livro intitulado *Variações sobre o corpo*:

A meus professores de ginástica, a meus treinadores e a meus guias de montanhismo que me ensinaram a pensar.

Para continuarmos a refletir...

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia.** Trad. Júlio Castaño Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BECK, Sérgio. **Com Unhas e Dentes.** São Paulo, 2002.

_____. **Convite à Aventura.** São Paulo, 1997.

BETRÁN, J. O. & BETRÁN, A. O. – Proposta Pedagógica para as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) na educação física do ensino médio. In: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Eloísa (org). **Viagens, Lazer e Esportes – O espaço na natureza.** São Paulo: Manole, 2006.

BETRÁN, Javier O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Eloísa (org). **Turismo, Lazer e Natureza.** São Paulo: Manole, 2003.

BONDIA, Jorge Larrossa. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. *A Formação de Professores de Educação Física: Quais Saberes e Quais Habilidades?* **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Nº. 3, V 22, Maio/2001, pp. 87-104.

CAMPAGNA, Jossett. Homem-Natureza – Parceiros na aventura e no (re)encontro com o outro. In: SCHWARTZ, Gisele Maria (org). **Aventuras na Natureza – consolidando significados.** Jundiaí/SP: Fontoura, 2006.

CAVALHEIRO, Ieda Cunha (org). **Casa do Poeta Rio-Grandense 44 anos.** Coletânea Literária, Porto Alegre, Alternativa, 2008.

COIMBRA, Daniele A. Atividades Físicas de Aventura na Natureza e Possíveis Aprendizados. In: SCHWARTZ, Gisele Maria (org). **Aventuras na Natureza – consolidando significados.** Jundiaí/SP: Fontoura, 2006.

COSTA, Vera Lucia Menezes. **Esporte de Aventura e Risco na Montanha – um mergulho no imaginário.** São Paulo. Manole. 2000.

DACOSTA, Lamartine, (org) ATLAS DO ESPORTE NO BRASIL. **Atlas do Esporte, Educação Física e Atividades Físicas de Saúde e Lazer no Brasil.** Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DEMO, Pedro. **Curriculum Intensivo na Universidade**. Cadernos de Educação, Pelotas, Ano 13, n. 24, p. 43-56, jan./jun. 2005.

DIAS, Cleuza M. S. Possibilidades e Limites no uso da Abordagem (Auto)Biográfica no Campo da Educação Ambiental. In: GALIAZZI, Maria do Carmo & FREITAS, José Vicente (Org). **Metodologias emergentes de pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Editora Unijui, 2007.

FREIRE, Marília. Diálogo entre a Educação e a Natureza. In: SCHWARTZ, Gisele Maria (org). **Aventuras na Natureza – consolidando significados**. Jundiaí/SP: Fontoura, 2006.

GALIAZZI, Maria do Carmo & FREITAS, José Vicente (Org). **Metodologias emergentes de pesquisa em Educação Ambiental**. Ijuí: Editora Unijui, 2007.

GIARETTA, Maria José: **Turismo da juventude**. Barueri/SP: Manole, 2003.

GREEN PEACE. **Diário de Bordo Verão** de 2003.

GRITO DAS ÁGUAS. **Projeto Corridas de Aventura Zona Sul/RS**. Pelotas, 2005.

GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**. Campinas/SP: Papirus, 1997.

JESUS, G. M. A Leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo. In: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Eloísa (org). **Turismo, Lazer e Natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

KRAKAUER, Jon. **Sobre homens e montanhas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

MAIRESSE, Denise. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisas. In: Fonseca, Tania Mara Galli; KIRTS, Patricia Gomes (orgs.). **Cartografias e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

MARIN, Elizara Carolina, Currículo e Formação do Profissional do Lazer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, nº. 1, Set/2001, pp. 123-130.

MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Eloísa. **Turismo, Lazer e Natureza**. São Paulo: Manole, 2003.

_____. **Viagens, Lazer e Esportes – O espaço na natureza**. São Paulo: Manole, 2006.

MARINHO, Alcyane e INÁCIO, Humberto Luís de Deus, Educação Física, Meio Ambiente e Aventura: Um Percurso Por Vias Instigantes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, nº. 3, 2007, pp. 55-70.

MARINHO, Alcyane. Lazer, Natureza e Aventura: Compartilhando Emoções e Compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, nº. 2, V. 22, Jan/2001, pp. 143-154.

MELLO, Paulo Roberto Barcellos. **Excursionismo**. ESEF/UFPEL, 1991. (Programa da Disciplina).

MOREIRA, Jaqueline C. C. – Ambiente, Ambiência e Topofilia. In: SCHWARTZ, Gisele Maria (org). **Aventuras na Natureza** – consolidando significados Jundiaí/SP: Fontoura, 2006.

MUNSTER, Mey de Abreu van . Esportes na Natureza e a graduação em Educação Física. In: **Anais do Simpósio sobre Ensino de graduação em Educação Física**. São Carlos : DEFMH/Universidade Federal de São Carlos, 2004.

PAVIANI, Jayme. **A Interdisciplinaridade no Ensino. Ambiente & Educação** – vol. 2 – Rio Grande: Fundação Universidade do Rio Grande, 1997, p. 87 e 88.

PEREIRA, Dimitri Wuo. **Escalada**. São Paulo: Odysseus Editora, 2007.

PIMENTEL, G. G. A. Aventuras de Lazer na Natureza: O que buscar nelas? In: MARINHO, Alcyane e BRUHNS, Eloísa (org). **Viagens, Lazer e Esportes** – O espaço na natureza. São Paulo: Manole, 2006.

PORTO, Paulo Roberto. **Esportes de Ação na Natureza**. Porto Alegre: PUCRS/FEFID: Apostila, 2003.

Programa da Disciplina. Colegiado de Curso da ESEF/UFPEL, 1995.

RAGO, Margareth. Libertar a História. In: Orlandi, Luiz B; RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze**: ressonâncias nietzschanas. 2. ed. Rio de Janeiro: DP &A, 2005.

REQUIÃO, Cristiano. **Manual do Excursionista**. São Paulo: Nobel, 1990.

ROLNIK, SUELY. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

ROMANINI, Vinicius e UMEDA, Marjorei. **Esportes de Aventura ao seu alcance**. São Paulo: Dei Comunicação, 2002.

SCHWARTZ, Gisele Maria. **Aventuras na Natureza** - consolidando significados. Jundiaí/SP: Fontoura, 2006.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2004.

SILVA, Ana Márcia. Das Relações Estéticas com a Natureza. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, nº. 3, 2007, pp. 141-156.

SILVA, Chico. Bem-Vindos ao País da Aventura. In.: **Revista Isto é**/1761 – 2/7/2003, PP. 76-81.

SILVEIRA, Diva Lopes, A Educação Ambiental e a dimensão Sócio-Ambiental na Educação Superior; In: **Educação ambiental**: reflexões e práticas contemporâneas / Alexandre de Gusmão Pedrini (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

TORTOZA, Charli. As Documentações Fotográficas e Videográficas nas Atividades de Aventura. In: SCHWARTZ, Gisele Maria (org). **Aventuras na Natureza** – consolidando significados. Jundiaí/SP: Fontoura, 2006.

UVINHA, Ricardo Ricci. **Turismo de Aventura** – Reflexões e Tendências. São Paulo: Aleph, 2005.

ANEXOS

Anexo I: Programa da Disciplina

1- Identificação:

Disciplina: Excursionismo

Departamento: Ginástica e Saúde

Carga Horária: 45 horas (15 Teóricas – 30 Práticas)

Número de Créditos: 02

Pré - requisitos: Ginástica I

Natureza: Disciplina Eletiva

2- Justificativa:

- Não haver no atual currículo nenhuma disciplina que proponha conteúdos semelhantes na profundidade requerida;
- A possibilidade de usar esses conhecimentos, com finalidades ecológicas, tão em pauta atualmente;
- A necessidade do jovem de entrar em contato com a natureza, tão desprezada em nossos dias;
- A complementaridade dos cinco meios utilizados pela Educação Física atingir os seus objetivos que são: a dança, a ginástica, o desporto, a recreação, todos já implementados no atual currículo, faltando o quinto meio, as atividades ao ar livre (campismo) agora proposto.

3- Objetivo geral:

Capacitar o aluno a excursionar e acampar sozinho ou em grupo utilizando como transporte os meios convencionais ou a caminhada e/ou bicicleta.

4- Conteúdos programáticos:

Unidade I: O excursionista: equipamento, alimentação, acantonamento e bivaque, meteorologia, orientação e acidentes.

Unidade II: O acampamento: medidas antes de acampar, tipos de acampamento, escolha do local, material, transporte, refeições e programas.

Unidade III: O "Trekking": regras de segurança, material, trilhas e atalhos.

Unidade IV: O "Cross Montaing": regras de segurança, trajeto e recomendações gerais.

5- Metodologia:

Os procedimentos didáticos serão: exposições orais e demonstrações realizadas pelo professor e alunos: trabalhos práticos realizados em pequenos grupos e em duplas. Haverá uma aula teórica por semana e no final do 1º bimestre e 1º trimestre oito aulas práticas num sábado a ser determinado e no último fim de semana...

6- Avaliação:

Trabalhos práticos durante o desenvolvimento do curso e auto-avaliação.

7. Bibliografia:

Manuais escoteiros

Requião Cristiano, Manual do excursionista. São Paulo, Nobel, 1991.

Anexo II: Questionário de Avaliação da Disciplina

ESEF - UFPEL
DISCIPLINA DE EXCURSIONISMO

- 1- QUAIS OS ASPECTOS QUE VOCE CONSIDEROU IMPORTANTES NA DISCIPLINA, EM RELAÇÃO ÀS AULAS TEÓRICAS E PRÁTICAS, PAINÉIS E SEMINÁRIO?
- 2- VOCE ACREDITA QUE A DISCIPLINA CONSEGUIU ATENDER SUAS EXPECTATIVAS? E QUE CONTRIBUIÇÃO OU CRESCIMENTO ELA TROUXE PARA SUA VIDA?
- 3- VOCE GOSTARIA DE FAZER ALGUMA CRÍTICA OU SUGESTÃO RELATIVA À DISCIPLINA, AO PROFESSOR OU AOS COLEGAS DO GRUPO?
- 4- COMO VOCE AVALIA O SEU ENVOLVIMENTO NA DISCIPLINA, QUANTO AO INTERÉSSE, ASSIDUIDADE E PARTICIPAÇÃO NAS AULAS PRÁTICAS, ALÉM DE OUTROS ASPECTOS QUE VOCE JULGA IMPORTANTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM?
- 5- CONSIDERANDO A SUA AVALIAÇÃO, QUAL A NOTA QUE VOCE ATRIBUI À SUA PARTICIPAÇÃO NA DISCIPLINA, NUMA ESCALA DE ZERO A DEZ?

*** CASO VOCÊ TENHA MAIS ALGUMA CONSIDERAÇÃO A FAZER, SINTA-SE À VONTADE

Anexo III: Registro de instituições, lugares e pessoas que contribuíram para o desenvolvimento das aulas na disciplina de Excursionismo.

Entidades:

ESEF UFPEL; TV UCPEL; TV CIDADE; PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS; ONG-CEA; ONG-FITUR; PATRULHA AMBIENTAL - BRIGADA MILITAR; CORPO DE BOMBEIROS; CLUBE DE ORIENTAÇÃO DE PELOTAS (COPEL); CENTRAL SUL RAFT (TRES COROAS); ESCOLA BOM PASTOR - PROJETO ECOVIV (NOVA PETRÓPOLIS).

Lugares:

CENTRO AGROPECUÁRIO DA PALMA, ECLUSAS, HORTO BOTÂNICO (CAPÃO DO LEÃO); CLUBE CAÇA E PESCA, CHARQUEADA SÃO JOÃO, ARROIO PELOTAS; CANAL SÃO GONÇALO, ORLA DA LAGOA DOS PATOS, ECOCAMPING MUNICIPAL, ILHA DA FEITORIA, LARANJAL, GINÁSIO ARENA, GINÁSIO MASTER, TUNEL FERROVIARIO, PEDREIRA DO MONTE BONITO, CENTRO DE CONVIVENCIA HOLÍSTICA, TRILHA JARDIM ESPAÇO ARTE, CACHOEIRA DO IMIGRANTE, TEMPLO DAS ÁGUAS, RECANTO DOS COSWIG, RESTAURANTE GRUPPELLI, RECANTO COLONIAL, SÍTIO AGUAS CLARAS, CACHOEIRA DO ARCO ÍRIS, CHÁCARA DOS PINUS, CAVG (PELOTAS); ECOMUSEU DA PICADA (RIO GRANDE); ALBERGUE DA JUVENTUDE E ESCOLABOM PASTOR, PANELÃO, PEDRA DO SILENCIO, (NOVA PETRÓPOLIS); PARQUE DAS LARANJEIRAS (TRES COROAS).

Pessoas:

VILMAR DOUGLAS, ELAINE NEVES, ANDREI GURVITZ, CÁSSIO CAVALHEIRO, RENATO PANCARO, CLAUDECIR MACHADO, ALEXANDRE LOPES, MILTON MONTELLI, WALCIR CORVELLO, LEILA MACIAS, VALTER AZAMBUJA, MÁRIO AZEVEDO JR, GUSTAVO FREITAS, JOÃO GILBERTO GIUSTI, ANDERSON FERNANDES, CLAUDIA MELO, DULCE, DANIEL SANTOS, MILTON GUERRA, JOSÉ INÁCIO SANTOS, ANDREA CHIES, DANIEL BOTELHO, MARCO ANTONIO GOTTINARI E MARTA GOTTINARI, LETÍCIA ROMANO, MARCUS E RUTH COSWIG, NORMA KOLS GRUPPELLI, VÂNIA REGINA PIEPER GRUPPELLI, PAULO RICARDO GRUPPELLI, JOÃO BENTO SCHIAVON, LUCIANO WEEGE, VALDOMIRO E ELINARA NEUMANN, VALDECIR PIRAN, CAPITÃO FACCIN, CABO MARIÂNGELA, GLEYCY KLEBER, VOLNEI RAMON, CLAUDIO PESAMOSCA, EVERTON PAIM, JOCELI BOSQUETI, ENIO ROBERTO WINKLER, CIMA SANTOS, RENATA SCHEELE, ELIZETE JESKE, MARÍLIA NEVES, MARCUS BUGS, PAULO WIETH, CLAUDIO ROBERTO FERREIRA, CARLOS ALEXANDRE BHEIRESDORF, PAULO ROBERTO POST, CARLOS DE SOUZA GONÇALVES, NECO TAVARES, DANIEL CAMPOS, ARAGONES MOREIRA, LUCIMÁRE CASTRO, CHIMENE JESKE, THIAGO ROSA, ITIBERÊ CARDOSO, PAULO ÁVILA, GILSON LOBO.